

Finalmente VOOU

Pág. 32



Hoje

Sete Ponto Sete

O Sete Ponto Sete de hoje é dedicado a Pablo Neruda, que morreu em 23 de Setembro de 1973, dias depois, portanto, do golpe fascista que interrompeu a vida democrática no Chile. Além das páginas especiais relativas a Neruda, o Sete Ponto Sete inclui as secções habituais.

Em Odivelas

Roubados três mil contos de jóias

Quatro jovens, de idades compreendidas entre os 18 e os 21 anos, rostos descobertos e armados com ferros (tipo «arranca-pregos», partiram ontem a montra da ourivesaria Fernandes, em Odivelas, em pleno dia (eram catorze horas) apoderaram-se de jóias no valor de três mil contos. Depois afastaram-se a toda a velocidade num «Datsun» que abandonaram alguns quilómetros mais adiante.

Na altura do assalto, o proprietário do estabelecimento, situado na Rua Fernando da Cunha, 12-A, encontrava-se a almoçar.

concurso DL

Prémios dos leitores e dos vendedores sorteados hoje

Há 54.344 concorrentes à espera dos resultados do sorteio que hoje, pelas 18 horas, na presença de representantes do Governo Civil de Lisboa, terá lugar nas instalações da «Renasçença Gráfica», na Rua Luz Soriano, n.º 17.

O CONCURSO DL/80 correspondeu à expectativa. Os nossos leitores mostraram um grande interesse pelas «revelações» que lhes foram oferecidas pelos «Cadernos Especiais» e têm aderido com entusiasmo a esta forma de convite para comemorarem connosco mais um aniversário do jornal.

Esta tarde, 59 prémios — um por cada ano de publicação do «Diário de Lisboa» — serão sorteados entre os 54.344 concorrentes do

CONCURSO DL/80. Também os vendedores serão contemplados. Segundo as indicações expressas nos boletins dos leitores concorrentes, serão atribuídos 10 prémios aos vendedores do «Diário de Lisboa».

Dada a multiplicidade e densidade de informação que nos é imposta pelo período eleitoral é provável que só na próxima segunda-feira seja possível publicar a lista completa dos premiados e que amanhã, sábado, nos limitemos a noticiar os beneficiários dos primeiros prémios.

Neste fim-de-semana o CONCURSO DL/80 será motivo de conversa nas casas dos nossos vendedores. A sorte sorrirá a alguns. O «DL» deseja boa sorte a todos.

Contrariando uma campanha de certa Imprensa

ELP esteve implicado no assalto ao museu de Guimarães

Pág. 32



Hernando Domingues

Margaret Thatcher em Paris para negociar com Giscard

Pág. 19

Eanes em Santa Margarida: um «até já» à Brigada NATO

Para a guerra da NATO em Itália, soldados tiveram farda nova e o «clao» de Eanes em Santa Margarida

Pág. 7

Sete minutos e 35 segundos

«O rigor, objectividade e pluralismo» em que Proença de Carvalho insiste como necessários à «missão de informar a opinião pública» foram mais uma vez desmontados pelo Partido Comunista Português.

Em nota da Secção de Informação e Propaganda da mesma organização política, um balanço dos tempos de imagem concedidos nos programas informativos da RTP1 ao Governo e forças políticas exactamente nas duas semanas que antecederam o início da campanha eleitoral (1 a 12 de Setembro), «apresenta os

seguintes e elucidativos resultados: **Governo** — 1 hora, 51 minutos e 42 segundos; **partidos da AD** — 2h, 16m e 39s (soma: 4h, 8m e 21s); **PS/FRS** — 2h, 52m e 36s; **PCP/APU** — 7m e 35s.

Denuncia ainda o PCP que a RTP, «que pretende não fazer cobertura noticiosa da campanha eleitoral», está agora «a promover debates onde estão ausentes representantes de partidos políticos, mas onde participantes nesses debates se permitem, em plena campanha eleitoral, difundir calúnias, suspeições e falsifica-

ções sobre o PCP e a sua política».

Ainda quanto ao balanço dos tempos de imagem, refere-se ainda que, respondendo a um protesto que lhe foi dirigido pelo PCP, Proença de Carvalho tentou justificar-se afirmando que a RTP «tencionava organizar mais debates, mas que só podiam promover 4 (...)», resolveu organizá-los apenas «entre personalidades das duas mais representativas forças políticas em presença». (...) Daí, pois, só 7 minutos e 35 segundos para o PCP/APU.

Boicote eleitoral na RDP

Jornalistas aguardam opinião da CNE

Jornalistas da RDP pediram à Comissão Nacional de Eleições que «publicamente se pronuncie sobre a proibição na RDP do tratamento de informação da campanha eleitoral». Efectivamente, um abaixo-assinado de cerca de 40 jornalistas de Lisboa da RDP, com um requerimento nesse sentido, foi entregue ao fim da tarde de ontem na CNE, segundo informa Adelino Gomes, um dos profissionais da Radiodifusão

que se insurgem contra o boicote eleitoral preconizado pela «hierarquia» afecta à AD naquela empresa pública de Comunicação Social.

Nenhum partido concorrente às eleições de 79 protestou contra a forma como a RDP fez então a cobertura da respectiva campanha eleitoral. Este ano, a Direcção de Informação (liderada por Fonseca Bastos,

homem de mão da AD) transformou em ordem de serviço imperativa a recomendação facultativa da Comissão Nacional de Eleições: isto é, decidiu-se só pelo «tempo de antena» e eliminou todas as notícias e reportagens sobre a campanha. Resultado: só uma das coligações concorrentes, a AD, sai beneficiada com esta medida, uma vez que a RDP se não abstém de noticiar os actos do Governo.

PATENTE

Vendem-se ou concedem-se licenças para exploração em Portugal das patentes de invenção:

N.º 54.334 — «RESINA DE MOLDAR APERFEIÇOADA DE TEREFALATO DE POLIALQUILENO».

N.º 59.668 — «PROCESSO PARA A PREPARAÇÃO DE COMPOSIÇÕES DE POLÍMEROS DE OXIMETILENO CONTENDO METASILICATO DE CÁLCIO».

TRATA: CLARKE, MODER e C.ª
Patentes e Marcas
Rua Castilho, 201-3.º Esq.
1000 LISBOA

ENCARREGADO DE SUPERMERCADO

PRECISA-SE

Resposta com informações à Sociedade

Cooperativa Piedense

Rua da Liberdade, 94 Cova da Piedade

INAUGURAÇÃO DE ÉPOCA

«ALL THAT JAZZ» não nos fala de jazz

«ALL THAT JAZZ» é tudo o que acontece antes do pano subir

Pela primeira vez o **quarteto**

apresenta um só filme nas suas 4 SALAS

agora com NOVO SOM • NOVO EQUIPAMENTO • NOVA DECORAÇÃO



ESTREIA SIMULTANEA EM LISBOA E PORTO

TRINDADE
PORTO

HOJE ESTREIA

quarteto

NEW
SOUND
BLANK
STEREO

INTERDITO A MENORES DE 13 ANOS

Banda sonora em disco
distribuido por POLYGRAM Discos S.A.R.L.

TEATRO MUNICIPAL DE SÃO LUIZ

SEMANA DO CINEMA ESPANHOL CONTEMPORÂNEO

22 A 28 DE SETEMBRO

uma iniciativa do Festival Internacional
de Cinema da Figueira da Foz
e da Câmara Municipal de Lisboa

selecção e organização da revista
CONTRACAMPO, de Madrid

2.ª feira, dia 22

18.30 h — «ARREBATO» de Ivan Zulueta

21.30 h — «A UN DIÓS DESCONOCIDO» de Jaime Chávarri

3.ª feira, dia 23

18.30 h — «IN MEMORIAN» de Enrique Brasó

21.00 h — «LOS OJOS VENDADOS» (*) de Carlos Saura
— colóquio com cineastas e críticos espanhóis

4.ª feira, dia 24

18.30 h — «CON MUCHO CARÍÑO» de Gerardo Tarcia

21.30 h — «CON UNAS Y DIENTES» de Paulino Viota

5.ª feira, dia 25

18.30 h — «EL PROCESO DE BURGOS» de Imanol Uribe

21.30 h — «LOS RESTOS DEL NAUFRAGIO» de Ricardo Franco

6.ª feira, dia 26

18.30 h — «DOS» de Alvaro del Amo

21.30 h — «LAS TRUCHAS» de José Luís García Sanchez

Sábado, dia 27

18.30 h — «LOS FIELES SERVIDENTES» de Francesc Betriu

21.00 h — «LA VERDAD SOBRE EL CASO SAVOLTA» (*) de António Drove
— colóquio com cineastas e críticos espanhóis

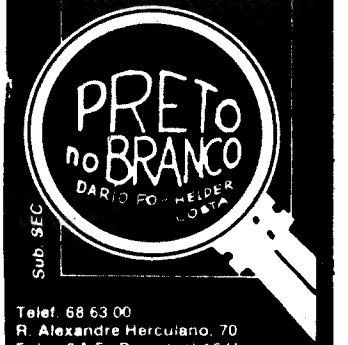
Domingo, dia 28

18.30 h — «EL CORAZÓN DEL BOSQUE» de Manuel Gutierrez

21.30 h — «LA VIEJA MEMORIA» de Jaime Camino

Preço único: 50\$00 (sem lugar marcado)
— espectáculos interditos a menores de 18 anos —
(*) atenção ao horário antecipado destas sessões

a barraca



Telef. 68 63 00
R. Alexandre Herculano, 70
Folga 2.ª F. Dom. (so) 16 H

Horário é «hoje às 21.45»
Domingo só 16 horas

ANDARES VENDEM-SE

2, 3 e 4 assoalhadas, alcatifadas, caixilharia de alumínio, madeiras de cor, construções de 1.ª, junto a Lisboa (passe social) bons preços. Trata: Lucamo, Soc. Construções, Lda.

Rua D. Estefânia, 157-r/c Dt.º
1000 Lisboa Telef. 57 80 33.

CARVOARIA MI-MOSA, LIMITADA

Certifico que por escritura de 2 de Julho do ano corrente, lavrada de fls. 98 a fls. 100 do livro n.º 198-A e IV.º do Livro n.º 199-A das notas do 17.º Cartório Notarial de Lisboa, foi aumentado de 5.000\$00 para 3.000.000\$00 o capital da sociedade em epígrafe, aumento esse no montante de 2.995.000\$00 efectuado em dinheiro pelo reforço que os sócios Custódio Lopes Martins, Clemente José Esteves de Araújo fizeram as quotas que possuíam com mais, respectivamente, 1.997.500\$00 e 997.500\$00, ficando na mesma sociedade o sócio Custódio Lopes Martins a ter uma quota de 2.000.000\$00 e o sócio Clemente José Esteves de Araújo a ter uma quota de 1.000.000\$00.

Pela mesma escritura foi alterado o pacto social no tocante aos artigos 2.º, 3.º, 4.º e 6.º, que passaram a ter a redacção seguinte:

SEGUNDO

O capital social é de TRÊS MILHÕES DE ESCUDOS, integralmente realizado nos diversos valores constantes da escritura e corresponde a soma de duas quotas: uma do valor nominal de DOIS MILHÕES DE ESCUDOS pertencente ao sócio CUSTÓDIO LOPES MARTINS e outra do valor nominal de UM MILHÃO DE ESCUDOS pertencente ao sócio CLEMENTE JOSÉ ESTEVES DE ARAUJO.

TERCEIRO

A gerência da sociedade e a sua representação em Juízo e fora dele, activa e passivamente, pertence a ambos os sócios, que desde já ficam nomeados gerentes, com dispensa de caução e com ou sem remuneração, conforme for deliberado em Assembleia Geral.

QUARTO

Para obrigar validamente a sociedade, em Juízo e fora dele, activa e passivamente, é bastante e suficiente a assinatura de um gerente.

SEXTO

Quando a lei não exija outras formalidades, as reuniões da Assembleia Geral serão convocadas por cartas registadas dirigidas aos sócios com oito dias de antecedência, pelo menos.

ESTÁ CONFORME AO ORIGINAL
17.º Cartório Notarial de Lisboa, 11 de Setembro de 1980.

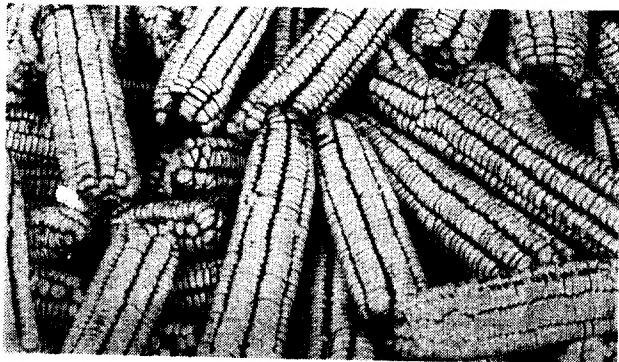
O 2.º Adj. do Cartório
(Manuel Pereira)

ponto a ponto

● O nosso amigo **Carlos Botelho**, companheiro do «Diário de Lisboa» há longos anos, grande animador das nossas páginas e grande pintor de Lisboa, completou ontem 81 anos. Entre os muitos amigos e admiradores que o saudaram, teve a visita da dra. Manuela Ramalho Eanes que para além das suas felicitações lhe levou as do Presidente da República. O «Diário de Lisboa» de que Carlos Botelho é um amigo fiel e um colaborador dedicado, associa-se às provas de estima e admiração que Carlos Botelho recebeu.



● **Blasco Hugo Fernandes**, membro do secretariado nacional do MDP/CDE, regressou da República Democrática Alemã onde, a convite da Frente Nacional cumpriu uma visita de vários dias. Nas reuniões mantidas entre dirigentes daquela organização da RDA e Blasco Hugo Fernandes, foi reconhecida a necessidade de maior estreitamento das relações entre as duas organizações para maior conhecimento da realidade de ambos os países, na perspectiva da amizade entre os povos, da Paz e do Progresso Social na Europa e no Mundo.

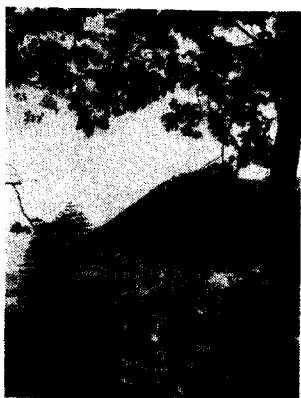


● A problemática da **produção do milho** no Noroeste de Portugal constituirá o tema de um simpósio a realizar em Braga nos próximos dias 23, 24 e 25, numa organização do Centro de Desenvolvimento Agrícola da Quimigal, e que conta com a participação de técnicos portugueses e de mais dezoito países. Serão debatidos temas como «As perspectivas para o milho», «A tecnologia mineira e culturas alternativas», «Comercialização e crédito» e «A extensão rural e o fomento».

● O Partido Comunista Português acaba de repudiar a morte por enforcamento de **Kim Dae Jung**, presidente deposto da Coreia do Sul. Dae Jung, afirma-se no comunicado do PCP, patriota sul-coreano, obteve 45 por cento dos votos nas eleições presidenciais de 1971, não obstante as graves limitações impostas pela ditadura de Park-Jung-Hi. O PCP considera ainda que o julgamento-farsa de Dae Jung vem na sequência da repressão contra o povo da Coreia do Sul em luta pelas liberdades democráticas e contra a ditadura fascista.



● A União das Mulheres Antifascistas e Revolucionárias dos **Açores** denunciou ontem em Angra do Heroísmo a ineficácia da política desenvolvida pelo Executivo açoriano nos domínios da habitação, apoio à criança e à família e no emprego feminino. Numa conferência de imprensa realizada naquela cidade para apresentação dos candidatos daquela organização que integram as listas da UDP à Assembleia Regional dos Açores, as responsáveis da UMAR manifestaram também a sua solidariedade a Isabel do Carmo.



Quirino de Jesus: nos bastidores da cena política

Cecília Barreira

«Venho contar a história memorável, Que o valoroso povo Lusitano, Firmado pelo grande Condestável, Desenvolveu na Terra e no Oceano, Tornando-se elemento indispensável Da evolução geral do Ser Humano, Enquanto pelo mundo houver potências, Com bandeiras, domínios e influências».

Quirino de Jesus, Lusa Epopeia, Canto, I, 1921

Quirino Avelino de Jesus não se evidenciaria por um qualquer brilhantismo na prosa, pela fluência da rima ou por uma invulgar profundidade filosófica. O romancista falhado e o bardo mediocre influenciariam decisivamente o prosador político no gosto da frase onomatopaicamente construída, da tirada soante, fartamente adjectivada, que leituras de Le Play, Maurras e Leão XIII consolidariam.

A vocação de Quirino no entanto, estaria irresistivelmente granjeada para os números, orçamentos estatais, finanças públicas, balanços de pagamento. A verve literária, essa, posicionada para segundo plano, aguardava o melhor ensejo para

se manifestar, emoldurando a aridez das contas com interpretações abstractas acerca dos destinos de Portugal e das colónias.

E efectivamente a história dum a apagada e oculta (não tão apagada nem tão oculta como a primeira visão poderia parecer...) personagem dos meandros político-económicos lusos dos anos vinte-trinta que ora nos motiva estas notas de circunstância.

Quirino (n. 1865, m. 1935) emerge na vida pública posteriormente ao Ultimatum inglês de 1890 através do «Correio Nacional», periódico ligado aos meios episcopais. Rapidamente ascende à chefia da redacção

especializando-se em artigos sobre colónias; no entanto, fundava o «Portugal em África» (1894) e obtinha um cargo na Caixa Geral de Depósitos. Uma breve passagem pelas câmaras, como deputado independente, completa o quadro dum vulgar alto funcionário da administração.

Não é, contudo, o Quirino de Jesus dos anos imediatamente subsequentes ao Ultimatum que nos forjou um olhar atento e analítico: é o autor da «ossatura jurídica» do salazarismo, o seareiro dos anos vinte, o amigo pessoal de Oliveira Salazar que nos merece alguma reflexão. Diria Carlos Ferrão:

«Pertenceu Quirino de Jesus ao Centro Católico e, afastado dele, serviu como conselheiro financeiro a diversos ministros republicanos como o dr. Pestana Júnior, da Esquerda Democrática, e aproximou-se do grupo da Seara Nova, revista de que foi colaborador assíduo e na qual

publicou o seu primeiro artigo, em 15 de Outubro de 1921, (...)» (1).

Não abandonemos o dealbar do século sem nos determos nos projectos falhados de formação de um Centro Católico, a que estariam relacionados Jacinto Cândido e o Conde de Bertandos. O próprio Quirino confessaria em artigo de teor autobiográfico publicado na «Seara Nova»: «Para a direcção do Centro vieram os srs. Jacinto Cândido e Conde de Bertandos e o professor Almeida Garrett, todos pares do Reino. Tenderam logo os dois primeiros a transformar o Centro em partido do Governo». (2).

Os primeiros anos de novecentos assistem a uma colaboração intensa de Quirino no «Portugal em África», no «Notícias de Lisboa», no «Correio do Norte» prolongando-se num silêncio calculado e consentido após o 5 de Outubro.

Continua na pág. 4



UM DESTINO

O dr. Francisco Sá Carneiro concedeu ao semanário «Tempo» uma entrevista. Diz o semanário, soprando com força as trombetas publicitárias, que «a mais importante e extensa que concedeu a um órgão da imprensa portuguesa depois que assumiu a chefia do Executivo da Aliança Democrática». Vem na edição do dia 18 de Setembro. É relativamente importante e é absolutamente extensa. Trata-se de uma longa oração do Primeiro-Ministro, proferida, para o gravador do director do semanário, no gabinete «impecavelmente arrumado», da Rua Gomes Teixeira.

Esta circunstância deve ser referida porque já se censurou ao general Ramalho Eanes o facto de receber, no Palácio de Belém, individualidades e comissões que lhe vão solicitar a recandidatura, a ela aderir, manifestar-lhe apoio. Duas medidas, dois critérios. Para alguns, varreram-se nesta fase polémica e apaixonada que estamos a viver os escrúpulos de equilíbrio crítico: tudo quanto Eanes faz é **eleitoralista**, tudo quanto é feito pelo Governo AD, e designadamente pelo Primeiro-Ministro, se cinge às regras de uma governação discreta.

Mas deixemos o que, embora significativo de um país dividido, em números, pelos resultados eleitorais, e em mentalidades, pela ressurreição de um ultramontano sectarismo, demagógico e arruaceiro, a lembrar (como já foi lembrado), o «miguelismo» oitocentista. Regressemos à entrevista.

Se o leitor conjugar duas frases das declarações do dr. Francisco Sá Carneiro, terá uma chave para interpretar a sua atitude pessoal e política. O dr. Sá Carneiro afirma: «O nosso Governo provou que se pode governar Portugal sem o Partido Socialista e contra o Partido Comunista». E afirmou também: «O Presidente da República nunca teve uma palavra de apoio para o Governo mesmo quando este era atacado pelo Conselho da Revolução».

Se **contabilizarmos**, em termos demográficos e em termos políticos, estas afirmações. Se sobre elas reflectirmos. Temos o pano de fundo no qual se recorta a personalidade orgulhosa e confiante de um homem que se dispõe a governar — e que quer governar mais quatro anos — sem (ou contra) metade de Portugal.

Vangloria-se o dr. Francisco Sá Carneiro de ter feito a prova, na sua prática governativa, da possibilidade de «governar Portugal sem o Partido Socialista e contra o Partido Comunista». São nossos os sublinhados que dão as graduações de uma distinção bem patente (e não só para o dr. Sá Carneiro). Mas é evidente que com o Partido Socialista (sem o qual governou) o actual Primeiro-Ministro engloba uma faixa «social-democrata» e uma faixa «socialista autogestionária», muitos democratas independentes, muitos cristãos progressistas; e é evidente que falando do Partido Comunista (contra o qual governou) pensa numa vasta área de «esquerda» que engloba aliados do PCP, como o MDP/CDE, e contestatários, da linha APU, tais como, de um lado, a UDP e a FUP, de outro lado os socialistas trozkistas de distintas escolas.

A soma aritmética das capacidades eleitorais que, em 2 de Dezembro, a dispersão levou ao insucesso parlamentar, constitui, como é sabido, uma «maioria política» no seio do povo, na Nação portuguesa. Contra essa «maioria», contra

mais de metade de Portugal, o dr. Francisco Sá Carneiro vangloria-se de ter governado, e, na antevéspera de novo acto eleitoral, propõe-se continuar a governar para cumprir uma «missão» que recebeu do destino, que não da maioria dos Portugueses: «Quando conseguir para Portugal um regime plenamente democrático, terei cumprido o meu principal objectivo».

Esta predestinação, no foro íntimo edificada com os materiais precários do orgulho próprio, da adulação dos partidários, do incenso louvaminheiro, dispensa a avaliação crítica do «regime democrático» a construir contra a vontade de metade de Portugal e a meditação da verdadeira extensão do advérbio «plenamente».

Ficamos a saber que, para o dr. Francisco Sá Carneiro, «um regime plenamente democrático» é um regime pensado, programado e dirigido pela «coligação AD». E, predestinado que é, o dr. Sá Carneiro dispensa-se de obrigações exigíveis aos comuns e mortais cidadãos deste Portugal, que é, novamente, «país lilaz», que é, novamente, neste quente Verão um «desterro azul». Dispensa-se de explicar qual é a lógica e a coerência ideológica da «coligação AD». Continua, hoje na «aliança», como ontem quando mudou o nome do partido, de PPD para PSD, a proclamar-se «social-democrata». Considera a «social-democracia» como «uma resposta pragmática a determinados princípios e ideias». Não é claro, não é explícito, mas é prático.

Já lemos, algures, que «em política, o que parece é». Para o dr. Francisco Sá Carneiro a «prática política» é uma «resposta pragmática». O objectivo será: «a conciliação dos valores liberais fundamentais com um regime económico que rejeita o capitalismo liberal».

O vocabulário liberal é pouco rigoroso. Diz-se «valores liberais», sem distinguir (ou sem compreender a necessidade de distinguir) os «valores do liberalismo» e os «valores da liberdade». Mas mais preocupante é a incoerência do pensamento formulado com muita palavra e rara lógica. Assim: «E portanto (...) a social-democracia) um caminho de harmonização de forças sociais, de não imposição do Estado, de não domínio do Estado nos sectores produtivos, mas sim de controlo do poder económico pelo poder político».

Também aqui, neste imbróglio de um «não domínio do Estado» que se conseguirá pelo «controlo do poder económico pelo poder político», o dr. Sá Carneiro se dispensa mais longas explicações. Afirma. Não se percebe bem como ao «não domínio do Estado» corresponderá uma capacidade do «poder político» para controlar o «poder económico». Do «caminho de harmonização de forças sociais» muito ouvimos falar, em Portugal e noutros países, nos anos trinta. Em Portugal essa doutrinação, na primitiva ortodoxia, prolongou-se até 1969, entrou, depois, numa fase de revisão reformista. A Oliveira Salazar sucedeu Marcelo Caetano. Ambos quiseram a «harmonização de forças sociais» através do «domínio do Estado», da afirmação do «poder político», da negação da evidência das contradições de classe. Ambos desconhecaram — e oprimiram — a outra metade de Portugal. Fizeram, no seu tempo, e ao seu modo, «bipolarização».

Mais do que o «regresso» das pessoas de «antigamente», é motivo de profunda preocupação o «regresso» das ideias, da mentalidade, do «pragmatismo», da «vontade de poder». Preocupação que, de novo, se ergam mitologias de chefia, se fabriquem «estadistas», se promovam «salvadores», se cultive a divisão de Portugal, a «bipolarização» dos Portugueses.

Ao jornalista que lhe pergunta: «Como encara as relações que foi tendo com os sindicatos, com as forças das massas trabalhadoras?», o dr. Sá Carneiro responde em termos vagos, circunvagantes, e, de súbito, saem-lhe palavras que tudo explicam: «Mas o Governo somos nós...».

... Mas o Governo é a AD. O chefe do Governo é Ele. Ele não tem satisfações a dar da sua vida. A aproximação, o consenso, o diálogo, não lhe interessam. Cumpre um destino.

Quirino de Jesus: nos bastidores da cena política

Continuação da pág. 3

retira-o duma aparente letargia intelectual: funda então o «Económista Português» e a partir de 1920 publica com regularidade artigos na «União», na «A Época», na «Pátria», etc. etc.

Cunha Leal, seu acérrimo inimigo, denunciaria, já em 1930, certos negócios ilegais em que presumivelmente estaria implicado relativos à questão sacarina da Madeira e da Hinton, empresa exploradora:

«A questão sacarina da Madeira, durante a vigência da monarquia, foi sempre orientada pelo dr. Quirino de Jesus, então advogado da Hinton e seu representante em Lisboa, pelo que era pago, principescamente, visto sacar sobre Hinton repetidas vezes e a propósito de tudo. Hinton, por fim, farto de tanta exploração, pois os saques iam sempre num crescendo assustador, acabou por romper com Quirino, que lhe jurou guerra de morte, abrindo, com efeito, contra ele, diversas campanhas, mentindo descaradamente, e negando até afirmações e números que publicara com o seu nome, no tempo em que fora advogado do mesmo Hinton» (3).

Mas quais, afinal, as temáticas que tanto obsessam Quirino de Jesus? Fundamentalmente a questão colonial e as finanças públicas. Um acentuado malthusianismo económico lhe determina a visão económica. Simultaneamente, salvação o apocalipse nacionais debatem-se maniqueísticamente a propósito do maior ou menor défice orçamentário. Trabalho, sacrifício, ordem ascendem ao topo numa pirâmide de valores:

«O maior de todos os males

está na dissolução dos laços morais da sociedade portuguesa. Nem os partidos, nem as classes, nem as famílias, nem os indivíduos, em geral, querem salvar a nação pela solidariedade, pelo trabalho e pelo sacrifício» (4).

Passando em revista os títulos de alguns dos artigos publicados na «A Época» em 1920 ser-nos-á mais facilmente perceptível o alarmismo que timbrava grande parte das suas opiniões sobre política económica: «O abismo económico e financeiro» (29 de Março), «O drama financeiro» (3 de Abril), «A crise portuguesa» (7 de Abril), etc.

E enquanto pensador e articulista de questões financeiras que Quirino é convidado a colaborar na «Seara Nova» onde norteia a sua doutrinação na defesa de três princípios-base: a necessidade de um desenvolvimento populacional, o corte nas despesas do Estado, a «conquista rápida de uma produção agrícola na metrópole e nas colónias» (5). O seu primeiro livro de fôlego (depois de um panegírico a Barros Gomes publicado post-ultimatum) é elaborado de colaboração com Ezequiel de Campos (6): **A Crise Portuguesa** (1923). Já em 1925, numa conferência proferida por ocasião do quarto aniversário da «Seara Nova», subordinada a esse mesmo item, este último teria oportunidade de referir:

«Nenhum povo pode viver feliz sem o equilíbrio económico e financeiro. Aquele, havemos de obter pela superabundância de produtos agrícolas, na metrópole e nas colónias, em vez de pela exportação de gente, branca e preta; e o equilíbrio financeiro pela valorização da grei em tra-

balho útil, rendoso e humano» (7).

E de salientar a importância dum anexo à obra citada, donde consta um documento, — **Apelo à Nação** — no qual se articulam e dilucidam as teses programáticas dos seareiros para uma governação ideal do país. Embora não estejam assinadas reconhecem-se, nas que respeitam aos sectores da agricultura e finanças, as autorias respectivas de Ezequiel de Campos e Quirino de Jesus. Na alínea de **Política Geral** apela-se à «Organização de um ministério nacional de salvação pública» e ao «Uso de faculdades excepcionais pelo poder executivo, durante o período necessário para se lançarem as bases da reorganização nacional» (8).

A utilização de faculdades excepcionais por parte de um poder executivo era uma hipótese que não andaria distante da ditadura provisória propugnada pela «Seara» na persecução dum completo arejamento da estrutura parlamentar e governativa do país, viciada por uma pesada máquina burocrática e administrativa que a República não soubera ultrapassar. Um percurso político como o de Quirino — itinerante das esquerdas para as direitas — só se poderá entender na própria dissecação dessa trama ambígua e enevoada que coincidia com as esquerdas em Portugal, anos vinte, desorientadas entre o tradicional papel de oposição moderada e positiva e a sedução revolucionária, sob a qual se alcançavam outras forças que não propriamente democráticas.

Em 1925, em declarações prestadas ao «Diário de Lisboa», Quirino afirmaria:

«Não sou político, nem republicano, nem monárquico. Acusam-me até de reacçãoário. Sou um homem guiado por ideias superiores, que visem a ajudar o país a salvar-se» (9).

Este suprapartidarismo desdenhoso e consciente é um dos trilhados por onde se manifesta uma ideologia latente, em caudal profundo, reagindo contra os partidos políticos e a livre organização de opiniões de cidadãos: nos bastidores políticos, em tubo de ensaio nas consciências, o fascismo aguardava o momento de ter força de lei.

Num próximo artigo abordaremos, com algum pormenor, a colaboração de Quirino de Jesus na «Seara Nova».

NOTAS:

- (1) Carlos Ferrão, «Quirino de Jesus/Eminência parca do salazarismo» in *História*, n.º 5, Março de 1979, p. 4.
- (2) Quirino de Jesus «O Centro Católico e «A Época»» in *Seara Nova*, 7 de Nov. de 1925, p. 208.
- (3) Cunha Leal, *A obra intangível do dr. Oliveira Salazar*, Lisboa, Edição do Autor, 1930, pp. 121-122.
- (4) Quirino de Jesus, «O esforço externo» in *União* de 27-3-1920, p. 4.
- (5) Quirino de Jesus, «O abismo económico e financeiro» in *Seara Nova* n.º 7 de 1-11-1922.
- (6) Ezequiel de Campos (1874-1965), engenheiro, procurador à Câmara Corporativa desde 1935.
- (7) Ezequiel de Campos, «A crise portuguesa» in *Seara Nova* n.º 57, de 24-X-1925.
- (8) Quirino de Jesus e Ezequiel de Campos, *A Crise Portuguesa*, Porto, Empresa Industrial Gráfica do Porto, 1923, p. 209.
- (9) «A resposta de Quirino de Jesus a Cunha Leal sobre o convite feito a Raul Esteves para entrar numa revolução» in *Diário de Lisboa* de 29 de Abril de 1925.

CECILIA BARREIRA

Um novo livro de Marcelo Curto:

“Democracia na empresa”

O autor deste estudo sobre as relações, na doutrina e na prática, da Democracia com a Economia, é um homem político, deputado, ex-ministro, dirigente do Partido Socialista, que exerce a profissão de advogado e se tem especializado em problemas de Direito do Trabalho e Direito Sindical, que se tem interessado pelos problemas do Cooperativismo, que tem uma concepção autogestionária do Socialismo e da própria Democracia.

O título — «Democracia na Empresa» — é de algum modo redutor. Trata-se, realmente, da **democracia**, na economia e nas actividades do «todo social», e é, justamente, por uma reflexão sobre a democracia que Marcelo Curto ataca as questões que se propõe estudar. Recorda Marcelo Curto que «democracia foi uma palavra de ordem revolucionária na revolução de 1848/49. A expansão do capitalismo liberal, da sua riqueza, dos seus novos mercados, a obtenção de garantias do Estado para o desenvolvimento do comércio, até aos fins do século XIX, vai fazer perder as ilusões que a classe

média pequeno-burguesa alimentara e de que as experiências do socialismo utópico de Saint-Simon, Fourier e de Owen são um exemplo. Até 1848 o conceito de luta de classes não existia, nem em teoria nem na prática». Seguidamente, Marcelo Curto refere-se à «descoberta» de Marx. E em páginas que denotam leituras e preocupações críticas desmonta as teorias do «casamento» do capitalismo com a democracia.

Opõe Marx a Lênine, contesta o «controle centralizado», reconhece, com François Mitterrand, a importância do «mercado» e com Bruno Craxi a vantagem do «pluralismo socialista» manter (ao que se supõe nas primeiras fases) o «pluralismo económico». É um partidário do socialismo autogestionário.

O leitor terá um particular interesse em informar-se de matérias como: «As Comissões dos Trabalhadores em Portugal», a Lei n.º 46/79. Desta não só o comentário analítico como o texto encontrará nas páginas de «Democracia na Empresa».

Edição «Heptágono», Damaia.

SE TEM PASSE E FACIL ARRANJAR O CABELO

E custa menos do que imagina. Bons horários sociais. ABERTO DAS 8h. AS 20h. Direcção de:

O. P. C. P.

Oficina Popular de Cabeleiros Portugueses

Av. da República n.º 5 1.º C. Tel. 57 24 01

AUTOCARROS: 1, 21, 16, 26, 27, 18, 32, 36, 42, 44, 45 e 49

INTERURBANAS: RN, Barraqueiro, Isidoro, Gaspar

Precisamos para a nossa equipa de Cabeleiros e Técnicos de cores e permanentes, HORÁRIOS a combinar de 36 ou 44 horas semanais

METRO: Saldanha ELÉTRICOS: 24-27

BELAS — QUELUZ



José Lucas Martins

(Agente dos jornais em Queluz)

FALECEU

Sua esposa, filhas, irmãos, cunhados, sobrinhos e demais família, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu muito querido marido, pai, irmão, cunhado, tio e parente e que o seu funeral se realiza amanhã pelas 16 horas a sair do Quartel dos Bombeiros Voluntários de Belas para o cemitério local.

Agência Cardoso, de Queluz
Telef. 952563

LUSTRES — CANDEEIROS

ANTÓNIO MENDES TENREIRO

REPARAÇÕES · TRANSFORMAÇÕES

COLOCAÇÕES

ORÇAMENTOS GRÁTIS

Rua Ilha do Faisal, Lote 91 Tel. 33 45 63 Pontal - 1675 Lisboa



M. R. — MANUEL RAFAEL

MATERIAL ELÉCTRICO

TUDO EM ELECTRICIDADE

Travessa do Forno, 7-A (ao Rossio)

Tel. 371001/2 LISBOA

Em OLHÃO o **Diário de Lisboa** está à venda no Quiosque da Praça Patrão Lopes

RAMO AUTOMÓVEL

Empresa estável e em grande desenvolvimento admite para as suas oficinas na zona de Cabo Ruivo

BATE CHAPAS qualificados

EXIGE-SE:

- Saudáveis
- Experiência comprovada
- Referências

OFERECE-SE

- Vencimento acima do contrato
- Subsídio de almoço
- Actualização anual de ordenado
- Regalis sociais

Resposta a este jornal ao n.º 19 913

EMPRESA INDUSTRIAL DO RAMO AUTOMÓVEL LOCALIZADA NA ZONA DE CABO RUIVO ADMITE:

ESCRITURÁRIO

PRETENDE-SE:

- Prática efectiva de trabalho em contabilidade (classificação de documentos)
- Curso geral de administração e comércio
- Situação militar regularizada
- Idade até 30 anos
- Entrada imediata

OFERECE-SE:

- Bom ambiente de trabalho
- Cantina e refeitório subsidiado
- Remuneração compatível com o lugar e experiência na função

Enviar «curriculum» detalhado e ordenado pretendido a este jornal ao n.º 19 912

SOCIEDADE FILARMÓNICA

INCRÍVEL ALMADENSE

CONVOCAÇÃO

Ao abrigo dos parágrafos 1.º, 4.º e 5.º do artigo 16.º (Capítulo II) dos Estatutos, convoco os sócios da colectividade para uma Assembleia Geral Extraordinária, a realizar no Salão de Festas, no dia 19 de Setembro de 1980, às 21 horas, em 1.ª convocação, com um ponto único na sua

ORDEM DE TRABALHOS

Discussão de uma proposta dos Corpos Gerentes para alteração do valor da quota mensal dos sócios, de acordo com o artigo 2.º do Capítulo I dos Estatutos.

O presidente da Assembleia Geral
(Alexandre dos Santos Castanheira)

N.B. — Se à hora fixada não estiver o número de sócios requerido pelos Estatutos, a Assembleia reunir-se-á uma hora depois, qualquer que seja o número dos presentes.

Lurdes Pintasilgo em Faro**Confiança na reeleição de Eanes e na vitória das forças que o apoiam**

Cento e dez decretos do Governo Pintasilgo continuam «bloqueados pela AD», entre os quais o que estabelece o direito à assistência médica para todos os portugueses, revelou ontem em Faro o antigo primeiro-ministro no decorrer do colóquio «Portugal — que amanhã?».

Maria de Lurdes Pintasilgo falava para centenas de pessoas num recinto ao ar livre, depois da gerência do Teatro Lethes ter recusado a cedência das instalações, que só seriam utilizadas se a engenharia se compromettesse a não falar de política. Na mesma ocasião, foi divulgado o convite feito pelo Governo de Belgrado a Lurdes Pintasilgo para estar presente na Conferência Geral da

Unesco, que se inicia no próximo dia 23 na capital jugoslava. O antigo primeiro-ministro não poderá estar presente na reunião como representante do Governo português, mas irá a Belgrado a título pessoal.

Na sua intervenção, a engenharia Lurdes Pintasilgo manifestou-se confiante na reeleição do general Ramalho Eanes e na «vitória em 5 de Outubro das forças que o apoiam sem equívocos». O tema da informação foi igualmente abordado, tendo feito um apelo aos jornalistas para que «não cedam a pressões e combatam uma censura interna pior do que a existente antes do 25 de Abril».

«A cultura é o acto por exce-

lência de transformar o mundo», afirmou ainda Lurdes Pintasilgo, acrescentando que «vamos com certeza ter um país livre, onde tenhamos trabalho para todos e trabalho como força de cultura».

Aludindo a críticas que lhe foram feitas por defender uma nova ordem económica, sublinhou que «os governos não fazem mais do que a sua obrigação, quando dão ao povo aquilo de que ele precisa». A concluir a sua intervenção, defendeu o papel de Portugal na paz mundial, dizendo que «podemos realizar uma missão à altura da nossa realidade histórica, desde que não tenhamos um discurso para Lisboa e outro para Estrasburgo».

Face à incúria da JNPP**“Mafiosos” especulam com a febre aftosa**

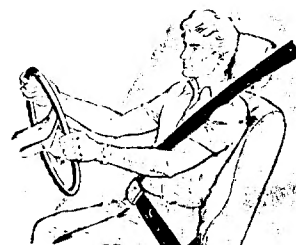
A Confederação Nacional da Agricultura (CNA) divulgou ontem um comunicado em que afirma não estar ainda totalmente erradicado o surto de febre aftosa reclamando a intervenção das entidades responsáveis, nomeadamente da Junta Nacional dos Produtos Pecuários (JNPP). «A incompetência, incapacidade e incúria» dessas entidades é, segundo a CNA, responsável pela situação.

O surto de febre aftosa levou

já ao encerramento de feiras e a CNA lamenta que os agricultores, necessitados de vender o gado, tenham de cair nas mãos dos comerciantes negociando a preços reduzidos. «Dezenas de contos em cada cabeça de gado bovino assim transaccionado é quanto os produtores chegam a perder», acusa a CNA, para acrescentar: «Não houve um plano nacional de ataque à febre aftosa, não foram fornecidas vacinas em quantidade suficiente, muitos agricultores foram e são

vítimas indefesas de especuladores sem esnarpulos na aplicação das vacinas».

A JNPP, provando uma vez mais o seu total desprezo pelos interesses dos produtores e a mais ampla ignorância da situação — frisa a CNA — não mexe uma palha e os preços praticados nos seus matadouros são inferiores aos praticados pelos comerciantes, tendo ainda os agricultores que suportar as despesas de transporte».

ARRENDAM-SE**ESCRITÓRIOS DEVOLUTOS, SITOS NA RUA****JARDIM DO TABACO, EM LISBOA,****COM AS SEGUINTE ÁREAS (M2):****30 70 100 110 120****130 160 170 240 280****TRATAR DURANTE AS HORAS DE EXPEDIENTE,****COM O SECTOR DE RELAÇÕES PÚBLICAS,****ATRAVÉS DOS TELEFONES 386171/9****Proteja a sua vida!****Use sempre o cinto de segurança****EDIÇÕES ESCOLARES 1980****TODOS ESTES LIVROS ESTÃO RIGOROSAMENTE DE ACORDO COM OS PROGRAMAS EM VIGOR****ensino primário****série PAPU**

Para a Iniciação e Aprendizagem da Leitura e Escrita. Organização de M. Manuela Boaventura.

PAPU 1
PAPU 2

série SEMENTINHA

Leituras e Fichas de Trabalho. Organização de Maria Natália Miranda.

SEMENTINHA 3-LEITURAS — 3.º ano de escolaridade (1.º ano da 2.ª fase).

SEMENTINHA 3-FICHAS DE TRABALHO — de apoio ao Livro de Leituras.

SEMENTINHA 4-LEITURAS — 4.º ano de escolaridade (2.º ano da 2.ª fase).

SEMENTINHA 4-FICHAS DE TRABALHO — de apoio ao Livro de Leituras.

série O PEDRO, A RITA E O MEIO FÍSICO E SOCIAL

Destinado ao ensino do Meio Físico e Social. Totalmente de acordo com os novos programas. Organização de Isabel Loureiro, Ilda Oliva Teles, Viegas Cruz e C. Perdigão Silva.

O PEDRO, A RITA 1 — 1.º e 2.º anos de escolaridade (1.ª fase completa).

O PEDRO, A RITA 3 — 3.º ano de escolaridade (1.º ano da 2.ª fase).

O PEDRO, A RITA 4 — 4.º ano de escolaridade (2.º ano da 2.ª fase).

Saída dos prelos: mês de Outubro.

HISTÓRIA DE PORTUGAL — Em complemento do 4.º ano.

Saída dos prelos: mês de Outubro.

LIVRO DO PROFESSOR — Saída dos prelos: mês de Outubro.

série O TRAQUINAS E A MATEMÁTICA

Para o ensino da Matemática. Organização de Isabel Loureiro e A. Gil.

O TRAQUINAS 0 — Pré-Primária e Iniciação.

O TRAQUINAS 1 — 1.º ano de escolaridade (1.ª fase).

O TRAQUINAS 2 — 2.º ano de escolaridade (2.ª fase).

O TRAQUINAS 3 — 3.º ano de escolaridade (1.º ano da 2.ª fase).

Saída dos prelos: finais de Setembro.

O TRAQUINAS 4 — 4.º ano de escolaridade (2.º ano da 2.ª fase).

Saída dos prelos: mês de Outubro.

NOVO**ACTIVIDADES**

Fichas de revisão de toda a matéria do 4.º ano de escolaridade (2.º ano da 2.ª fase). Organização de Isabel Loureiro e A. Gil.

c. p. e. s.**NOVO****série EU E A MÚSICA**

Para a disciplina de Educação Musical do Ensino Preparatório.

EU E A MÚSICA 1 — Nova edição. De acordo com as mais recentes inovações nesta matéria. Totalmente ilustrada a cores. Organização de M. Margarida Almeida e Sousa e Maria Teresa Pereira da Silva. Para o 1.º ano do C. P. E. S.

NOVO

LIVRO DO PROFESSOR — De apoio ao professor, sobre o livro do aluno (Eu e a Música 1 — nova edição).

EU E A MÚSICA 2 — Organizado por M. Margarida Almeida e Sousa. Maria Teresa Pereira da Silva e Maria Luísa Pecegueiro. Para o 2.º ano do C. P. E. S.

ensino secundário**QUÍMICA ELEMENTAR**

Fichas de Trabalho, testes de diagnóstico, testes de avaliação formativa e sumativa. Organização de Maria da Graça Ramos e A. Amaral.

QUÍMICA ELEMENTAR 1 — Para o 8.º ano de escolaridade com revisão de noções adquiridas no 7.º ano.

QUÍMICA ELEMENTAR 2 — Para o 8.º ano de escolaridade.

Saída dos prelos: mês de Outubro.

LIVRO DO PROFESSOR — Auxiliar indispensável na programação da docência e avaliação dos alunos.

Saída dos prelos: finais de Setembro.

À VENDA NAS PRINCIPAIS LIVRARIAS DO PAÍS
pedidos à: **recolibro — REDE COMERCIAL DO LIVRO, LDA**
Av. ILHA DA MADEIRA • E. RESTELO • P. XIII — 1400 LISBOA
Telefones: 613408 - 616115

A exhibir hoje na Figueira

Luís Rocha fala de "Cerro maior"

Com a longa metragem "Cerro maior" terminará hoje a exibição dos três filmes portugueses, a concurso no Festival Internacional de Cinema da Figueira da Foz.

O filme de Luís Filipe Rocha, em dezasseis milímetros, baseia-se num romance de Manuel da Fonseca, e constitui a segunda longa metragem do realizador.

Quanto à possível exibição comercial do filme, para o qual está prevista uma ampliação em 35 milímetros, o realizador declarou que "não existe qualquer contacto até ao momento".

"Tenho esperança de que "Cerro maior" desperte o interesse dos distribuidores", afirmou ainda, salientando gostar de ver o filme exibido para o grande público que considera o destinatário das suas películas.

"Bom Pastor" é o título provisório da próxima longa metragem do cineasta português, que tem em mãos mais dois projectos, um dos quais será uma coprodução com Angola, a adaptação ao cinema de "Terra Morta" de Castro Soromenho.

O filme que 1981 verá surgir será, em princípio, rodado em Portugal, Moçambique, Brasil e Estados Unidos, custará cerca de treze milhões de escudos, e conta com várias imagens de arquivo, a cor e a preto e branco, referentes a Jorge de Sena.

A universalidade da cultura portuguesa é a ideia mestra da película que constituirá uma biografia do poeta, em que se "foca a sua obra com alguma ficção" - adiantou o realizador.

Luís Rocha disse que a película poderá ser ou não em 35 milímetros, "conforme seja ou não possível obter participação financeira dos países em que vai ser rodado".

"O Colégio", uma película autobiográfica em 35 milímetros e a preto e branco, é "uma adaptação muito especial de "Eurico, o Presbítero", de Alexandre Herculano, constituem outros projectos que o cineasta pensa poder concretizar a curto prazo.

Sobre este último referiu que Carvalho Afonso será o autor do texto de adaptação do romance.

A três dias do fim do nono Festival de Cinema da Figueira da Foz, serão ainda projectados extraconcurso dois outros filmes portugueses.

Assim, a sessão da manhã, conta com a terceira passagem, no festival de "Amor de Perdição", de Manoel de Oliveira, enquanto a da tarde abrirá com "Passagem ou a Meio Caminho", de Jorge Silva Melo.

"Amor de Perdição", que abriu no dia 13 a retrospectiva do mais polémico cineasta português, encerrará, hoje, o programa sobre Manoel de Oliveira.

Almeida Mendes à chegada de Estrasburgo

"Firme apoio" do Parlamento Europeu à adesão de Portugal

A adesão de Portugal à CEE encontrou um "firme apoio" em todos os grupos parlamentares do Parlamento Europeu, à excepção do Partido Comunista Francês, declarou ontem o secretário de Estado para a Integração Europeia, Almeida Mendes, à sua chegada de Estrasburgo.

Os parlamentares europeus têm um "conhecimento muito profundo dos problemas da adesão portuguesa", acrescentou. O Partido Comunista Italiano, por exemplo, ter-se-á pronunciado "muito favoravelmente em relação à adesão portuguesa, pois considera-a indispensável para a consolidação da democracia em Portugal e nos países da bacia do Mediterrâneo".

O programa de acções comuns, através do qual a CEE deverá financiar diversos empreendimentos e infra-estruturas em Portugal, deve ser analisado na próxima reunião do Conselho Europeu, a realizar em 7 de Outubro no Luxemburgo, afirmou ainda Almeida Mendes. Entretanto, o grupo parlamentar socialista do Parlamento Europeu apresentou esta semana uma moção de apoio ao alargamento da comunidade e à manutenção do calendário previsto. Os dirigentes comunitários confirmaram a data de 1 de Janeiro de

1983, como data prevista para a adesão de Portugal. O andamento das negociações de adesão será debatido numa reunião prevista para o próximo Outono em Estrasburgo entre a Comissão de Integração Europeia da Assembleia da República e o Comité de Portugal do Parlamento Europeu.

Almeida Mendes, que se deslocou a Estrasburgo a convite do Parlamento Europeu, foi recebido pelo presidente do Parlamento, Gaston Thorn e por dirigentes de várias comissões daquele órgão parlamentar.

Açores

Brasão, hino, moeda e selos

O Executivo Regional dos Açores reunido ontem em Angra do Heroísmo aprovou a versão oficial do brasão de armas e a letra do hino do arquipélago. Foi também aprovada uma resolução sobre a emissão de moeda, conforme o disposto em diploma recentemente aprovado, e ainda outra no sentido de promover uma emissão especial de selos próprios da Região.

Das demais resoluções aprovadas ontem em Angra pelo gabinete de Mota Amaral, avultam as respeitantes às linhas gerais dum estudo elaborado por uma empresa continental, respeitante

à construção dum porto oceânico na Praia da Vitória, e medidas preventivas com vista ao futuro alargamento do aeroporto de Ponta Delgada.

Foi ainda adjudicada, por uma importância superior a 600 mil contos, a construção do novo hospital da Horta.

Foi esta a última reunião do GR dos Açores antes das eleições de 5 de Outubro. No início do plenário do seu Executivo, Mota Amaral fez uma exposição sobre a evolução do processo político açoriano ao longo destes últimos quatro anos.

Sabe que foram Criados novos PASSES?

Se mora na Area do PORTO.

Se utiliza habitualmente os transportes públicos.

Se viaja numa empresa privada e, dentro da cidade ainda no STCP.

INFORME-SE NOS POSTOS DE VENDA
do STCP ou dos operadores privados intervenientes

ESCOLHA O PASSE COMBINADO QUE MAIS LHE CONVÉM

Com o seu passe combinado (um cartão individual, um selo mensal e um bilhete de assinatura - correspondente às modalidades em vigor e agora também com o direito a 88 viagens pagando por 60), pode transportar-se para o seu trabalho e ainda viajar no Porto. TODOS OS DIAS, A QUALQUER HORA, DURANTE UM MÊS, o número de vezes que a sua assinatura lhe dá direito, no trajecto adoptado e ainda QUANTAS VEZES QUISER dentro da cidade, no STCP

COM OS NOVOS PASSES POUPA O SEU DINHEIRO

Se não, veja: Por exemplo se mora a 10 Km do término da carreira no Porto:

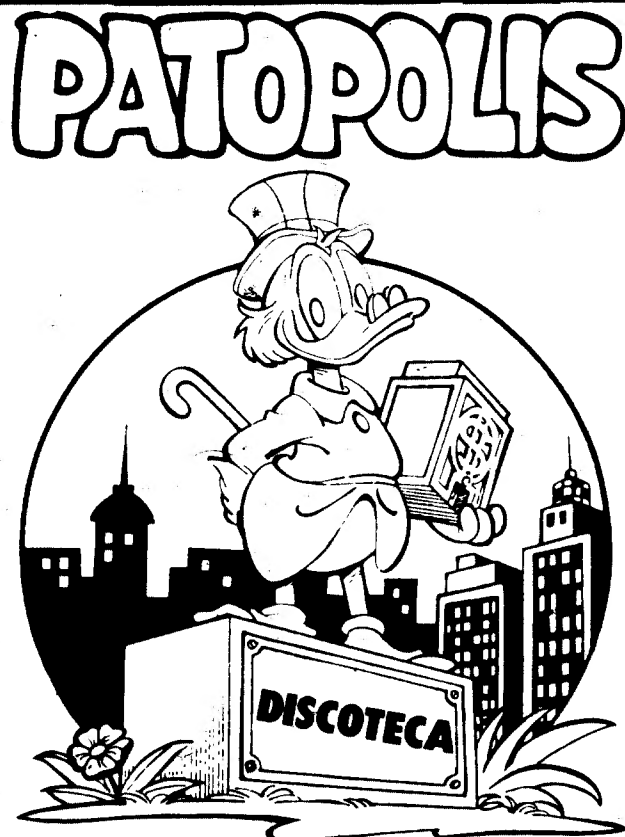
SE ACTUALMENTE ADQUIRE:	DESPENDE MENSALMENTE:	SE OPTAR PELO NOVO PASSE COMBI- NADO VAI PAGAR:	ASSIM POUPA
Assinatura de 44 viagens Passe cidade (A)	495\$00 380\$00 875\$00	695\$00	180\$00
Assinatura de 52 viagens Passe cidade (A)	546\$00 380\$00 926\$00	750\$00	176\$00
2 Assinaturas de 44 viagens Passe cidade (A)	495\$00 495\$00 990\$00 380\$00 1.370\$00	1.100\$00	270\$00

SECRETARIA DE ESTADO DOS TRANSPORTES DIRECÇÃO GERAL DE TRANSPORTES TERRESTRES
EM COLABORAÇÃO COM OS OPERADORES INTERVENIENTES



E SEUS ASSOCIADOS

A. da Costa Reis & Filhos, Lda., A. Maia & Ca. Lda., A. Nogueira da Costa, Lda., Albano Esteves Martins Alberto Alves de Sousa & Filhos, Lda., Alberto Pinto & Filhos, Lda., Américo António Martins Soares & Ca. Lda., António da Silva Cruz & Filhos, Lda., Auto-Mondinense, Lda., Auto-Viação Almeida & Filhos, Lda., Auto-Viação Espinho, Lda., Auto-Viação Feirense, Lda., Auto-Viação Grijó, Lda., Auto-Viação Landim, Lda., Auto-Viação do Minho, Lda., Auto-Viação Pacense, Lda., Auto-Viação Sandinense, Lda., Auto-Viação do Souto, Lda., Caetano Cascão Linhares Herdeiros, Lda., Empresa de Camionagem Cabanelas, Lda., J. Espírito Santo & Irmãos, Lda., João Carlos Soares & Filhos, Lda., João Ferreira das Neves & Filhos, Lda., José Rodrigues Fontes & Lourenço da Silva Granja, Lda., José Vieira P. Mendes Paiva & Correia, Lda., Marinho & Costa, Lda., Moreira Gomes & Costa, Lda., Oliveira Fernandes & Ribeiro, Lda., Pereira Meireles & Ca. Lda., Sequeira Lucas, Venturas & Ca. Lda., Soares, Oliveira & Ca. Lda., União Rodoviária do Caima, Lda., União de Transportes dos Carvalhos, Lda., Viação Costa & Lino, Lda.,



ESTREIA NOVO ESPECTÁCULO
AMANHÃ A PARTIR DAS 22.00
HORAS

FERNANDO GIRÃO

com MIGUEL BRAGA nas
Teclas

e ZÉ RATO na Bateria

Jovem DISCOTECA para convívio jovem

MARCAÇÕES PELO TELEFONE 210 50 04

DANCE COM NEW-WAVE

E OIÇA GIRÃO AO VIVO

Todos os dias das 16.00 às 19.30 e das
22.00 às 3.30 horas

Av. Bombeiros Voluntários, Lote 110 -
MIRA FLORES - ALGÉS

Ramalho Eanes em Santa Margarida

NATO tem de cumprir promessas feitas

1 A participação de soldados portugueses no exercício «Display Determination 80», que a NATO efectua no princípio de Outubro no Nordeste de Itália é prova de que Portugal pretende assumir na Aliança Atlântica «to-

sublinhar que «a partir desta data a participação de Portugal na NATO, a nível de Exército, será uma realidade», insistiu na necessidade de aquela organização cumprir também as promessas feitas às Forças Armadas

Lopes Alves

Interrogado pelos jornalistas sob qual tinha sido a posição do Estado-Maior-General das Forças Armadas, na questão que opôs o Governo ao general Lopes Alves, comandante-geral da PSP, Eanes recordou que em relação àquele oficial, o EMGFA tem dois tipos de poderes — o de nomear e o de o demitir. E conclui: «O EMGFA resolveu manter em funções o general Lopes Alves, que é um oficial capaz, honesto e eficiente.»

Recorde-se que o general Lopes Alves não aceitou ao pedido do Governo para demitir o tenente-coronel Aparício do cargo de comandante distrital da PSP de Lisboa, pedido que teve como pretexto uma entrevista publicada no semanário «Tal e Qual» com um elemento da segurança do Primeiro-Ministro e que fora autorizada por Aparício. No entanto, a entrevista não foi mais do que um pretexto do Governo para tentar colocar um elemento da sua confiança política no comando da PSP e por isso, Lopes Alves não demitiu Aparício. Posteriormente, o Governo apresentou uma proposta para a substituição de Lopes Alves, proposta essa que foi recusada por Eanes.

Brigada Mista

Na sua visita ao Campo Militar de Santa Margarida, Ramalho Eanes assistiu a um desfile de carros de transporte de tropas M-113, cedidos à Brigada NATO por países da Aliança Atlântica (foi num deles que Carlucci se passou, em 1976), e mais tarde a uma fase dos treinos dos soldados que vão a Itália. A estes, Eanes desejou «boa viagem e bom regresso», depois de sublinhar a sua confiança no comportamento dos militares portugueses, que têm «a percepção clara do que é a sua dimensão militar e a sua fisionomia nacional».

Eanes foi acompanhado durante a visita pelo vice-CEMGFA, general Altino de Magalhães, pelo chefe do Estado-Maior do Exército, general Pedro Cardoso, pelo director de Operações do EME, general Salazar Braga, pelo seu chefe de Gabinete, brigadeiro Aurélio Trindade e pelo comandante da Brigada, brigadeiro Tomé Pinto.



Hernando Domingues

Sem legenda

dos os seus direitos e desempenhar todas as suas obrigações». A afirmação é do general Ramalho Eanes que ontem visitou, em Santa Margarida, a Brigada Mista Independente (Brigada NATO) e contactou com os militares portugueses que no princípio do próximo mês se deslocam a Itália, para a região de Verona.

Eanes, na sua qualidade de comandante supremo das Forças Armadas e chefe do Estado-Maior-General, depois de

Portuguesas, nomeadamente no que se refere ao fornecimento de material moderno para equipar a brigada.

O CEMGFA afirmou que «se Portugal aceitou os compromissos e tem cumprido o que prometeu, a NATO tem de cumprir outras promessas feitas».

Eanes disse que esta posição não é de crítica à NATO, mas parece terem-se registado alguns atrasos na entrega de material, nomeadamente tanques e lança-mísseis.



Hernando Domingues

Pela primeira vez desde a entrada de Portugal na NATO, soldados portugueses participam em operações da NATO. O cenário da «guerra» será uma zona de lagos no Nordeste de Itália, próximo da cidade de Verona. Capuletto e Montechios em ambiente nuclear...

O exercício «Display Determination 80», em que as tropas portuguesas vão participar, realiza-se anualmente no Nordeste de Itália, contando com a colaboração de tropas italianas e de um contingente de um outro país da NATO, este ano português. No exercício participam também a Força Aérea e a Marinha portuguesas, uma Brigada de Guerra Electrónica dos Estados Unidos e meios aéreos dos EUA, da RFA e da Itália.

A Brigada Mista Independente estará representada pelo comando e por uma companhia de

atiradores do Batalhão de Infantaria Mecanizada. A participação dos portugueses tem vindo a ser planeada desde Outubro de 79, e incluiu uma fase aturada de treinos que se realizaram nas últimas semanas. As tropas portuguesas vão ser transportadas para Itália em aviões C-130 da Força Aérea e ficam instaladas em aquartelamentos cedidos pelos italianos, que vão também emprestar o material pesado necessário para as operações.

Na sua estadia em Itália, os soldados, que votam para as legislativas no dia 25 de Setembro,

por correspondência, têm também prevista uma deslocação a Veneza sem intuídos bélicos. Trata-se apenas de uma visita de natureza turística, para conhecer a cidade das góndolas.

O exercício «DD 80» em si, pretende ser uma resposta a uma fictícia situação de tensão politicomilitar no Sul da Europa e inclui manobras de dissuasão e operações defensivas contra um ataque do «inimigo».

José Vilaça

Ontem foram cinco «reservas»

Entregas a latifundiários prosseguem no Alentejo

A entrega de reservas a latifundiários prosseguiu, ontem, no Alentejo, ainda com a presença das forças da GNR que cumpriram a «sua missão» em todo este processo, ao darem a habitual «protecção» aos técnicos do MAP.

No distrito de Beja foram entregues duas reservas que estavam integradas em UCP's: na «Alvorada na Aldeia», foi entregue a Maria Sousa Coutinho Pulido Garcia Meneses, uma reserva com cerca de 91 hectares, equivalentes a 42 035 pontos, situada na Herdade da Charneca; na «Margem Esquerda», a Sociedade Agrícola João Coelho Palma recebeu uma reserva de trezentos hectares, correspon-

dentes a 44 098 pontos, situada nas Herdades de Égua e Charneca dos Pereiros.

Segundo o Secretariado Distrital de Beja das UCP's e Cooperativas Agrícolas, aquela sociedade recebeu também 260 ovelhas, 200 borregos, 34 vacas e cinco bezerros.

No distrito de Portalegre, técnicos dos Serviços de Gestão e Estruturação Fundiária, igualmente acompanhados por elementos da GNR, desanexaram três reservas que estavam integradas em UCP's dos concelhos de Avis e Fronteira.

Na UCP «Valongo do Sul» foi entregue a Arcângela e Custódia Couceiro Braga, uma reserva com cerca de 356 hectares, si-

tuada na Herdade de Vale de Carneiro.

Na UCP «1.º de Maio», Manuel Joaquim Saias recebeu uma reserva com cerca de 170 hectares, situada na Herdade das Casas Altas.

Na UCP «Benavilense» foi desanexada uma reserva, com 284 hectares, na Herdade da Torrejana de Baixo, a favor de Maria Rita Sarmento Vieira e Maria José Sarmento Magalhães Vieira.

Por último, na UCP «De Fronteira», do concelho com o mesmo nome, foi desanexada uma reserva com 143 hectares, na Herdade dos Atoleiros, a favor de Vasco Maria Vasques d'Orsa e Maria Eduarda d'Orsa.

ELA
Cabeleireiro
É BOM!
Pr. Marquês de Pombal, 1
LISBOA

FOTOCOPIAS

DESDE \$60
Encadernações,
plastificações
e trabalhos em offset
Discoteca Filinto
Av. 5 de Outubro, 53-A
Telefone 53 50 40

MEMÓRIAS DO CINEMA

Prossegue hoje no Quarteto «Memórias do Cinema» com as seguintes sessões duplas a partir das 23.30 n/ aconselhável a menores 18 anos.

- Sala 1 — Lenny — Realiz.: Bob Fosse — Hollywood Hollywood — Realiz.: Gene Kelly
- Sala 2 — Um Americano em Paris — Realiz.: Vincent Minnelli. A Rapariga que queria ser amada. Realiz.: Bob Fosse
- Sala 3 — A Roda da Fortuna — Realiz.: Vicente Minnelli — Lenny — Realiz.: Bob Fosse
- Sala 4 — A Rapariga que queria ser amada. Realiz.: Bob Fosse — Nova York, Nova York. Realiz.: William Wyler

GALERIA NACIONAL DE ARTE MODERNA

CINEMA EM BELÉM

CARA IRENE, de Christian Braad Thomsen

Legendado em francês

Grupo D — Maiores de 18 anos

Sábado 20 e Domingo 21 de Setembro

Às 15 e às 18 horas

ENTRADA LIVRE

Av. Brasília — Belém (Junto ao Mercado do Povo)
Iniciativa da DIRECÇÃO-GERAL DA ACÇÃO CULTURAL
em colaboração com a EMBAIXADA DA DINAMARCA em Lisboa

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS

CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES

AVISO AOS SENHORES CONSUMIDORES DE ÁGUA E ENERGIA ELÉCTRICA

Por imperiosa necessidade de trabalhos de remodelação na rede dos Serviços Municipalizados de Loures, avisam-se todos os consumidores de que o fornecimento de energia eléctrica será interrompido no próximo dia 21 (domingo) das 8 às 14 horas, nas seguintes localidades:

LINHA DE A. T. ENTRE LOURES, BUCELAS, BEMPOSTA E VILA DE REI.

Este corte afectará o abastecimento de água às povoações em causa.

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DA CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES, 17 DE SETEMBRO DE 1980

O Engenheiro Director-Delegado
Casimiro Martins Neves Cabaço

SALVEMOS O LINCE

SERRA DA MALCATA



Direcção-Geral do Ordenamento e Gestão Florestal
Av. João Crisóstomo 26 — Lisboa
Serviço Nacional de Parques, Reservas e Património Paisagístico
Rua da Lapa, 73 — Lisboa

de ontem para hoje

Alqueva: monárquicos falam de peixinhos

Se o «humor negro» não existisse chamar-se-ia Partido Popular Monárquico. E o pretexto (desintegrado do contexto) aí está: polémica gerada à volta da Barragem do Alqueva, com o PPM, sem rel mas com um agrónomo de «costela» real, Gonçalo Ribeiro Teles, a emitir mais uma posição «ecológica» a propósito do Encontro realizado em Moura. E o PPM está (claro) contra Alqueva e contra o Encontro, porque está solidário com a sua classe; e, enquanto os agrários não voltarem (se voltassem) a ser donos e senhores do Alentejo, o projecto (dizem os monárquicos) é, por exemplo, «um perigo geológico» porque existe, veja-se só, «uma falha». O papão, portanto, da tragédia telúrica, um terramoto, por exemplo. Depois o remoque político: «Não parece ter explicação (...) que o actual Presidente da República, general Eanes, tenha sentido necessidade de tomar partido a favor do projecto, enviando um telegrama a uma assembleia especialmente reunida para tecer loas a tal obra». Mas há mais: o aproveitamento piscícola do Alqueva: que não, diz o PPM, que não é rentável. Já viram, interrogam os correligionários de Ribeiro Teles, quantos milhões de toneladas de rações serão precisas importar para alimentar os ditos peixes? É mesmo um humor monárquico. Os cultores do outro (o negro) que lhes perdoem...

M. G.

Fogo no Fundão: «origem criminosa quase certa»

Cerca de três centenas de homens, entre bombeiros e soldados do Regimento de Infantaria de Castelo Branco, combatem desde ontem um violento incêndio em extensas áreas de pinhal e de mato na região de São Martinho da Barroca (Fundão). «É quase certo que o fogo foi de origem criminosa, pois os focos surgiram em pontos diferentes e distantes uns dos outros», afirmou esta manhã ao «DL» um porta-voz dos Bombeiros do Fundão. Ainda segundo a mesma fonte, as chamadas situavam-se, à hora do fecho do nosso jornal, nas proximidades da aldeia de Silveiras, não ameaçando, no entanto, a povoação, como esta madrugada chegou a acontecer em relação a Açor.

Professores ao ministro: que honre «o compromisso assumido»

Os professores de Trabalhos Manuais e Décimo Segundo Grupo do Ensino Secundário exigiram ontem ao ministro da Educação que «honre o compromisso assumido publicamente» de resolver a sua situação socio-profissional. Os professores de Trabalhos Manuais e do Décimo Segundo Grupo, que vêm reclamando há anos «a dignidade do ensino e da função docente» reivindicam a «reposição da igualdade dos direitos socio-profissionais entre todos os professores».

De Caia a Valença: quatro postos fronteiriços em serviço permanente

Pelo menos quatro postos fronteiriços entre Portugal e Espanha passarão a estar abertos as 24 horas do dia nos meses de Julho, Agosto e Setembro. A decisão, abrangendo Caia, Vilar Formoso, Vila Verde de Raia e Valença, foi tomada ontem durante uma reunião da Comissão Aduaneira Permanente Luso-Espanhola, que decorre em Lisboa na Direcção-Geral das Alfândegas. Por outro lado, nas semanas anterior e posterior ao Natal e Páscoa os Serviços de Fron-

teiras desses mesmos postos funcionarão também durante todo o dia. A reunião prosseguirá esta tarde, e durante todo o dia de amanhã, tendo como pontos de agenda as «correntes mais frequentes do tráfico clandestino, competência das estâncias aduaneiras de fronteira e análise do tráfico ferroviário».

Nova organização de Saúde: Portugal entre os catorze fundadores

Portugal é um dos catorze fundadores da Sociedade Internacional dos Serviços de Emergência Médica, que acaba de ser criada pela Organização Mundial de Saúde (OMS), segundo informou ontem o Ministério dos Assuntos Sociais. A decisão de constituir este organismo foi tomada durante uma recente reunião da OMS em Munique (Alemanha Federal) e teve em conta o elevado número de mortes e casos de invalidez provocados em todo o Mundo pelos mais diversos tipos de acidentes.

Exemplar raro: Cascais oferece golfinho a França

O Museu do Mar, de Cascais, vai oferecer um golfinho ao Centro de Estudos de Mamíferos Marinhos de La Rochelle (França) — anunciou ontem a Câmara Municipal de Cascais. O golfinho riscado, «Stenella Coerulealba» será «entregue» a Raymond Duguay, director do Centro Francês, em cerimónia a realizar esta tarde na Câmara local. O «Stenella Coerulealba» é um exemplar de golfinho pouco comum quer na costa portuguesa quer na costa do Norte de França.

Com cinco anos: morreu ao engolir o apito

É pelo menos o segundo caso do género que já relatámos este ano: por ter engolido um apito, com que brincava, o pequenito Paulo Miguel Podence, de cinco anos, morreu ontem em Sendas (Bragança). Conduzido pelos pais (António Nascimento Joaquim e Ofélia Frei) ao Hospital de Bragança, Paulo Miguel chegaria ali já sem vida.

Reunião internacional em Lisboa

Das úlceras citadinas aos cancros japoneses

Em cada cem portugueses, dez a onze sofrem de úlcera no duodeno, a mais vulgarizada das doenças do aparelho digestivo que, no conjunto, são responsáveis por 60 por cento das intervenções de cirurgia geral feitas nos hospitais do país.

Os números foram revelados por Borges de Almeida, presidente da parte portuguesa ao sexto Congresso de Cirurgia Digestiva que, desde há dois dias, reúne em Lisboa mais de mil especialistas estrangeiros, entre os quais alguns dos maiores nomes deste ramo médico.

Quanto à úlcera, é quase considerada uma «doença de civilização», já que é cerca de

quatro vezes menos vulgar nos meios rurais do que nas cidades. Causa principal — a ansiedade, uma vez que o sistema nervoso se manifesta fundamentalmente no aparelho digestivo. A má nutrição tem também responsabilidades nas doenças do aparelho digestivo, embora menos.

Um dos temas de debate no congresso é o cancro no esófago, assunto em que estão altamente especializados os cirurgiões do Japão, país onde a doença é particularmente frequente, por razões que ainda hoje não são inteiramente conhecidas.

Os cirurgiões japoneses conseguem hoje curar cerca de 90

por cento dos casos de cancro no esófago, porque têm métodos de detectar a doença «mais cedo que ninguém no mundo» — diz Borges de Almeida.

No Congresso foram também apresentados resultados de intervenções cirúrgicas feitas em caso de obesidade extrema — a chamada obesidade mórbida. O cirurgião provoca no aparelho digestivo do doente uma espécie de curto-circuito, encurtando o trajeto a percorrer pelos alimentos ingeridos, para que parte absorvida pelo organismo não seja excessiva.

Os cirurgiões estão também particularmente interessados na evolução que se tem verificado

nos últimos anos com a alimentação artificial. Hoje é já possível viver sem aparelho digestivo ou com ele a funcionar em muito más condições, recorrendo exclusivamente à alimentação pela veia.

De entre os aspectos «novíssimos» deste congresso — as técnicas de que hoje se fala e a pouco e pouco começam já a ser postas em prática — destaca-se a transplantação do pâncreas para o tratamento de doenças como a diabetes.

No aspecto técnico, a última descoberta é a dos aparelhos que permitem fazer diagnósticos rigorosos da doença enquanto o paciente está a ser operado.

Na Suíça

Extorsão sobre imigrantes

O sindicato suíço da construção civil (FOB) denunciou na quarta-feira as práticas de certos operários estrangeiros que exercem chantagem sobre camareiras depois de lhes arranjam emprego.

O sindicato insurge-se contra actos de extorsão de que têm sido vítimas nos últimos meses trabalhadores sazonais portugueses e jugoslavos, designadamente na região de Vevey e em Sion.

O FOB, além de intervir junto dos departamentos cantonais do emprego, já tentou acções ju-

diciais e vai contactar as embaixadas.

Também está prevista uma ampla campanha de informação junto dos trabalhadores estrangeiros sazonais quando estes começarem a chegar de novo.

O caso mais recente submetido a um juiz de instrução refere-se a uma família portuguesa de Puidoux, acusada de chantagem sobre compatriotas.

O chefe da família em questão, durante muitos anos radicada em Angola, trabalha numa empresa de construção civil de Puidoux e procurava emprego para

outros portugueses acabados de chegar à Suíça. Estes últimos, porém, para obterem colocação, tinham de pagar ao «benfeitor» quantias até mil francos suíços (cerca de 30 mil escudos).

Além disso, cada trabalhador português assim colocado tinha de trabalhar durante duas semanas, sem qualquer remuneração, nas obras de uma vivenda que a referida família tem em construção.

Espera-se que a justiça tenha alguma dificuldade em esclarecer por completo o caso, pois os numerosos trabalhadores portu-

gueses da construção civil da região de Vevey vítimas desta chantagem preferem calar-se, no receio de sofrerem represálias ao regressarem a Portugal, de acordo com as ameaças feitas pela família em questão.

Segundo François Portner, vice-presidente do FOB, o caso não é inédito, pois actos semelhantes já foram cometidos contra trabalhadores sazonais espanhóis e italianos.

O recente fluxo de importantes contingentes de portugueses e jugoslavos provocou o recrutamento deste «racket».

Ministros definem regime de terminais de mercadorias

O Governo decidiu, e já vem publicado no «Diário da República» com data de hoje, incumbir os ministros das Finanças e do Plano e dos Transportes e Co-

municações, da definição do regime de construção e exploração, ou apenas de exploração, de terminais terrestres interna-

cionais. A decisão foi tomada em reunião do Conselho de Ministros efectuada no dia 4 do corrente e

motivada pela «urgente necessidade de solucionar o problema dos terminais terrestres internacionais de mercadorias».



CÂMARA MUNICIPAL DO SEIXAL

EUFRAZIO FILIPE GARCEZ JOSÉ, PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DO CONCELHO DO SEIXAL:

FAZ SABER, em cumprimento do disposto no n.º 3 do Artigo 19.º do Decreto-Lei número 289/73, de 6 de Junho, que de harmonia com a deliberação tomada na reunião desta Câmara Municipal realizada no dia 22 de Agosto de 1980, foi concedido a ANTONIO XAVIER DE LIMA, casado, proprietário, com escritório na Quinta do Conde, Rua Dezasseis, lote dezoito, nas Paivas, freguesia de Amora, neste concelho, o alvará de licença de loteamento número 5/80 para o loteamento urbano da propriedade situada na «QUINTA DA VINHA GRANDE», na freguesia de Amora, neste concelho, ficando o mesmo loteamento sujeito às condições referidas no alvará concedido.

Para constar se mandou lavrar o presente edital que vai ser afixado nos lugares do costume.

E eu, João Maria Viçoso Freire

Chefe da Secretaria, o subscrevi

Paços do Concelho do Seixal, aos 12 dias do mês de Setembro de 1980

O PRESIDENTE DA CÂMARA

Eufrazio Filipe Garcez José



CÂMARA MUNICIPAL DO SEIXAL

EDITAL

EUFRAZIO FILIPE GARCEZ JOSÉ, PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DO CONCELHO DO SEIXAL:

FAZ SABER, em cumprimento do disposto no n.º 3 do artigo 19.º, do Decreto-Lei número 289/73, de 6 de Junho, que de harmonia com a deliberação tomada na reunião desta Câmara Municipal realizada no dia 22 de Agosto de 1980, foi concedido a ANTONIO XAVIER DE LIMA, casado, proprietário, com escritório na Quinta do Conde, Rua Dezasseis, lote dezoito, nas Paivas, freguesia de Amora, neste concelho, o alvará de licença de loteamento número 6/80, para o loteamento urbano da propriedade situada na «QUINTA DO CONDE», na freguesia de Amora, neste concelho, ficando o mesmo loteamento sujeito às condições referidas no alvará concedido.

Para constar se mandou lavrar o presente edital que vai ser afixado nos locais do costume.

E eu, João Maria Viçoso Freire, Chefe da Secretaria, o subscrevi.

Paços do Concelho do Seixal, aos 12 dias do mês de Setembro de 1980

O Presidente da Câmara
Eufrazio Filipe Garcez José

No Sector do Comércio

"Abrir ao domingo?" Nem os patrões estão de acordo"

No âmbito da polémica existente em torno do projecto de decreto-lei do Governo, que estipula o aumento de horas de trabalho do comércio e abertura aos domingos, o «DL» saiu à rua e perguntou a empregados e pequenos comerciantes, qual a sua opinião.

Das diversas pessoas que abordámos, nem uma única se pronunciou a favor da abertura do comércio ao domingo. Realce-se que as mais peremptórias na questão foram as mulheres, que ao fazermos a pergunta nos respondiam imediatamente que o domingo era o único dia para estarem com os maridos e filhos, e que sem esse dia de descanso a sua vida se complicaria demasiado.

Facto igualmente curioso é o de que a seguir às mulheres, os

mais prontos nas respostas foram os pequenos comerciantes que nos disseram, no geral, não terem condições para abrir a casa ao domingo, por terem de dar folgas aos empregados e ser-lhes completamente impossível meter mais pessoal. «domingo é dia de descanso», «andam a brincar connosco. Abrir ao domingo? Isso é acabar connosco», estas algumas observações feitas.

Finalmente, houve uma escassa minoria que aludiu a impossibilidades religiosas para trabalhar nesse dia. «A minha religião não me permite. Deus descansou ao domingo, e se essa lei for aprovada eu não trabalho, de qualquer maneira», aliás a observação do «se for aprovada eu não trabalho», foi bastante frequente. Um empregado fez-nos

esta observação: «Quem pensou nessa lei é que devia trabalhar no comércio e ao domingo. Estar como nós horas a fio de pé. Então nós andamos tanto tempo para conseguir o descanso aos sábados à tarde e agora tiravam-nos até o domingo? Não pode ser».

Resta-nos apenas dizer, que entre as pessoas que contactámos, cerca de metade tinha conhecimento do projecto do Governo, através do sindicato, menos de metade nunca tinha ouvido falar nele e alguns já tinham «ouvido falar nisso», muito vagamente.

O Governo quer aprovar este projecto no final deste mês, e nós só perguntamos: mas com o apoio de quem?

Setenave constrói granaleiros para portugueses

A Setenave assinou hoje, os «Protocolos de intenção de encomenda» de dois navios granaleiros, de 68.000 toneladas para a Companhia Nacional de Navegação e Companhia de Transportes Marítimos.

Assistiram à assinatura os ministros dos Transportes e Comunicações, Viana Baptista, e da Indústria e Energia, Alvaro Barreto.

As encomendas foram feitas no âmbito do Decreto-Lei 345/80, recentemente publicado, e que permite, através de subsídios aos estaleiros e ao armador, que os preços portugueses sejam competitivos a nível internacional.

Esta prática tem-se tornado comum em todos os países onde existem estaleiros, dada a crise existente na construção naval.

Reconstrução do molho de Sines GAS pode rescindir contrato com a Condotte

O Conselho de Ministros autorizou, no dia 4 do corrente, o Gabinete da Área de Sines a celebrar um acordo com a Società Italiana per Condotte d'Acqua, com vista à resolução convencional do contrato da empreitada 8/72, respeitante à construção dos blocos de protecção dos enrocamentos do molhe de Sines.

A mesma resolução, hoje publicada no «Diário da República», autoriza o GAS a proceder ao pagamento de indemnização ao empreiteiro, prevista na lei, por virtude da execução de um volume de trabalhos inferiores aos que foram objecto de contrato.

Por outro lado, o secretário de

Estado do Planeamento, ficou com poderes para aprovar os termos e condições de acordo estabelecido e para autorizar todos os contratos adicionais e pagamentos relacionados com a sua execução.

Nos termos da resolução hoje publicada, a recuperação do molhe oeste de Sines não poderá fazer-se segundo o projecto inicial, o que levou o Governo a lançar um concurso destinado à selecção de um grupo de projectistas ao qual possa ser confiado um estudo de reformulação geral do porto de Sines e a elaboração dos projectos de soluções definitivas a adoptar.



VOTAR

UM DIREITO
UM DEVER CÍVICO

PUB.



Electricidade de Portugal
EDP/Empresa Pública

S Z S T

ZONA DE DISTRIBUIÇÃO SETÚBAL

AVISO AOS CONSUMIDORES

Para realização de trabalhos nas instalações desta Empresa, no próximo Domingo, 21 de Setembro, será interrompido o fornecimento de energia eléctrica em baixa tensão nas seguintes zonas:

Das 7 às 13 horas

CONCELHO DO SEIXAL: Pinhal dos Frades

Das 7 às 12 horas

CONCELHO DE ALCOCHE: Fazenda Velha, Atalaia e Passil.

Das 8,30 às 13 horas

CONCELHO DO SEIXAL: Guerreiro, Sousa, Pinheiranda, Corroios, Gaia Torres, Santarém, Quinta da Água, Alto do Moinho, Berta, Equipamento, Portugal, Reconversion e Vale de Milhaços.

Lisboa, 20 de Setembro de 1980
Pela ELECTRICIDADE DE PORTUGAL, E.P.
ZONA DE DISTRIBUIÇÃO SETÚBAL
O Director
Júlio de Barros

este anúncio pode mudar o seu futuro

Um curso por correspondência pode transformar toda a sua vida.
Seja INDEPENDENTE.

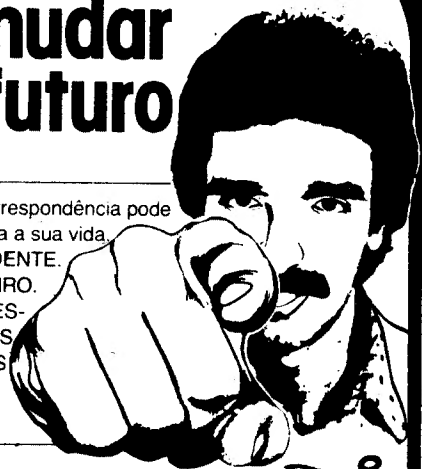
GANHE MAIS DINHEIRO.

TIRE POR CORRESPONDÊNCIA UM DOS

NOSSOS CURSOS

ENVIE HOJE MESMO

ESTE CUPÃO.



- | | |
|---|---|
| ☐ COSTURA | ☐ RÁDIO, ELECTRÓNICA, TV |
| ☐ FOTOGRAFIA | ☐ DESENHO E PINTURA |
| ☐ RELAÇÕES PÚBLICAS | ☐ ELECTRICIDADE |
| ☐ VENDAS / MARKETING | ☐ INGLÊS |
| ☐ CULTURA GERAL | ☐ SECRETARIADO |

Peço o envio do livrete colorido e ilustrado sobre o curso que indico com um ☒

GRÁTIS

NOME

MORADA

LOCALIDADE

CEC - ÁLVARO TORRÃO * Rádio Escola

Rua Fernão Lopes, 8 - 1096 LISBOA Codex - Telef. 54 31 36

OVO...

COZIDO • MEXIDO • ESCALFADO • ESTRELADO • GEMADA • OMELETA • RECHEADO
COZIDO • MEXIDO • ESCALFADO • ESTRELADO • GEMADA • OMELETA • RECHEADO



NO SEU GARFO

Alimento rico em proteínas e vitaminas.
Sempre à mão.
Rápido de cozinhar.
Porque não come ovos !?
Uma alimentação cuidada é uma vida saudável.

Consumir ovos é apoiar os nossos avicultores.

MINISTÉRIO DO COMÉRCIO E TURISMO

Os exames "ad hoc" já foram iniciados

A primeira prova de avaliação de capacidade para acesso ao ensino superior, referente ao ano corrente, realizou-se na quarta-feira, com uma prova de «língua portuguesa». Estas provas extraordinárias, anteriormente conhecidas como «exames ad-hoc», destinam-se a todos os cidadãos que, sendo maiores de 25 anos e não tendo as habilitações escolares exigidas para entrar no ensino superior, mostram, no entanto, possuir conhecimentos mínimos para frequentarem um curso àquele nível.

PROVA DE LÍNGUA PORTUGUESA

OPÇÃO B

Leia, ATENTAMENTE, todo o ponto antes de começar a escrever.

TEXTO

Apelo aos homens

1. Sinto-me magoado mas eu não desejo ser um imperador. Não é esse o meu papel. Não quero dirigir, nem conquistar seja quem for. Gostaria de ajudar um por um, se possível; os Cristãos, os Judeus... os negros, tudo... como os brancos. Temos todo o desejo de nos entre-ajudar. As pessoas civilizadas são assim. Queremos viver da nossa felicidade mútua... não do nosso mútuo desgosto. Não queremos desprezar-nos e odiar-nos mutuamente. Neste mundo há lugar para todos. A boa terra é rica e pode fornecer alimentos para todos. O caminho da vida pode ser livre e magnífico, mas nós perdemos esse caminho.
2. A voracidade envenenou a alma dos homens, apertou o mundo num círculo de ódio e obrigou-nos a entrar a passo de ganso na miséria e no sangue. Melhorou-se a velocidade mas somos escravos de la. A mecanização que produz a abundância legou-nos o desejo. A nossa ciência tornou-nos cínicos. A inteligência fez-nos duros e brutais.
3. Pensamos muito mas sentimos pouco. Temos mais necessidade de espírito humanitário do que de mecanização. Mais do que de inteligência, precisamos de amabilidade, de atenções. Sem essas qualidades a vida não será mais do que violência e tudo se perderá.
4. A aviação e a rádio aproximaram-nos uns dos outros. A própria natureza destes inventos despertava a bondade no homem e exigia uma fraternidade universal para a união de todos. Neste instante, a minha própria voz chega a milhares de seres dispersos pelo mundo.
5. Aos que podem compreender-me, direi: não desespereis. A infelicidade que caiu sobre nós não é mais do que o resultado dum apetite feroz, o azedume de homens que temem a via do progresso humano. O ódio dos homens passará e os ditadores morrerão; o poder que usurparam ao povo, voltará ao povo. E quanto mais os homens souberem morrer, menos a liberdade desaparecerá!
6. Soldados, não vos entregueis a esses brutos... homens que vos desprezam e vos tratam como escravos, arregimentam as vossas vidas, impõem-vos os vossos actos, os vossos pensamentos e os vossos sentimentos; são eles quem vos adestram, vos obrigam a jejuar, vos tratam como gado e se servem de vós como de carne para canhão!
7. Não vos entregueis a esses homens desnaturados, a esses homens-

-máquinas de coração mecânico. Vós não sois máquinas! Não sois animais! Vós sois homens! Trazéis o amor e a humanidade em vossos corações! Sede sem ódio! Somente os que não são amados e os anorais... Soldados, não combatais pela escravatura! Combatei pela liberdade.

8. = No capítulo dezassete do Evangelho e conforme São Lucas, está escrito: *O reino de Deus está no próprio homem*. Não num só homem, nem num grupo de homens, mas em todos os homens! E vós! Vós, o povo, vós tendes o poder, o poder de criar máquinas. O poder de criar a felicidade.

9. Vós, o povo, tendes o poder de criar esta vida livre e esplêndida... de fazer desta vida uma radiosa aventura. Unamo-nos todos, utilizando esse poder! Combatamos por um mundo novo que dê a cada homem a possibilidade de trabalhar, à juventude um futuro e coloque os velhos a coberto das necessidades.

10. Pela promessa destas coisas, os ambiciosos guindaram-se ao poder. Mas mentiram! Não mantiveram as suas promessas, nem as manterão nunca! Os ditadores libertaram-se, mas domesticaram o povo.

11. Combatamos por um mundo equilibrado... um mundo em que o progresso conduza à felicidade de todos!

Charlie Chaplin, discurso no filme *O Ditador* (1940)

II

QUESTIONÁRIO

1. Nos parágrafos 2, 3, 4 e 11 fazem-se considerações sobre as relações entre a ciência e a política (ou, de outra maneira, entre a técnica e a ética). Está de acordo com elas?
2. Lê-se no Evangelho de S. Lucas: "E tendo-lhe feito os fariseus esta pergunta: Quando virá o reino de Deus? respondendo-lhes Jesus, disse: O reino de Deus não virá com mostras exteriores algumas. Nem dirão: Ei-lo aqui, ou ei-lo acolá; porque eis aqui está o reino de Deus, dentro de vós." À luz do texto de Charlie Chaplin, sobretudo nos parágrafos 7 a 9, como lhe parece que tal reino possa estar dentro dos homens?

III

COMPOSIÇÃO

O poeta Carlos Drummond de Andrade, num poema dedicado a Charlie Chaplin, escreve:

"Não há muitos jantares no mundo, já sabias
e os mais belos frangos
estão protegidos em pratos chineses por vidros espessos.
Há sempre o vidro, e não se quebra,
há o aço, o amianto, a lei,
há milícias inteiras protegendo o frango (...)

Entre o frango e a fome,
o cristal infrangível. Entre a mão e a fome,
os vales da lei, as léguas."

Comente este trecho.

FIM DO ENUNCIADO

Proposta europeia para ajuda ao Terceiro Mundo

O Parlamento Europeu, reunido ontem em Estrasburgo, adoptou uma resolução de ajuda ao Terceiro Mundo, na qual se preconiza também um sistema mais equitativo de relações internacionais.

Neste contexto, os parlamentares europeus solicitaram aos países industrializados que adoptem políticas comerciais mais consentâneas com as necessidades dos países em vias de desenvolvimento.

No âmbito de ajuda aos países necessitados, os parlamentares propuseram a criação de um

fundo comum de estabilização dos mercados dos produtos básicos, a adesão da Comunidade Europeia dos Nove ao Acordo Internacional sobre o Açúcar e um novo Convénio Internacional sobre os Cereais.

Como medida concreta para o combate à fome no Mundo, o Parlamento Europeu reclamou a reconstituição de um fundo internacional de desenvolvimento agrícola dotado de 3.000 milhões de dólares e convidou a Comunidade Económica Europeia a doar 2,5 milhões de toneladas de produtos alimentares.

CPPC reúne assembleia geral

O Conselho Português para a Paz e Cooperação reúne amanhã a sua assembleia geral da Sociedade Nacional de Belas Artes.

Estatutariamente, esta reunião servirá para eleger os órgãos dirigentes e representativos do movimento e, ao mesmo tempo, trata-se dum encontro aberto à participação pública. Vão ser debatidos - anuncia o gabinete de Imprensa do Conselho - matérias as mais candentes na actualidade nacional e internacional na perspectiva dos interesses a que se dedica o Conselho Mundial da Paz, a que o CPPC pertence.

A sessão abrirá com um discurso do general Costa Gomes. Depois, Luís Metello, em nome do secretariado, apresentará o relatório e contas, além dum in-

tervenção do presidente da assembleia geral, Carlos Candal. Isto de manhã.

De tarde vão ser abordados diversos temas da actualidade. José Manuel Nunes animará um debate sobre opinião pública e corrida aos armamentos. Orlando de Carvalho orientará uma discussão sobre a paz e direitos humanos. E Fernando Piteira Santos falará de mísseis e armas nucleares e respectivos perigos para Portugal em caso de instalação ou passagem por território nacional.

Falarão ainda Silas Cerqueira e o padre Teles Sampaio, antes da apresentação da delegação do CPPC ao Parlamento Mundial dos Povos pela Paz que vai reunir em Sófia de 23 a 27 do corrente.

FORNECIMENTO DE GÉNEROS ALIMENTARES AO HOSPITAL DISTRITAL DA FIGUEIRA DA FOZ

Concurso n.º 41/80 para o 4.º Trimestre de 1980

1. PRODUTOS DE ORIGEM VEGETAL

- 1.1 — Batatas
- 1.2 — Frutas
- 1.3 — Hortaliças e vegetais
- 1.4 — Legumes secos e cereais
- 1.5 — Massas alimentícias
- 1.6 — Arroz
- 1.7 — Açúcar
- 1.8 — Pão
- 1.9 — Doçaria e confeitaria
- 1.10 — Especiarias e diversos

2. PRODUTOS DE ORIGEM ANIMAL

- 2.1 — Carnes de talho
- 2.2 — Carnes de criação
- 2.3 — Produtos de charcutaria
- 2.4 — Lactínios
- 2.5 — Ovos
- 2.6 — Peixe

3. PRODUTOS DE ORIGEM MINERAL

- 3.1 — Sal

4. PREPARAÇÕES CULINÁRIAS

- 4.1 — Sopas, purés, pudins e doces

5. GORDURAS ALIMENTARES

- 5.1 — Oleos e gorduras vegetais
- Oleos e gorduras animais

6. BEBIDAS E OUTROS PRODUTOS

- 6.1 — Aguas minerais
- Sumos de fruta
- Cerveja
- Vinho branco
- Vinagre

Os Cadernos de Encargos estão patentes na Secção de Compras e serão enviados a quem os solicitar, indicando as referências dos géneros que se propõem fornecer. As propostas, em papel selado, devem ser entregues no Serviço de Compras até às 15 horas do dia 24/9/80, em sobreescrito lacrado, com referência do Concurso no exterior, sendo abertas às 15 horas do dia seguinte, perante os concorrentes que queiram assistir.

SÓ HAVERÁ LICITAÇÕES VERBAIS EM CASO DE IGUALDADE DE PREÇOS.

R.D.F.F. 15/9/80

O CHEFE DOS S. ADMINISTRATIVOS (APROVISIONAMENTO)

João Luís Marques Moreira

HOJE A FRS ANUNCIA:

	Veja amanhã às 20.40h o programa da FRS na TV. Dê razão à sua escolha.
	RDP 1 (Nacional) 19.15h R. Renascença 04.45h
	LISBOA M. SOARES (Zona Industrial) S. FRANCO L. CARDOSO
	A FRS NO CÉU DE LISBOA

P'RA FRENTE COM A FRENTE!
TODOS A ALAMEDA AFONSO HENRIQUES!
11.30/15 H. CONCENTRAÇÃO E PÍCNIC FESTA DESFILE ATÉ AO T. PACO
LISBOA — 20 DE SETEMBRO

Aos Comerciantes e Público em Geral

LEILÃO

Realiza-se nos dias 17-18-19 do corrente mês pelas 15 horas, nos nossos armazéns do Tojalinho (Pinheiro de Loures) de mobiliário de quarto e sala, electrodomésticos, cantoneiras, mesas metálicas, mobiliário de cozinha, estofos de canto, sofás camas, ferramentas, calculadoras, fotocopiadoras, móveis elementos c/portas de vidro electrificadas e máquinas de serrar madeira e mais uma vasta gama de colchões de molas e outros objectos.

Exposição todos os dias de leilão das 10 às 13 horas, o leilão é sem base de licitação.

Agência de Leilões Lisbelo, Lda.

Tojalinho - Pinheiro de Loures

Desde 1974

Sindicato dos Maquinistas foi o primeiro a ceder à requisição civil

O Sindicato dos Maquinistas da CP foi a primeira organização sindical a suspender uma greve para evitar a aplicação da requisição civil.

Decidida pela sétima vez desde o 25 de Abril, a requisição civil conheceu sempre oposição por parte dos trabalhadores em greve.

Antes dos maquinistas haviam sido abrangidos por medida idêntica os trabalhadores da TAP (Agosto de 1974 e Julho de 1977), Marinha Mercante (Fevereiro de 1977), pessoal de limpeza da Câmara Municipal de Lisboa (Julho de 1977), Telefones de Lisboa e Porto (Fevereiro de 1979) e Petrogal (Abril de 1980).

Em meados de 1975, a empresa dos TLP esteve sob controlo militar, mas sem re-

quisição civil.

O decreto que prevê a requisição civil foi promulgado em 23 de Outubro de 1974, quando era Presidente da República Costa Gomes e Vasco Gonçalves o Primeiro-Ministro.

Esta lei permite a requisição civil e a mobilização militar em relação a serviços pú-

blicos, entre os quais as comunicações telefónicas, cujos trabalhadores em greve não garantam os serviços mínimos indispensáveis, a satisfação das necessidades imprevisíveis e/ou não garantam segurança e manutenção das instalações e equipamento.

Em caso de requisição, a greve suspende-se e, com ela, os direitos dos grevistas.

Na TAP

Técnicos de manutenção preparam nova greve

Os técnicos de manutenção da TAP decidiram iniciar no dia 24 uma greve por tempo indeterminado, se, até lá, o conselho de gerência da empresa não atender as suas reivindicações.

A decisão foi tomada após dois dias de conversações infru-

tíferas com o conselho de gerência, tendo em vista a aplicação pela TAP do protocolo das carreiras profissionais dos técnicos de manutenção de aeronaves, assinado em Junho do ano passado.

Amanhã, em Lisboa

Juristas sindicais analisam projecto AD de trabalho ao domingo

Juristas, dirigentes e funcionários dos contenciosos dos sindicatos do comércio e serviços reúnem-se amanhã em Lisboa, para analisarem sob o ponto de vista técnico-jurídico o projecto de decreto-lei sobre duração e organização temporal do trabalho já conhecido no sector pelo «projecto AD de trabalho ao domingo».

Trata-se de uma iniciativa da Federação Portuguesa dos Sin-

dicatos do Comércio e Serviços, que tem como objectivo aprofundar e analisar com maior minúcia esse projecto, no quadro de uma «vasta acção de debate que está em curso em todo o País, mobilizando dezenas de milhares de trabalhadores do comércio e serviços».

«A complexidade e pormenorização do diploma obriga-nos a um estudo extremamente minucioso, na medida em que o seu

articulado se encontra repleto de verdadeiras ratoeiras com graves repercussões práticas» — esclarece aquela Federação. Um exemplo? «Este projecto, a ser publicado, implica o alargamento dos horários máximos dos empregados de escritório de 7 para 8 horas diárias, e de 42 para 45 semanais».

A Federação está empenhada em frustrar «as intenções do Governo AD de colocar brutalmente

o comércio português à disposição da voracidade dos grandes monopólios nacionais e europeus à custa dos mais elementares direitos dos trabalhadores do sector e do esmagamento dos pequenos e médios comerciantes».

O projecto em questão, recentemente divulgado para apreciação pública e das organizações de trabalhadores no prazo de 30 dias, permite impor o trabalho ao domingo.

Na Mesa

Baixa a produção, atrasam-se os salários

Os trabalhadores da «Messa — Indústria de Precisão» realizam hoje um plenário para análise da situação em que se encontra a empresa, e eventuais medidas a tomar.

Segundo a comissão de trabalhadores, não foram ainda pagos os salários de Agosto e a produção baixou a níveis considerados «preocupantes» devido a dificuldades de abastecimento.

A «Messa — Indústria de Precisão» foi formada em Janeiro de 1979 em virtude da falência da ex-«Messa — Máquinas de Escrever», e é composta por um grupo privado (quarenta milhões de escudos) e pelo Estado (sessenta milhões de escudos).

A participação do Estado no capital social da empresa faz-se através do Ministério da Indústria

e Tecnologia (quarenta milhões de escudos), sendo vinte milhões de escudos reservados aos trabalhadores.

Em documento enviado ao Ministério da Indústria e Tecnologia a comissão de trabalhadores considera que o arranque da empresa foi influenciado negativamente pelo atraso na concessão dos meios financeiros.

Existia, por outro lado, relutância dos fornecedores habituais em aceitar como segura a nova situação da empresa «devido à não satisfação das dívidas anteriores para com eles».

Estes factores não obstaram — prossegue o documento — a que se verificasse no final de 1979 um «ascenso positivo» impossível de manter durante o ano de 1980 devido às dificuldades financeiras existentes.

O documento aponta ainda o atraso no lançamento dos novos modelos, «com maior margem de comercialização», e dificuldades de aprovisionamento, «que começaram mesmo a condicionar» um dos modelos projectados. Durante o corrente ano a situação financeira degradou-se pelo recurso ao crédito bancário a curto prazo, dificuldades na aquisição de materiais e restrição na obtenção de créditos.

O documento afirma, no entanto, existirem condições para permitir o desenvolvimento e inversão positiva da empresa, «o que só não acontecerá caso não seja encarada a resolução do estrangulamento financeiro». Foi reposto o prestígio da empresa no mercado internacional e criado «um espírito de confian-

ça» nos fornecedores e na banca.

O lançamento de uma nova linha e de um novo modelo eléctrico possibilitam — diz o documento — a subida da facturação, em 1981, «para a ordem de um milhão de contos, na quase totalidade, exportados».

Na posse destes dados, a comissão de trabalhadores pretende a viabilização da empresa através da correcção da respectiva estrutura financeira e com o empenhamento das partes envolvidas no processo.

Preconiza, assim, o aumento do capital social em cerca de duzentos milhões de escudos e a revisão do acordo anteriormente estabelecido entre as partes nomeadamente Estado, grupo privado e trabalhadores.

ADÓQUE
TELEF. 87 44 76

TODOS OS DIAS DUAS SESSÕES
ÀS 20.30 E 23.00 HORAS
DOMINGOS: 16 e 21.30 H.

ADÓQUE
TELEF. 87 44 76

2.º
MÊS

ÊXITO
ESPECTACULAR!

2.º
MÊS

CHIÇAL...

— Está a ser o Rom Governo de Portugal!



UMA REVISTA DE NÍVEL EUROPEU!
UM FABULOSO ELENCO

ERMELINDA DUARTE • ANTÓNIO MONTEZ • FRANCISCO NICHOLSON • MAGDA CARDOSO • ESMERALDA AMOEDO • CARLOS GONÇALVES • NATÁLIA DE SOUSA • ANTÓNIO FEIO • AMÉLIA VIDEIRA • FÁTIMA SEVERINO • JORGE NASCIMENTO • TELMA SANTOS • CARLOS GUIA • PAULA OLIVEIRA

PINHEIROS

VEM AÍ O INVERNO

FAÇA JÁ AS
SUAS COMPRAS
DE INVERNO

20%
DE DESCONTO
SÓ ATÉ
30 DE SETEMBRO

PINHEIROS
R. AUGUSTA
AV. DE ROMA
C. DE OURIQUE
CASCAIS

Simpósio sobre Epilepsia para actualização de conhecimentos

Vai realizar-se nos próximos dias 26 e 27 do corrente, no anfiteatro do Instituto de Medicina Tropical, em Lisboa, o primeiro Simpósio sobre Diagnóstico e Tratamento da Epilepsia, que visa proporcionar aos médicos, assistentes sociais, educadores e psicólogos interessados um melhor conhecimento da doença e do seu diagnóstico, de acordo com os conceitos mais actualizados.

Segundo a Liga Portuguesa contra a Epilepsia, organizadora do simpósio, pretende-se com essa actualização evitar a tendência cada vez mais frequente para diagnosticar como epilepsia perturbações assinaladas pelo

electroencefalograma e que não são provocadas por essa doença.

De acordo com estimativas da OMS, a percentagem de epiléticos nos países europeus é de cinco por cada mil habitantes, admitindo-se que em Portugal a incidência da doença seja sensivelmente a mesma.

Segundo Dora Bethencourt, membro da Liga e da Comissão organizadora do Simpósio, a epilepsia está longe de ser um flagelo social e pode ter cura, excepto em casos muito graves que impliquem lesões cerebrais profundas.

Os modernos métodos de tratamento utilizam, para além de

medicamentos convencionais, o apoio psicológico ao doente por se ter verificado que a atitude mental e a personalidade do doente podem influenciar a evolução da doença.

Foram convidados a participar no simpósio dois especialistas franceses, Claude Sallou, de Paris, e Michel Revol, de Lyon, que apresentarão comunicações sobre aspectos do tratamento medicamentoso e psicológico do epilético.

No último dia do simpósio haverá uma mesa-redonda aberta a doentes e seus familiares sob a orientação do psicólogo Vasco Cabral de Sá.

Dermatologia Pediátrica

Das crianças que passam pelos consultórios médicos de Portugal, 20 por cento têm dermatoses, segundo foi afirmado ontem em Faro, nas Jornadas de Dermatologia Pediátrica.

O encontro, que foi presidido por Maria Fernanda Mealha, vice-presidente para Portugal da Sociedade Internacional de Dermatologia, teve a presença dos professores Lurdes Tamayo, da Universidade do México e fundadora da Sociedade Internacional de Dermatologia, e do espanhol José Gomez Arbaneja, que conta com mais de 600 trabalhos científicos publicados.

Jovem morto num acidente continua por identificar

Ainda não foi identificado o jovem cujo cadáver foi encontrado na matrugada de oito de Agosto último, no lugar de Odri-nhas na Serra de Sintra, junto de um automóvel acidentado.

Naquela manhã, às pessoas que passavam na estrada, que liga Sintra ao Cabo da Roca, deparou-se um automóvel muito danificado em virtude de um despiste e embate. Perto encontrava-se o corpo, já sem vida, com o rosto bastante esfacelado, de um jovem aparentando 20 anos, moreno, cabelos e olhos castanhos, vestindo um blusão de ganga e calças de bombazine azuis, calçando sapatos de pele de cobra com pala. Tudo fazia crer ter viajado na viatura e sido projectado para o exterior devido ao acidente.

Apurar-se-ia que o automóvel, um «Triumph Dolomite» havia sido furtado poucas horas antes em Cascais, sendo propriedade



da esposa dum sargento enfermeiro da GNR.

Como até agora a Judiciária não identificou o jovem apesar dos esforços nesse sentido desenvolvidos, solicita para tal a colaboração do público, pois teria amigos e familiares que por certo o estimariam independentemente de possíveis azares que hajam marcado uma tão curta vida.

GABINETE DE ESTUDOS DE DECORAÇÃO E OBRAS, SARL

AV. 5 DE OUTUBRO, 77-6.º - LISBOA
TELEFS. 4 98 05-09-4 01 94-4 12 42

RELATÓRIO DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO DO ANO DE 1979

Senhores Accionistas:

Temos a honra de submeter à apreciação de V. Ex.ªs, o relatório, o balanço e as contas, relativos ao exercício findo em 31 de Dezembro de 1979.

No decorrer do ano de 1979, continuou-se a verificar com a maior intensidade, a crise económica que tanto tem afectado as condições de gestão em que se desenvolveu a nossa actividade.

O constante agravamento dos preços dos materiais e ainda as dificuldades financeiras que nos têm afectado, não podiam deixar de ter o seu reflexo sobre o resultado do exercício findo em 31 de Dezembro de 1979.

Os problemas de cobrança, já referidos em relatórios de anos anteriores, tornaram-se ainda mais agudos no ano de 1979, aumentando, portanto enormemente as nossas dificuldades.

A actividade da empresa, no exercício de 1979, encerrou-se com um prejuízo de Esc. 69 091 363\$80, devendo-se salientar que para isso contribuiu o facto de todas as obras em curso terem sido retiradas pelas entidades adjudicantes.

Os encargos financeiros, durante o ano de 1979, ascenderam a Esc. 7 066 216\$00.

Desejamos exprimir o nosso mais profundo agradecimento a todos os que conosco trabalharam, durante o ano findo, dando-nos a sua colaboração e apoio.

Lisboa, 16 de Junho de 1980

O Conselho de Administração,

a) Presidente - Eurico Pinheiro da Silva

a) Administrador-Delegado - Amílcar Fernandes Bispo

a) Administrador - Fernando Manuel da Costa Almeida

GEOBRA-GABINETE DE ESTUDOS DE DECORAÇÃO E OBRAS, S.A.R.L. BALANÇO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1979

ACTIVO		PASSIVO	
DISPONIBILIDADES:		DÉBITOS:	
Caixa	39 138\$00	Empréstimos bancários	11 357 807\$00
Depósitos à ordem	215 386\$10	Clientes	33 879 227\$90
	254.524\$10	Fornecedores	74 927 751\$80
CRÉDITOS:		Empréstimos obtidos	7 918 408\$10
Clientes	59 725 466\$60	Sector público estatal	49 088 582\$90
Fornecedores	1 713 375\$40	Accionistas	239 752\$20
Devedores	8 591 390\$30	Credores	4 309 571\$40
	70 030 232\$30	Provisão para impostos	6 000 000\$00
Provisão	(2 303 663\$90)		187 721 101\$30
	67 726 568\$40		
DESPESAS ANTECIPADAS:		SITUAÇÃO LÍQUIDA	
Rendas adiantadas	25 000\$00	CAPITAL E RESERVAS:	
		Capital social	2 000 000\$00
EXISTÊNCIAS:		Reservas	920 000\$00
Trabalhos em curso	20 000 000\$00		2 920 000\$00
Imóveis para venda	9 000 000\$00	RESULTADOS:	
	29 000 000\$00	Transitados	(21 389 608\$00)
IMOBILIZAÇÕES:		Do exercício	(69 091 363\$80)
Financeiras	10 112 691\$60		(90 480 971\$80) (87 560 971\$80)
Corpóreas	(6 988 654\$60)		
Reintegrações	3 124 037\$00		
	100 160 129\$50		
			100 160 129\$50

O TÉCNICO DE CONTAS,
Rui Alves Leitão

DEMONSTRAÇÃO DOS RESULTADOS LÍQUIDOS DO ANO DE 1979

Existências iniciais	74 707 337\$10	Facturação de obras	6 351 130\$60
Compras	6 674 392\$60	Receitas suplementares	900 000\$00
Soma	81 381 729\$70	Receitas financeiras	106\$10
Existências finais	29 000 000\$00	Outras receitas	307 500\$00
Custos das existências consumidas	52 381 729\$70		7 558 736\$70
Subcontratos	482 531\$10	Proveitos extraordinários do exercício	149 130\$00
Fornecimentos e serviços terceiros	1 603 877\$30		
Impostos indirectos	252 793\$90		
Despesas com o pessoal	5 681 024\$70		
Despesas financeiras	7 066 216\$00		
Outras despesas e encargos	151 733\$10		
Reintegrações do exercício	1 080 863\$00		
Provisões do exercício	6 000 000\$00		
	74 700 768\$80		
Perdas extraordinárias exercício	2 098 461\$70		
	76 799 230\$50		
Resultados líquidos do exercício	(69 091 363\$80)		
	7 707 866\$70		

O TÉCNICO DE CONTAS,
Rui Alves Leitão

GEOBRA-GABINETE DE ESTUDOS DE DECORAÇÃO E OBRAS, SARL ANEXO AO BALANÇO E À DEMONSTRAÇÃO DOS RESULTADOS DE 1979

8 - Critérios valorimétricos das existências:

São os dos preços de custo, tal como nos anos anteriores:

12 - Desdobramento das despesas com o pessoal:

Remunerações dos corpos gerentes	56 816\$00
Ordenados e salários	5 219 696\$20
Remunerações adicionais	6 450\$00
Encargos sobre as remunerações	397 863\$00
Outras despesas com o pessoal	199\$50
	5 681.024\$70

23 - Relação nominal das acções em sociedades:

Ytong Portuguesa - Betão Celular, SARL	30
a) Acções	30 000\$00
b) Valores nominais	30 000\$00
c) Valores de aquisição	30 000\$00
d) Valores de inventariação	30 000\$00

O TÉCNICO DE CONTAS,
Rui Alves Leitão

EXERCÍCIO DE 1979 PARECER DO CONSELHO FISCAL

«Senhores Accionistas:

Durante o exercício de 1979, pudemos comprovar as condições difíceis em que continua a actuar o sector da construção civil e obras públicas.

Também a empresa tem problemas próprios que se têm vindo a agravar de ano para ano, sem que se vislumbre solução aceitável.

Durante o ano findo não se tornou possível o necessário relançamento da empresa, devido a circunstâncias adversas.

A actividade da Geobra sofreu neste exercício ainda maiores dificuldades, quer no sector de obras, quer no funcionamento dos serviços administrativos e técnicos.

Com efeito, em vez da reestruturação que se impunha, o pessoal saiu da empresa, provocando

elementos absolutamente necessários.

O Balanço apresentado corresponde aos valores escriturados, mas não foi possível dispor de elementos seguros quanto aos bens inventariados.

Os critérios valorimétricos adoptados, são, porém, correctos, e seguem os princípios anteriormente praticados.

Nestas condições, somos de parecer que, com as ressalvas apontadas, as contas e o balanço do exercício de 1979, exprimem a grave situação patrimonial da empresa.

Lisboa, 23 de Maio de 1980

O FISCAL ÚNICO

a) Dr. António Manuel dos Santos Oliveira



Passagem de uma camioneta AD



Imediatamente antes do «sketch» da JCP

Num Rossio explosivo

Carneiro e Amaral ou o riso pré-eleitoral

Os discursos (demagógicos), as promessas (não cumpridas), as dívidas (à Banca), a vida (particular) do primeiro-ministro em exercício, Francisco Lumbrals de Sá Carneiro, foram ontem à tarde, no Rossio, alguns dos temas responsáveis pelas gargalhadas espontâneas saídas das gargantas de algumas centenas de pessoas que assistiam, com manifesto gaudio, a uma «cegada» de elementos afectos à Aliança Povo Unido.

«No dia 5 de Outubro anda a roda. 33 mil contos... Lotaria do 5 de Outubro: sai um primeiro-ministro...» — esta uma das muitas «bocas» de uma «cegada», admiravelmente bem montada, que, repetimos, fez rir a bandeiras despregadas o público que ali acorreu.

No palco, montado no centro do Rossio, Sá Carneiro, Freitas do Amaral e uma presença feminina — Snu Abecassis —, personificados por jovens elementos da APU. Na «plateia», um público variado: embora a maior parte fosse «simpatizante», a outra, que não o era de certeza, não pôde fugir à «unidade», ou seja, não pôde conter um riso que, apesar de amarelo (pudera!), não deixava de ser riso.

O riso unânime, sem reticências, veio no final da cegada: surge no palco uma fotografia enorme com os responsáveis da FRS — Mário Soares, Lopes Cardoso e Sousa Franco. Alguém grita da «plateia»: «quero ver esses gajos pelas costas...» Faz-se a vontade ao público: vira-se a fotografia ao contrário

... o riso é geral — Sousa Franco, quando ainda dirigente do PSD, rodeado por Freitas do Amaral e Sá Carneiro, durante a reunião, em 1978 (no Hotel Tivoli), da «Convergência Democrática»; Mário Soares, quando da constituição do II Governo Constitucional (PS-CDS), em alegre convivência com Freitas do Amaral; Lopes Cardoso, quando Ministro da Agricultura do I Governo Constitucional, em «guerra aberta» com a Reforma Agrária...

«Alta voltagem»

Mas, na tarde de ontem, nem tudo foi «cegada» no Rossio. O grande número de bancas instaladas pelos diversos partidos concorrentes às próximas elei-

ções provocou um ambiente de «alta-voltagem» que, em determinada altura, fagueou...

Elementos da AD e da APU envolveram-se em confronto sem que se possa determinar com exactidão quais as causas da abertura das hostilidades. Depois de alguns minutos de pugilismo, a calma (muito, muito relativa) regressou ao Rossio.

Rossio que parece ter voltado aos velhos tempos de 1975: grupos e grupinhos em «diplomática caveleira», «conversas de surdos», siglas «mais siglas, ben-deirinhas partidárias. Frente ao «Piquenique», o «público» habitual: homens que, à imagem do gen. Galvão de Melo, não desistiram de «conquistar» Angola e «deitar os comunistas ao mar...»

Enquanto isso, camionetas da AD com meninos e meninas com

idade ainda para usar fralda (apetece perguntar: se estivessemos em período escolar quem gritaria nas ruas de Lisboa os «milagres» da AD? Onde iria encontrar pessoal para «propagandear» as suas «virtudes»?), às voltas e às vóltimas.

Entre as duas forças maioritárias, no Rossio entenda-se, ou seja, entre a AD e a APU, os militantes da FRS surgiam aos olhos de todos como as vítimas da tão propagalada «bipolarização: discretos, fora do «barulho», as suas palavras de ordem eram literalmente abafadas pelos «Vota na AD», pelos «Vota Povo Unido».

Não haja dúvida: no roteiro das sensações fortes, o Rossio é, hoje, uma etapa obrigatória...

MA

Em duas palavras

● Jaime Serra, da APU, acusou ontem à noite em Torresos o candidato presidencial Soares Carneiro de ser «a principal peça subversiva na manobra conspiratória das forças reacconárias» que apoiam a AD. «Muito mais que com a campanha eleitoral, a AD está preocupada com a aplicação do seu plano de acção subversiva», disse o dirigente comunista antes de recordar os acontecimentos de 11 de Março de 1975 e 28 de Setembro de 1974. «Se as forças reacconárias tentarem novos processos golpistas, todos aqueles que não querem o regresso ao fascismo oporão uma barreira séria a esses planos e, mais uma vez, lutarão» — acrescentou.

● As medidas eleitoralistas que o Governo apressadamente está a tomar para tentar iludir a sua política antipopular, é como se estivesse a vender botões para obrigar o povo a comprar o sobretudo, afirmou em Sines, o presidente do MDP/CDE, José Manuel Tengarrinha, num comício realizado pela APU, no Salão do Povo, em Sines. José Tengarrinha acentuou que se sente, em todos os contactos públicos e desde o início da campanha, uma menor adesão à AD, «o que comprova a nossa ideia de ter sido impopular e gravosa para o País a política desenvolvida pelo actual Governo».

● Os três líderes da AD dirigiram uma carta ao eleitorado onde apelam ao voto na coligação e sublinham que «só a vitória da AD garante estabilidade e paz para os próximos quatro anos». Sá Carneiro, Freitas do Amaral e Ribeiro Teles consideram que «nas próximas eleições é necessário reforçar a maioria para construir o futuro, rever a Constituição e fundar um regime plenamente democrático». Afirmam que «a FRS é uma falsa alternativa» e que «a escolha é clara: ou o voto no Governo da AD ou o voto num Governo apoiado por comunistas e socialistas».

● Ainda a APU, mas na Madeira. Definindo os seus principais objectivos: a Aliança Povo Unido diz em manifesto divulgado no Funchal que se trata de levar uma nova voz democrática à Assembleia Regional, derrotando a AD. O manifesto diz ainda que a verdadeira autonomia desejada pelos madeirenses é um dos grandes objectivos do 25 de Abril e acusa a AD de só a ter destruído até agora.

● O POUS/PST acusou os comunistas e socialistas de se terem aliado à direita e ao general Eanes. A acusação foi feita na TV, ontem à noite, por Aires Rodrigues. Esta posição não impediu contudo que, na mesma TV, os candidatos POUS/PST continuassem a defender uma aliança PS/PC.

De víbora na mão

● Dois indivíduos de pistola em punho — segundo acusação formulada pela APU — tentaram impedir militantes da aquela aliança e da FRS de colarem cartazes de propaganda em S. Mamede de Ribatua (Alijó). A APU acusa provocadores e arruaceiros de terem interrompido um comício em Rebordelo (Vinhais), desligando a luz eléctrica da aldeia e tentando queimar um jeep que anunciava as sessões da APU.

● Parte ainda da APU uma acusação contra o vereador PS da câmara de Montemor-o-Velho: teria mandado

retirar uma faixa de propaganda da APU no recinto da feira anual da vila sob a alegação de ser proibido afixar propaganda naquele recinto. A APU acusa e denuncia ainda a limitação da liberdade de distribuir panfletos que terá recaído sob militantes seus no lugar de Liceia.

● Dificuldades em distribuir propaganda eleitoral terá tido igualmente o cabeça de lista da APU por Castelo Branco, João Amaral.

O incidente, ocorrido em Unhais da Serra, próximo da Covilhã, envolveu o gerente da «Penteadura», que emprega mil trabalhadores, e o qual impediu que o militante comunista falasse aos operários no largo fronteiro às instalações fabris.

● Relata o PS: Orlando Monteiro — totalmente cego e militante do PS — na noite do dia

16, no Estoril, saiu com a filha, de 15 anos (da JS) que ostentava o emblema da FRS. Um seu vizinho, que envergava uma camisola da AD, meteu-se com a pequena, quis agarrá-la e insultou-a. Como o pai a quisesse defender, foi chicoteado com um cinto pelo adepto da AD. Aos gritos da pequena, o energúmeno fugiu, sem no entanto ter evitado ser reconhecido por testemunhas.

A PSP tomou conhecimento da ocorrência e Orlando Monteiro, que perdeu muito sangue, foi tratado no hospital de Cascais. No dia 17, foi à PSP do Estoril comunicar o nome do agressor José da Silva Lage. Acontece porém que a PSP lhe disse que no dia 23 deveria ir prestar declarações à esquadra de Cascais e que nessa altura comunicaria o referido nome. E, entretanto, esse energúmeno da AD, que chicoteia

pessoas cegas, continua sem ser incomodado, como se fosse um cidadão pacato e cumpridor.

● Um comunicado de Imprensa da AD diz que responsáveis camarários da APU em Alcácer do Sal atrasaram por 24 horas a realização de uma sessão de esclarecimento marcada para anteontem na Sociedade Amizade Visconde de Alcácer. Como resposta, a AD foi realizar a sessão na sede local do PSD.

● Foram ontem retirados os cartazes da AD fixados no dia anterior na Igreja da Misericórdia, junto à praça central da Covilhã. A colagem havia suscitado um protesto da APU junto da CNE e da Procuradoria-Geral da República.



Em duas palavras

● Realizou-se ontem em São Julião de Freixo (Ponte de Lima) o funeral do militante socialista João Baptista, falecido por acidente no início da campanha eleitoral quando procedia à colagem de cartazes da FRS. João Baptista, 34 anos, faleceu quando inadvertidamente tocou fios de alta tensão. No funeral integraram-se centenas de pessoas e os candidatos do PS pelo distrito de Viana do Castelo, Oliveira e Silva e José Manuel Galvão Teles, o primeiro dos quais também em representação pessoal de Mário Soares.

● Joaquim Leonardo Martins, militante da FRS que anteontem ficou gravemente ferido num acidente de viação quando seguia para um comício em Idanha-a-Nova, está já livre de perigo. Leonardo Martins era o condutor de um automóvel em que seguiam mais dois militantes da Frente e que na sequência de uma ultrapassagem embateu numa camioneta que se encontrava estacionada à esquerda da faixa de rodagem. Do acidente resultou a morte de Nuno Vieira e ferimentos graves em José Francisco Ramos Esteves (ambos passageiros do veículo e militantes da FRS), que se encontra em estado de coma no hospital de São José e cujo estado é considerado grave.

● Integrado na campanha eleitoral em curso, a Comissão Juvenil de apoio à APU de Portalegre leva a efeito no próximo dia 20, naquela cidade alentejana, um concerto «rock», que terá lugar no pavilhão gimnodesportivo, com a participação dos conjuntos UHF e Medusa.



Fernanda Mestrinho

Discursos "a metro"

Rir de tudo ou de quase tudo o que as pessoas veneram é fazer do riso um exílio e da gargalhada um cárcere, disse um dia um grande escritor português.

É um pouco isso que me aconteceu, passado que está um terço da campanha eleitoral, a acompanhar a Aliança Democrática. Cala-se o riso, engole-se a gargalhada. Tal como ontem me aconteceu no comício da AD no cinema Alvalade. Não, porque não houvesse motivo. E houve. Mas é tudo (foi tudo) tão cansativo...

A plateia e parte do 1.º balcão estavam cheias. Apesar de tudo o entusiasmo não era por aí além.

Curiosamente a juventude «das Avenidas» esteve educada, correcta, ao contrário do que costuma acontecer nos comícios AD. O apresentador anima as «hostes». Pedro Pinto, da Juventude Social-Democrata, é o primeiro orador da noite. Durante minutos e minutos «debita» o seu discurso. Faz alarde dos seus conhecimentos de economia. Anuncia que este Governo (estava na fase dos elogios, de que nunca saiu), colocou directa-

mente 200 recém-licenciados no sector produtivo. Quem terão sido os felizes «contemplados»? Perde-se no discurso. Ao longo do comício, tive uma oportunidade de ouvir aquilo que se pode classificar de um eficaz discurso eleitoral como o definia há dias: com gramática, coerente, espírito e rápido. Terá apreendido?

A «reforma» monárquica

Decididamente, o PPM está a tornar-se um «caso» no seio da Aliança Democrática. Pelo PPM não haverá problemas para a AD. Em troca, o PPM pode falar, falar. Rodrigo Moctessuma discursou durante, imagine-se, perto de 40 minutos. Repito, 40 minutos. Percebe-se, agora, o estado de espírito de uma «pobre vítima» como eu! Quer fazer humor, quando se refere à afirmação de Mário Soares, de que a FRS subiria para 51 por cento. E sai isto: «Nem por obra e graça do Espírito Santo, nem por milagre do menino de Belém» (piada a Eanes). Nada pior para uma piada do que explicá-la. Foi o

que fez Rodrigo Moctessuma: «Refiro-me ao menino de Belém do Médio Oriente». Mesmo com toda a boa vontade, leitor, não me sorri.

O arq. Ribeiro Telles tinha, no primeiro comício desta campanha, na Praça do Comércio, chamado «jarretas» aos dirigentes da FRS. Agora, Rodrigo Moctessuma fala na idade dos dirigentes dos países socialistas, onde diz, «não é dado papel importante à juventude». Lembra a idade do general Tito, de Mao, de não sei quem mais.

Todos deveriam ser reformados. Mas, à laia de defesa, acrescenta que pode chegar-se aos 80 anos em grande forma. Exemplifica com Clemenceau, de Gaulle. Apenas do «lado de cá». Deve ser das águas...

Esta questão é colocada exactamente pelo Partido Monárquico. Por isso assume importância. O PPM defende reforma para os reis. Está a actualizar-se. Mas 40 minutos, dá para tudo. Até para isto: (...) «O antigo e volumoso representante num organismo estrangeiro, a senhora M.L. Pintasilgo». As acusações do costume sobre a sua

posição em relação à presença das tropas soviéticas no Afeganistão. O elogio é francamente «palaciano». Para além disto, discorre sobre os feitos do Governo e alerta contra a abstenção. «Nem que vamos de charola, temos todos de ir votar».

Em apenas nove minutos

Quando o representante do PPM acabou o discurso, já a minha gargalhada dormia e o riso sonhava. Mas o pesadelo estava para vir: mais 40 minutos de Nuno Abecassis (CDS).

«Lisboa é mais feliz, com Nuno Abecassis», grita a juventude. És, Lisboa? — ainda perguntei. Lisboa, responde! Zzz! Zzz! Lisboa dorme. Mas não Nuno Abecassis. É um homem sem sono. «Há meses que não sei o que é dormir, são dias ou noites a trabalhar ao vosso serviço», isto, para estimular a juventude ao trabalho eleitoral, à não abstenção. Depois é o costume: «A multinacional capitalista que é a União Soviética (a propósito do dinheiro gasto pela APU na campanha). Insiste para que todos

andem com autocolantes da AD no peito. Considera que «as bolas do emblema da FRS são o símbolo da opressão». E o CDS não tem uma bola? Por último revela que participou no II Governo Constitucional com o PS. «Impedimos que o socialismo saísse da gaveta porque deitámos a chave fora».

Quando o último orador principiou, não havia nem gargalhada, nem riso apenas um esgar.

António Capucho (PSD) falou apenas nove minutos. O suficiente para mostrar como se faz um discurso eleitoral. Com aqueles requisitos que considero indispensáveis. «Somos nós Poder que escolhemos o terreno da discussão política. Não desceremos à lama». Isto a propósito das «calúnias» sobre a alegada dívida à Banca de Sá Carneiro. Solidariza-se, publicamente, com o presidente do partido. Enuncia os efeitos do Governo AD, com «eficácia». Não era possível ir mais longe, num comício onde dois oradores já tinham falado uma hora e vinte minutos. E quase estragado a sessão.

Mário Tomé (UDP) no Distrito de Lisboa

Retomar o processo cortado em 25 de Novembro

O major Mário Tomé identificou a proposta política essencial da UDP, organização de que é o primeiro candidato por Lisboa, com a necessidade de a classe operária reassumir a liderança do processo político português.

Falando em fábricas do concelho de Oeiras, nos arredores de Lisboa, Mário Tomé apontou a reassunção pelo operariado do seu papel de vanguarda como

condição para a «reabertura dos caminhos de Abril», ou seja, a retomada de um processo de transformações sociais profundas que terá sido cortado pelo 25 de Novembro.

Defendeu o candidato da UDP que, só com a classe operária «na vanguarda», sectores sociais «vacilantes» como a pequena burguesia, na qual se integrou, poderão ser maciça-

mente «arrastados para o lado da Revolução».

Segundo Mário Tomé foi esse o fenómeno que se verificou em 1975, ano do avanço popular que as forças político-militares ligadas aos interesses capitalistas haverão conseguido interromper em Novembro, com a passividade cúmplice do PCP.

As críticas do candidato da UDP (e seu deputado na última

legislatura) ao PCP suscitaram controvérsia no refatório da Sorefame, fábrica da Amadora por ele visitada à tarde.

Particularmente debatida foi a recusa da UDP em aceitar a proposta do PCP de constituição de listas comuns contra a atribuição de três lugares no Parlamento.

Mário Tomé esclareceu a posição da UDP relativamente ao PCP dizendo que «não metia a

APU e a FRS no mesmo saco juntamente com a AD» e que só se lhes referia «na perspectiva da luta dos trabalhadores contra o capitalismo e os imperialismos».

«Nessa perspectiva não posso senão condenar o PC e o PS — prosseguiu — pese embora o muito respeito que me mere-

Continua na pág. 15

Agora

o jornal

Também à terça-feira

Edição Especial/Eleições

(Futebol de salão)

II TORNEIO UNIDADE

Inscrições até 26/9

2ªF. a 6ªF. das 15 H às 18 H

"Diário de Lisboa"

R. Luz Soriano, 44

O número de inscrições é limitado.



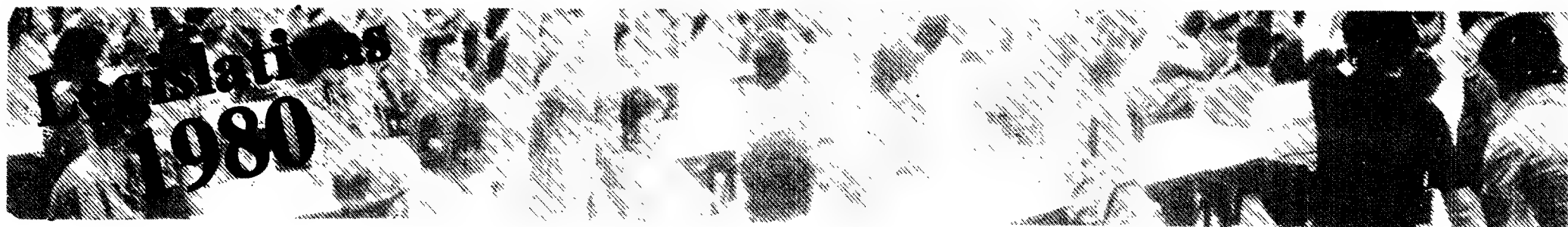
Metropolitano

de Lisboa. E. P.

VALIDADE DOS BILHETES

Esclarece-se que a validade dos bilhetes que dão direito a utilização do metropolitano termina uma hora após a marcação neles feita pelo obliterator

NO ENTANTO, DESDE QUE O PASSAGEIRO, ULTRAPASSE AS CANCELAS DE SAÍDA, O BILHETE PERDE, IMEDIATAMENTE, A VALIDADE



APU



Augusto Vilela

Num distrito heterogéneo e difícil mais que uma estratégia de crescimento

SANTARÉM, 19 — «Tenho a convicção cada vez mais firme de que a AD vai ser derrotada mesmo apesar de tudo aquilo que têm feito e da manipulação do aparelho de Estado e da comunicação social. O que tenho sentido através dos contactos já estabelecidos é que toda essa manipulação não vai surtir o efeito que eles pretendem. E vim dos Açores com a ideia de que até mesmo lá eles vão perder muita influência.»

São afirmações de António Dias Lourenço, cabeça de lista da APU por Santarém, um distrito heterogéneo onde existem concelhos maioritariamente APU em contraste com outros onde a esquerda é francamente minoritária.

Todavia muitas coisas estão a alterar-se e as populações escapam-se gradualmente à influência dos caciques.

No distrito de Santarém a APU e o PCP passaram de 44.431 votos em 1975 (15,1 por cento) para 43.822 (16,1 por cento) nas primeiras eleições legislativas de 1.76. Apesar de uma ligeira perda de votos o abstencionismo proporcionou este aumento percentual. Nas eleições de Dezembro último a APU subiu para 21,7 por cento e obteve mais 18.891 votos, conquistados,

tudo indica, em sectores descontentes do PS já que a AD registou também um aumento considerável. A APU aumentou a sua representação de dois para três deputados, enquanto o PS dos seis que elegera em 1976 ficou reduzido apenas a três.

Dias Lourenço, que antontem em Santarém e ontem em Muge (um feudo da Casa Cadaval) participou em duas sessões de esclarecimento manifestou-me a sua convicção de que, para além da derrota global da AD também no próprio distrito de Santarém a APU vai aumentar. É todavia «difícil mas não impossível», meter mais um deputado. Seriam necessários mais 12 a 15 mil votos. O PS encontra-se neste distrito em melhores condições de tirar um deputado à AD pois para tal necessita de um número de votos muito menor.

As zonas industriais do distrito — Tramagal, Torres Novas, Entroncamento — podem registar significativos aumentos para a APU, o que estará em consonância com o alargamento da organização do PCP.

Ouvir com outra atenção

Em todo o distrito a participação nas sessões de esclareci-

mento tem sido bastante ampla mas o que tem dado melhores resultados são os contactos pessoais e os minicómicios mais ou menos improvisados.

É um dado adquirido de que as populações ouvem com outra atenção a APU que utiliza uma linguagem dirigida aos seus problemas concretos e vai direita a interrogações que nascem no espírito das pessoas.

Numa região onde a APU procura os seus votos e tem a sua maior implantação nas áreas rurais, as questões ligadas à agricultura e os problemas dos pequenos produtores são o tema dominante.

Quando Dias Lourenço lhes diz, numa linguagem simples e com frequente recurso ao próprio calão que «o pequeno produtor, sozinho, está tramado, porque cai nas mãos dos intermediários que lhe compram barato e fazem chegar o produto caro ao consumidor», todos entendem. Todos sabem por exemplo que vendem o vinho (quando encontram comprador) por preços aviltantemente baixos e que se o forem beber ao restaurante mais próximo da vila ou da cidade o terão de pagar cinco ou seis vezes mais caro.

E pelo que se tem visto pelo País fora bem pode o Governo

pregar a excelência das suas medidas de protecção aos pequenos agricultores. Ninguém acredita.

«O Ministério da Agricultura não faz rigorosamente nada por nós nem pelos agricultores do Norte. Só conhecem a Reforma Agrária para fazerem o que se vê. Mas sempre estou para ver o que vão colher se continuarem a semear o Alentejo com metralhadoras e espingardas». Este desabafo é de um pequeno agricultor das proximidades do Cartaxo que no momento em que o abordámos contava divertidamente aos amigos as peripécias que viveu quando foi a Lisboa ao IFADAP pedir um empréstimo depois de ter sido aliciado por um anúncio que viu num jornal.

Naturalmente que os 33 mil de Sá Carneiro são um dos temas mais focados nas sessões de esclarecimento. As pessoas querem saber tudo e não há ninguém que ignore tamanho escândalo especialmente em pequenos meios de dominante conservadora onde a segurança do «pé de meia» preocupa muito as pessoas. E a campanha contra Sá Carneiro é enorme e demolidora, podendo dizer-se que de Norte a Sul o País está coberto daquelas inscrições que já todos conhecemos, algumas

com certas variantes regionais para melhor compreensão local.

E Rio Maior?

«Façam favor, deixem de distinguir a malta de Rio Maior como se fossemos heróis metidos numa selva». Comentários como estes podem ouvir-se já com frequência numa terra portuguesa como qualquer outra mas que a direita pretendeu transformar em capital da reacção.

A moca passou de moda tornando-se para muita gente um ferrete considerado ofensivo, um símbolo rejeitado. Hoje já não seria possível a instrumentalização das pessoas como em 1975

e a APU, garante-me uma pesoa do meio, vai aumentar este ano a sua votação em Rio Maior.

— Quanto?
— Uns 50 por cento
— Mas isso não serve para nada!

— Serve, serve. Serve para provar que a instrumentalização e a manipulação das pessoas não dá resultado. Um dia elas descobrem a verdade.

Em complemento posso informar que em breve o PCP vai abrir em Rio Maior um Centro de Trabalho.

E há a convicção de que vai resistir.

Mário Tomé em Lisboa

Continuação da pág. 14

cem os trabalhadores que militam nesses partidos».

A recusa da UDP a integrar-se nas listas do PC foi também esclarecida por Mário Tomé e por José Mesquita, dirigente do PCP(R) que o acompanhou na visita à Sorefame.

José Mesquita acentuou que se o PCP propusera colocar no Parlamento três representantes

da UDP fora por saber que a UDP «tem força suficiente para os fazer eleger».

Mário Tomé lembrou, por seu turno, que a proposta do PCP se sucedera a uma da UDP, dirigida a todas as forças da oposição, no sentido da constituição de listas únicas para se assegurar a derrota da AD, e que fora acompanhada de uma condição «inaceitável»: a de a UDP não realizar a sua campanha eleitoral

ANDARES VENDEM-SE

Lindas casas alcatifadas, prontas a habitar com 2, 3 e 4 ass. na Póvoa de St.^a Iria (passe social) bons preços. Trata: LUCAMO — Soc. Construções, Lda. R. D. Estefânia 157-r/c Dt.º 1000 Lisboa Telef. 5780 33.

COMPRA-SE MORADIA

Zona Parede, S. João ou Cascais mínimo 5 assoalhadas. Não importa estado conservação. Preço até 5 000 000\$00. Resposta ao apartado 105 2765 Estoril Codex



USS

Grande Encontro das Mulheres do Distrito de Setúbal

PAVILHÃO MUNICIPAL — PARQUE DAS ESCOLAS
SETUBAL

CONVITE

Convida-se todas as mulheres do distrito de Setúbal, a assistir e participar ao encontro de mulheres a realizar no pavilhão municipal no Parque das Escolas — Setúbal, no próximo dia 21 de Setembro-80, às 10 horas.

Durante o encontro irão ser discutidos os principais temas que afectam as mulheres.

VEM E PARTICIPA

TRAZ UMA AMIGA

Setúbal, 17.9.80

DEPARTAMENTO DAS MULHERES DA U. S. SETÚBAL,
M.D.M., C.U.M.s

LISBOA CIDADE DA MÚSICA



ESPECTÁCULOS AO AR LIVRE

ROSSIO

Sábado, dia 20 — 17 horas

Actuação dos artistas

António dos Santos ★ João Ferry ★ Natália Velez ★ Lopes Casqueiro ★ Verónica

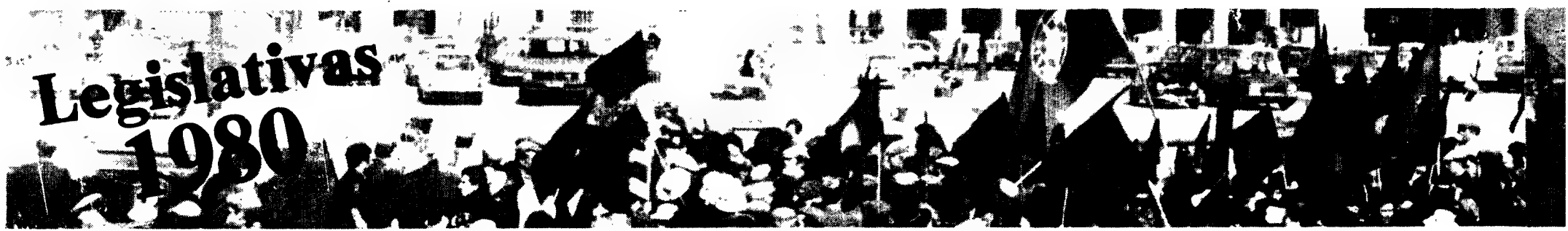
JARDIM DA ESTRELA

Domingo, dia 21 — 17 horas

★ Palhaços ★ Gina Maria ★ Januário ★ Lopes Casqueiro

O «DIÁRIO DE LISBOA» VENDE-SE NO PORTO

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Rotunda da Boavista, Carvalhido, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras.



FRS



Rogério Rodrigues

FRS pode conquistar votos à direita

Contava-me hoje alguém uma anedota que não sendo porventura recente é contudo actual. Ei-la nos seus traços gerais: seguiam no mesmo carro Alvaro Cunhal, Freitas do Amaral e Mário Soares. Bem sei que estamos no reino da ficção mas para parábola serve. Freitas não se cansava de pedir: para a direita, Cunhal insistia: para a esquerda, Soares propunha: aos ziguezagues.

O perigo actual da FRS nas zonas que tenho percorrido é exactamente o ziguezague estratégico. Em Braga, Raul Rego levanta-me o estandarte da Primeira República num provento discurso para gente jovem que esperava a gritaria do conjunto. António Vitorino atacava a fundo o problema das presidenciais e ajoelhava-se ao confessorário, arrependido de Eanes, Salgado Zenha lembrava que era de Braga. Jorge Miranda assumia-se como social-democrata e empenhava-se nas maiores diatribes daquela tarde quente contra a APU.

Depois, em Braga, falhou o contacto com a população. Os manifestos eleitorais do círculo não chegaram a tempo. Havia, porém, um trabalho de rua e de colagens que ultrapassara, no sentir de muitos militantes, «as nossas melhores expectativas». Braga é fundamentalmente um concelho socialista, dizia-me Mesquita Machado, presidente da Câmara que com Abílio Curto,

exercendo funções idênticas na Guarda, é dos autarcas socialistas mais prestigiados no País. A última semana será a do arranque final, garante-me.

Em Vila Real, após contactos com populações perdidas no Marão e noutros povoados do concelho, houve o comício no ciclo preparatório da cidade. Coubem a António Vitorino (UEDS) e Jorge Miranda (ASDI) as partes gordas do comício. Surpreendentemente, muitos dos dirigentes da UEDS estão a tomar a dianteira nos ataques da APU aos próprios dirigentes do PS e da ASDI. Foi o caso de Vitorino, em Vila Real, que, além dos ataques a Soares Pintasilgo e dos elogios a Lurdes Pintasilgo, e Ramalho Eanes, desenvolveu toda uma imagética de negro contra a APU lançada numa campanha de «vergonhosas calúnias» em relação à FRS. Diria mesmo que quando a APU diz que o voto na FRS não é um voto seguro «O PC deixou de ser um partido para se transformar numa companhia de seguros». Diga-se que os ataques tão violentos à APU em terras transmontanas deixaram um pouco frias muitas das pessoas que assistiam ao comício e que não eram militantes socialistas. Nas regiões do interior, como ontem já afirmei, a solidariedade dos homens de esquerda é muito mais forte. Necessitaram dela em tempos difíceis, cimentaram

relações que vão mesmo até à frequência de cafés comuns. Dizer socialismo tem uma carga profundamente política que exorbita tempo do voto. Já a social-democracia é algo que ultrapassa a simplicidade de opções ou pelo menos a sua clareza, como se vive no Norte. Que social-democratas nas terras por onde eu andei? Ou ficaram na AD ou se assumiram como simpatizantes do PS. A ASDI não tem significado algum nem abre mais o leque eleitoral, a não ser talvez, em zonas urbanas, melhor abalizadas para entender certas nuances.

Só os ataques à AD funcionam. E funciona também a defesa de Eanes.

Jorge Miranda tem um discurso assente em dois pontos, em duas defesas: a Constituição e Eanes. Na negativa restam a AD e APU.

Jorge Miranda que em conversa rápida comigo se mostrava convicto de que quem tem a juventude pelo lado dele tem uma grande força (e a prova é que a FRS ainda está a sofrer a política desastrosa de Sordja e de alguns dos seus dirigentes juvenis), tem todas as suas baterias apontadas para o referendo. E pergunta: «Como é que a AD se atreve a falar de um referendo se tem apenas 46 por cento dos votos? E de supor que não seria um referendo livre. Seria um referendo como o de Pinochet e o de

1933 de Salazar em que as abstenções contaram a favor do Governo. Seria um referendo como eram as «eleições» no tempo de Salazar e Caetano. A AD defende o referendo porque quer antes o golpe de Estado».

Em terras do distrito de Viseu o problema põe-se de forma idêntica ao de Trás-os-Montes. Os que se assumiram como socialistas são bases de esquerda do PS, que acompanham no dia-a-dia com militantes ou simpatizantes da APU mas raramente com um activista da AD que claramente alcunham de fascista. Esta é uma realidade dificilmente negável, pelo que me parece que nem sempre a linguagem da FRS será a mais ajustada para terras onde defender ou mesmo só acreditar no 25 de Abril foi já resistir. Em Moimenta, um grupo numeroso de democratas, aproveitando a passagem da caravana da FRS, depôs no pequeno monumento a Aquilino um grande ramo de flores. Significa que as opções são muito claras na província e que se a FRS pode retirar votos a eleitores da AD falando linguagem de esquerda, já dificilmente poderá conquistar votos à esquerda falando linguagem de direita, mesmo que eu esteja convencido que haverá muita gente de esquerda disposta a apostar o seu voto útil na FRS. Mas para tal é necessário que a FRS lhes fale a linguagem da sua opção.

FRS



Ribeiro Cardoso

Percorrer a cin a bela pal

Mário Soares, integrado na equipa n.º 2 da FRS (isto é, sem Sousa Franco e Lopes Cardoso), andou ontem por Lisboa. E andou de diversas maneiras: a pé, de metropolitano, de comboio, de automóvel.

No final, jantando num dos restaurantes da Feira Popular, com cerca de meia centena de quadros e militantes da Frente, Soares estava satisfeito. Dizia para quem o queria ouvir que não tinha sido hostilizado, e que, contrariamente ao que havia acontecido no ano passado, o diálogo tinha sido possível com vendedeiras e comerciantes (Feira da Malveira), com trabalhadores da cultura industrial Cimpor, em Alhandra), com meros transeuntes (no Rossio).

Um tema — a não hostilização — que é muito caro ao líder da FRS, que sempre fala nele quando resume para os jornalistas as suas impressões sobre o modo como vem decorrendo a campanha. O que, de resto, aconteceu ontem à noite, na Feira Popular, onde um enviado da BBC e um jornalista italiano se deslocaram propositalmente para ouvir Mário Soares, que, obviamente, lhes «vendeu» o tema.

Só que o imprevisto — também ontem... — aconteceu. E com bastante piada: alguns dos «miro-nantes» que sempre aparecem nestas ocasiões vieram ver de perto Mário Soares comendo a tradicional sardinha assada. De repente, começaram a pedir as já populares notas de mil com a inefável figura de Sá Carneiro, o glorioso acusado de dever 33 mil à banca. As tantas, e como lhe



APU



Eugénio Alves

“Surrealista”, mas pouco

PORTO, 19 — Ângelo Veloso, da Comissão Política do CC do PCP e candidato n.º 2 da APU por este distrito, traçou, ironicamente, a noite passada, num pequeno cinema da cidade, um cenário pos-eleitoral alegadamente «surrealista», mas no qual muitos dos presentes adivinharam coexistirem situações futuras prováveis.

Ao falar do «desespero notório» dos responsáveis da AD perante a eventual derrota, referiu Ângelo Veloso quatro hipóteses de salvação para aquela coligação: 1 — um grande esforço de mobilização e propaganda — de que não parece capaz, pois já recorre a mercenários para a colagem e destruição de cartazes; 2 — uma boa dose de «chapelas» via-caciques; 3 — um golpe (improvável, pois se pudesse já o teria feito) e, finalmente; 4 — uma aliança com o PS.

E desta última hipótese brotou, na sua forte e humorada voz, o dito cenário: o CDS queixar-se-ia da dívida de Sá Carneiro. Diria que nada soubera da Snu, que não lhe tinham concedido mais deputados, que os seus dirigentes têm uma vida familiar irrepreensível, etc., etc. e que continuava disposto a um

acordo com outras forças.

O dr. Sá Carneiro pediria dispensa para viajar até à Suíça, com passagem por Roma a fim de legalizar a situação matrimonial e a Comissão Política do PSD elegeria como seus membros, os filhos pródigos Sousa Franco, Magalhães Mota e Sérgio Correia para o casamento com o PS. Quanto a Soares Carneiro, tudo simples também. Diriam: «Foi um engano do Sá Carneiro, que estava doente e que até já está na Suíça...»

Conversa fiada

Tudo isto veio a propósito de uma questão levantada por um dos presentes sobre a tese da APU de que o voto na FRS é incerto ou inseguro. Aquele dirigente recordou, então, o que foi a política dos «pacotes», a Lei Barreto, contratos a prazo, o acordo com o FMI, as centenas de saneamentos à esquerda, etc., para sublinhar que, em caso de descida da AD e subida da FRS mas descida também da APU, avançaria rapidamente um governo PS-PSD, com um programa, inevitável, de destruição, dos já ameaçados direitos e

conquistas dos trabalhadores.

Daí — acrescentou — a necessidade do crescimento da APU como factor unitário de contenção de um Governo e política de direita do PS.

Sobre este tema falou também o ex-dirigente da UEDS, Artur Sentieiro, gestor bancário, ao responder por que razão abandonara aquele partido e participava agora como independente, nas listas da APU.

Com uma linguagem viva e directa, Sentieiro (igualmente membro fundador do PS, que abandonou na mesma altura de Lopes Cardoso), contou que «a democraticidade interna do PS é uma conversa fiada. E o magister dixit do dr. Mário Soares». Acrescentou que, face aos resultados da UEDS em Dezembro de 79 («o eleitorado disse que valíamos 0,7») pôs-se a questão de continuar ou não a luta política. O quadro possível de alianças reduzia-se ao PS e à APU. A maioria dos responsáveis da UEDS apontou para os socialistas. Como à segunda «caí quem quer» Sentieiro, companheiro da luta antifascista antes do 25 de Abril dos comunistas e membros do MDP, tinha razões para não aceitar ser «pena no chapéu» ou

a «tonalidade de esquerda» da FRS, nem retomar a experiência de pequenos grupos, cujos votos inúteis deram à AD nas intercalares, a maior.

Trabalhadores agirão

O medo e desespero da AD pela derrota (em parte pela ferida de morte no prestígio de Sá Carneiro, pela escolha de um candidato presidencial de «traços perfeitamente fascistas», com pendor para dividir a própria AD e, por outro lado, devido a um certo distanciamento de sectores da Igreja) podem levar os seus responsáveis e activistas a tentar instaurar um clima de violência e de intimidação — revelou, ainda, Ângelo Veloso.

Neste caso, considerou o dirigente comunista, após referir alguns «ensaios» desse tipo orquestrados por gente contratada da AD, a linha da APU tem sido muito clara: pedir a intervenção da Polícia e informar a CNE.

Como a polícia tem frequentemente ignorado tais apelos ou queixas, Ângelo Veloso disse em termos formais que poderá acontecer terem de ser os trabalhadores a «fazerem respeitar a lei e a ordem democrática».

AD



Luís Humberto Marcos

Quatro

COIMBRA, 19 — Extremamente simples aquilo que hoje vos tenho para contar. Trata-se da aventura que é por vezes este trabalho de reportagem.

Ontem desci a esta espartilhada cidade do Mondego com um motivo na bagagem: acompanhar a «metáfora» ou seja o ofendido centrista, coordenador da AD. À tarde tinham-me dito da sede do PSD (coordenador da campanha distrital) que ele iria a Montemor-o-Velho. Arranquei do Porto e logo que aqui chego, ligo para a sede do PSD.

Ninguém sabe indicar o sítio exacto da sessão. Mais tarde voltei a ligar e nada. Era a hora do jantar. Só às 21.15 é que localizei alguém. Do lado de lá do fio: agora não está cá ninguém que o posso informar, há aqui muita barafunda, ligue daqui a 5 minutos. Britanicamente volto a riscar o 71699. Está impedido. Insisto.

Agora sim: chamam o dr. Pardo Oliveira, coordenador da AD, que me dá a indicação das sessões da noite, seis. Em nenhuma delas o nome do número 2 da lista.

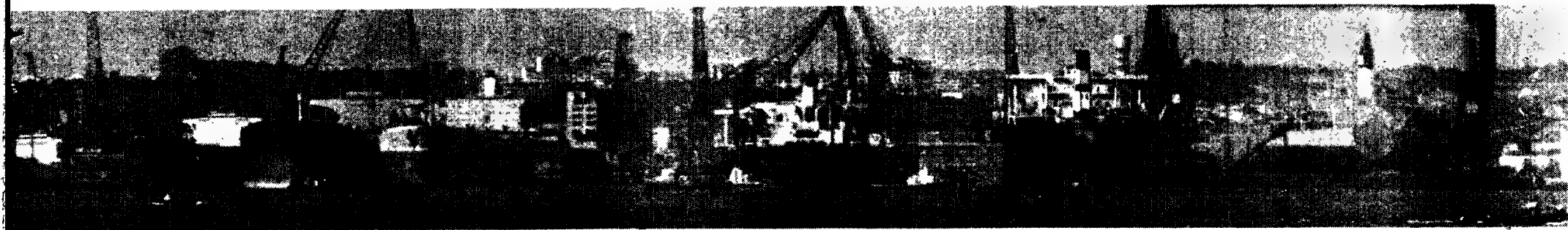
«E o dr. Lucas Pires?» — pergunto, intrigado.

— «Esse nunca tem nada marcado. Ele pega na lista, no mapa de cada dia e escolhe à vontade. Ele faz uma campanha à europeia e não como se continua a fazer por aí fora». (O elogio social-democrata à tática centrista).

«Então não há hipóteses de saber onde está ele esta noite?» — «Não, ele aparece de surpresa. Muitas vezes em mais de um sítio».

«E não irá a Montemor?» — insisto.

«Ontem é que lá estive e aquilo foi mesmo bom. Hoje deve ir para outro lado».



ura e o coração de Lisboa ouvindo avra unidade (que não se faz)



Uma «agit-prop» pouco à Soares

tivesse chegado às mãos um maço dessas notas, dadas por alguém que não consegui identificar, Soares distribuiu-as pelas mãos sôfregas dos tais «miro-nes», que logo passavam a boa nova. E quando Soares deu a entrevista ao jornalista italiano, este reservou para o fim uma pergunta bombástica:

«Dr. Mário Soares: como explica o facto de distribuir dinheiro pelas pessoas para comprar o seu voto? O senhor não pode negar que o faz, porque eu bem vi o que se passou há pouco...»

Soares deu uma gargalhada e a melhor resposta que encontrou foi a de oferecer ao jornalista uma nota ornamentada com a inconfundível face do líder da AD, que, se se dignar receber esse mesmo profissional de Informação, terá que lhe contar essa história dos 33 mil...

A bela palavra unidade

O dia de ontem da campanha da FRS em Lisboa foi marcado, pois, pelos intensos contactos directos de Mário Soares (acompanhado de João Cravinho, Beja Santos, Joel Hassel Ferreira e José Carlos Megre) com pessoas de feiras, de fábricas e de rua. Foi no Rossio, no entanto, e a nosso ver, que o mais interessante se passou.

Quando Soares saído do metro em que viajara desde Sete Rios, ali desembocou, aconselhando aos simpatizantes da Frente que o acompanhavam para não gritarem palavras de ordem, deu de caras com uma

banca da APU. Os militantes desta organização política, sem hostilizarem o secretário-geral do PS, lançaram os tradicionais e bem conhecidos «slogans» favoráveis à Aliança Povo Unido. De imediato, os activistas da FRS responderam com slogans seus. E de repente, no meio da «guerra» dos «slogans», um megafone começou a lançar para o ar a bela palavra «unidade», repetindo-a incessantemente. E a unidade, ali fez-se, em pleno Rossio, onde meia dúzia de provocações menores, e envergonhadas a cargo de um ou outro AD ou MIRN não chegaram para ensombrar a «festa».

E já agora um pequeno parêntesis: nas instalações da Cimpor, como nas instalações da Carris, em Santo Amaro e Cabo Ruivo, ou nas do Metropolitano em Sete Rios, os trabalhadores puseram a Mário Soares, como não podia deixar de ser, a questão das alianças com a APU. Esse tema — a aliança das principais forças de esquerda para a resolução dos problemas do nosso país e muito cara aos trabalhadores do PS e do PCP — obteve sempre no entanto, a mesma resposta do líder da FRS: não haverá alianças com a APU, como de resto, não as haverá com AD. Isto é: embora com uma linguagem um pouco diferente (nas manifestações da FRS ou nas palavras dos seus líderes já não se ouve o «slogan» do ano passado «Só, só, só PS...»), Soares insiste numa velha estratégia que, digamo-lo abertamente, muitos amargos de boca vêm causando ao longo destes anos aos socialistas.

Dores de Parto

1969-1973

O Jaguar

O pai do Alberto era podre de rico. Mas pior do que isso, era rico de podre.

O moço andava a estudar, nesse aspecto não lhe dava cuidados. Dentro de pouco tempo, se tudo corresse bem, havia doutor na família.

Se tudo corresse bem. O medo instalou-se em casa quando o pai do Alberto lhe encontrou no quarto uma data de papéis e livros proibidos. Entre eles, aquela pequena brochura de capa verde, intitulada «Se fores preso, camarada...» O livrinho denunciava os métodos da polícia, transmitia experiências, apontava para um comportamento digno nos interrogatórios, na tortura, no prolongado isolamento.

A partir daí, o pai usou sucessivos métodos de persuasão: raspanetes, cortes de mesada, longas estadias na província. Não resultavam. Inclusivamente, deixou de o mandar para a terra: nas férias, o Alberto organizou uma célula na serração e a coisa em certa altura ia dando pró torto.

Mudou de tática. Começou a encharcá-lo de dinheiro, de futeis, de presentes caríssimos: canetas, relógio de ouro, pulseiras.

— Suborno! — dizia-me o Alberto, a rir da esperteza — Quer apanhar-me na rede. Começo a habituar-me à comodidade, às coisas boas e fáceis, amoleço, apodreço... Para onde ele vem!

A vigilância de Alberto não baixava a guarda. Um dia aparece-me em casa, fora de si, ele sempre tão calmo.

— Aquele velho pô-me fora de mim. Isto não vai acabar bem. Tenho de o meter na ordem.

— O que foi agora?

— Chego a casa, ele não estava, tinha-me deixado um embrulho e um envelope: «Com muitos parabéns do teu pai amigo». O que era o embrulho, és capaz de imaginar?

— Não faço ideia.

— As chaves de um «Jaguar» que estava à porta da casa. A minha vontade foi...

— Calma. Calminha!

— Mas tu achas que eu vou andar naquilo? Não percebes o que o velho quer?

Percebia-se à légua. Busquei tranquilizá-lo. Deixasse ficar. Quanto mais o velho caísse com bago, tanto melhor.

Passaram-se meses. Fui procurado por um amigo, em grande urgência. Precisava-se para daí a dois dias, de um automóvel que devia ser o mais luxuoso possível.

— Os «espadas» metem mais respeito, levantam menos suspeitas.

Pus o problema ao Alberto. O «Jaguar», claro. Às ordens.

— Há mais. Também é preciso um condutor, de confiança.

— Eu vou.

— É perigoso. Podem ser muitos anos de Peniche.

Encolheu os ombros. Paciência. As coisas são como são...

Não houve novidade. Da casa dele, a velha respondia que o menino assim e assado, saíra às tantas, chegaria às tantas, para o jantar.

Duas semanas volvidas, Alberto bate-me ao ferrolho. — Vamos dar uma volta?

Fomos. No «Jaguar». Com um Alberto descontraído, solto. Aquilo fora para ele mais do que um carro de luxo. Fora uma prova, a confirmação da certeza de si próprio. Valia bem, agora, a passeata até Cascais, até ao mar, com um amigo.

Alberto, Alberto, porque nunca te vendeste, esta crónica para ti. Para ti, que não te chamas Alberto.

horas atrás de Lucas Pires

Depois deste diálogo (que reproduzi de memória) começa a procura na noite. Princípio por Monte Formoso. Logo à entrada dou de caras com um grupo de 'putos', com um pano da AD, em algazarra. Dizem-me que é ali. Chego lá, não é nada. Ou melhor «não estava ninguém para abrir a porta da escola» e os candidatos foram-se...

Salto para o Chão do Bispo, Santo António dos Olivais. Atravesso todo o bairro. Não há sinais de nada. Uma mulher, jarro de água na mão, diz-me que a escola «é ali à frente». Não vejo nada, não há vivalma na estrada. Espero, e por fim um jovem diz-me que não era ali. Manda-me para outro lado da cidade. Faço vários quilómetros, chego ao sítio indicado e zero também. «Ah isso não é aqui», diz-me um transeunte; indicando-me o lugar

de onde eu tinha acabado de vir. O tempo vai passando. Volto e encontro silêncio. Eram 22,30. Bato a uma porta ao aaso. Explicam-me o sítio exacto da escola. Cem metros adiante dois jovens obrigam-me a mudar de rumo: na escola estava tudo apagado, não tinha havido sessão porque «não apareceu ninguém».

Escolho outra: em Casal de S. João, Castelo Viegas, Pereiros. Passo pela sede do PSD: muitos carros à porta, dois deles com os cartazes dos três líderes. Pergunto por Lucas Pires, ninguém sabe... «no CDS é que devem saber».

Atravesso a cidade e na estrada que segue para Lisboa, meto pelas Lajes, para Pereiros. À entrada peço indicações. Estava farto de ser enganado à procura destes lugares. Estradinha estreita fora, parando,

perguntando, avançando e recuando. «Uff é aqui». Páro. Fora do salão indicado, um grupo de homens conversando. «Por favor, sabe dizer-me se o dr. Lucas Pires esteve aqui?» — quero saber.

Entreolham-se. «Não sei», diz um deles. Apercebo-me da ignorância e insisto: «O dr. Lucas Pires do CDS?». «Não conheço», responde o que estava encostado ao camião pelos outros que encolhem os ombros.

Entro no salão sombrio e triste, luz tênue como são os salões de aldeia. Na mesa três pessoas, nos bancos, daqueles compridos, 17 (dezassete), duas das quais crianças.

Pergunto pelo número 2 centrista. Não tinha aparecido. Ainda ouço falar na desprezada defesa dos recursos naturais. Devia ser um monárquico. Eu é que já não tinha quaisquer recur-

sos em tempo, para apanhar... A alegoria da «metáfora».

De novo no centro da cidade passo pela sede do PSD. Nada. Subo à sede do CDS. «Está com azar», diz-me um jovem. «Andou aqui toda a tarde a preparar o discurso de Vila Real (comício hoje) mas já se foi embora para lá».

E quanto à participação no comício do dia 20, que estava em causa?

«Parece que lá vai falar». — Diz o jovem centrista. De facto consta aqui que a zanga de Lucas Pires ia ficar escancarada já amanhã. Ainda não há a certeza de que o «enfant terrible» do CDS não faça das suas. Diz-me um político não alheio a estas birras: «isto de vir o Amaro da Costa e não o Freitas do Amaral tem muito que se lhe diga...»

Tem, tem, sr. dirigente da AD.



● **AUMENTO DA CRIMINALIDADE** — A municipalidade de Miami pediu às autoridades federais para ajudarem a combater o aumento vertiginoso da criminalidade no bairro cubano da cidade, mais conhecido por «A Pequena Havana». Segundo a municipalidade, este aumento da criminalidade deve-se ao grande influxo de refugiados cubanos, registado estes últimos meses.

● **MOTIM NA PRISÃO** — A polícia peruana retomou o controlo da penitenciária de Lurigancho, onde o motim se tinha verificado na manhã de quinta-feira. No entanto, oito presos conseguiram fugir levando com eles o director da penitenciária e sete membros do estabelecimento prisional. A entrada da polícia na penitenciária com rajadas de metralhadora, permitiu verificar que somente uma pequena parte dos seis mil prisioneiros participara na revolta e que, contrariamente ao que chegou a ser noticiado, não havia mortos a assinalar.

● **ESQUADRÃO DA MORTE** — A polícia revelou quinta-feira que 650 pessoas foram assassinadas desde o princípio do ano nos subúrbios pobres do Rio de Janeiro, principal zona de actuação do «Esquadrão da Morte». A maioria dos crimes está por solucionar e muitos deles envolvem torturas, acrescentou a polícia.

● **«PIRATAS DO AR» REGRESSAM** — Os dois cubanos que desviaram na quarta-feira um avião norte-americano para Cuba regressarão aos Estados Unidos — noticiou hoje a Rádio Havana. O avião da companhia «Delta Airlines» fazia um voo de Atlanta para Columbia, Carolina do Sul, com 111 pessoas a bordo, quando foi desviado para Havana, tendo o aparelho regressado posteriormente aos Estados Unidos.

● **SILES SUAZO** — Hernan Siles Suazo, vencedor das eleições presidenciais bolivianas anuladas pela Junta fascista foi hoje, visto no aeroporto de Lima quando se preparava para embarcar num avião rumo ao Equador. Deste país sul-americano Suazo seguirá depois para os Estados Unidos. Acompanhava-o na viagem Jaime Paz Zamora, vice-presidente eleito da Bolívia. Entretanto, uma missão da Confederação Internacional dos Sindicatos Livres (CISL) pediu em La Paz a libertação dos dirigentes sindicais presos na Bolívia.

● **TRINTA E TRES MORTOS** — Um avião militar do Zaire caiu hoje, matando 33 pessoas que seguiam a bordo — anunciou a rádio Zaire numa emissão captada em Brazaville, a capital da República do Congo. A rádio informou que morreram cinco membros da tripulação e que três pessoas se salvaram. O acidente deu-se no aeroporto de Kindu, na província de Maniema, ao que parece quando o avião se preparava para aterrar.

● **KAUNDA NO JAPÃO** — O presidente Kenneth Kaunda da Zâmbia afirmou em Tóquio que a revolução está prestes a irromper na África do Sul, pelo que os meios de negócios ocidentais têm todo o interesse em investir na África Negra. «Depois da revolução, todos os interesses e negócios na África do Sul desaparecerão em chamas», declarou Kaunda no Clube da Imprensa japonesa.

EUA voltam às armas químicas após dez anos de suspensão

A decisão do Congresso americano, na terça-feira, de reservar uma parte do orçamento militar de 1981 à constituição duma fábrica de gases de combate «Binários», constitui o primeiro passo a caminho do fim da suspensão da construção de tais armas, observadas desde há dez anos pelos Estados Unidos, sublinha-se em Washington.

Recorda-se contudo que a legislação em vigor prevê algumas reservas. A produção desses gases não pode ser iniciada sem

a ordem expressa do presidente dos Estados Unidos. Além disso, este último deve poder afirmar que essa produção é indispensável para a segurança nacional do país.

Os gases de combate «Binários», desenvolvidos desde 1954, são constituídos por duas substâncias inofensivas contidas em projecteis de aviação ou de artilharia. Só se tornam activos depois de misturados antes do momento de utilização.

O orçamento militar ameri-

cano para 1981, que contém as verbas destinadas à construção da fábrica, ainda tem de atravessar várias etapas: aprovado pela Câmara dos Representantes na passada terça-feira, deve ainda ser submetido ao Senado, para uma eventual modificação e depois a uma Comissão Mista Senado/Câmara, que dará ao texto a sua forma definitiva.

Novo bombardeiro

O secretário da Força Aérea Norte-Americana, Hans Mark,

declarou quarta-feira estar a pressionar uma rápida decisão da administração no sentido do fabrico de um novo bombardeiro estratégico, que substitua os «B-52».

A decisão de desenvolver o fabrico de um novo bombardeiro para substituir os «B-52» e o «B-1» que o presidente Carter cancelou, terá, segundo algumas fontes, de ser tomada antes de 15 de Março de 1982.

Uma vez que o Congresso recomendou que os Estados Unidos deveriam ter um novo bombardeiro em 1985, responsáveis da administração consideraram necessário fazer uma verificação dos fundos do orçamento de defesa para 1983.

Explosão num silo de mísseis

Uma explosão ocorreu hoje de madrugada num paiol de Mísseis «Titan II» na região de Damasco (Arkansas) algumas horas depois da descoberta por membros da Força Aérea americana de uma fuga aparente de combustível e de «fumo» à volta do mesmo silo, anunciou um agente da polícia do condado de Van Buren.

Cerca de 100 pessoas, habitando num raio de 1,6 km em redor do silo, foram evacuadas depois da descoberta do «fumo» que as autoridades julgaram ter sido vapor provocado pela fuga do combustível. Segundo as primeiras notícias, haveria feridos.

A Noruega está «em guerra»

A costa ocidental da Noruega transformou-se num campo de batalha simulado quando cinco mil fuzileiros norte-americanos e dois mil soldados holandeses e britânicos da NATO ali desembarcaram, nas manobras militares de maior envergadura já realizadas no país.

A «força de invasão» foi posta em terra por carros anfíbios e por helicópteros saídos de quarenta navios fundeados ao largo, nos estreitos fiordes que acompanham a linha da costa norueguesa.

A s tropas juntaram-se aos 2500 soldados britânicos que desde a passada semana se encontram na Noruega e, em con-

junto com outros 9500 homens, avançarão para Norte. Aqui enfrentarão a resistência de uma também simulada força de ocupação integrada por sete mil soldados noruegueses.

Durante o exercício, que terá a duração de uma semana, a força desembarcada tentará recapturar a área em volta de Trondheim.

A «invasão» faz parte das manobras «Teamwork 80» em que estão envolvidos sessenta mil homens, quatrocentos aviões e 170 navios sob o comando do porta-aviões norte-americano «Nimitz».

Conselho Atlântico

A Bélgica assumiu a direcção

do organismo máximo decisório da Aliança Atlântica com a eleição do seu ministro dos Negócios Estrangeiros, Charles Ferdinand Nothomb, para a presidência do Conselho Atlântico.

O ministro belga substituiu o norte-americano Edmund Muskie.

De acordo com as normas da Organização do Tratado do Atlântico Norte, a presidência de honra do alto organismo, que se reúne em sessão ministerial duas vezes por ano, roda anualmente pela ordem alfabética inglesa entre os quinze países membros.

A anexação de Jerusalém por Israel

Conferência islâmica estuda hipóteses de recurso à força

Iniciou-se ontem em Marrocos, a conferência extraordinária dos países islâmicos para a elaboração de uma estratégia comum contra a anexação israelita de Jerusalém.

A sessão inaugural da reunião, presidida pelo rei Hassan II de Marrocos, assistiram como convidados os presidentes Sekou Touré da Guiné e Leopoldo Senghor do Senegal, que condenaram severamente a decisão do governo de Menahem Begin de declarar Jerusalém a capital una e indivisível de Israel.

Na sua intervenção Leopoldo Senghor referiu nomeadamente a posição do Vaticano, que defende a criação de um estatuto próprio para Jerusalém.

A firmeza foi também a tônica do discurso do secretário geral da conferência islâmica, Habib Chatti, que destacou a posição assumida pelos países europeus que recentemente retiraram as suas embaixadas de Jerusalém, como preconizava o comité Al Qods e a Organização das Nações Unidas.

A Turquia, que pela primeira vez se fez representar, enviou a

reunião uma delegação presidida pelo secretário geral do seu ministério dos Negócios Estrangeiros, Ilter Turkmen.

Segundo círculos turcos, os golpistas de Ancara pretendem com esta presença demonstrar o seu desejo de privilegiar o desenvolvimento das suas relações com os países islâmicos.

A sessão de emergência de três dias convocada pelo Comité Al Qods (Comité de Jerusalém) de catorze nações, criado em Agosto de 1979 pela Conferência Islâmica Mundial, destina-se a analisar o possível recurso à força para desalojar Israel dos territórios ocupados e da cidade de Jerusalém e à procura de uma solução para o problema palestino.

Jerusalém ocupa o terceiro lugar entre os locais sagrados do mundo islâmico, sob tutela nominal da Arábia Saudita.

Autarcas palestinos atacam Israel

As autoridades israelitas expulsaram dos territórios árabes ocupados desde 1967 um total de 1.663 dirigentes palestinos

— revelaram ontem em Roma dois antigos presidentes de Municípios da margem ocidental do rio Jordão.

Numa conferência de imprensa na capital italiana, Fahd Kawashe e Mohammed Melhelm, que presidiram às câmaras de Hebron e Halhoul, respectivamente, até à sua expulsão em 3 de Maio último pela administração israelita, adiantaram que no mesmo período Israel construiu 102 colonatos na margem ocidental do Rio Jordão.

Três aldeias e vinte mil casas pertencentes a árabes foram destruídas disseram ainda.

Falando depois da anunciada «iniciativa europeia» no Médio Oriente os dois ex-chefes de edilidade frisaram que os esforços a desenvolver no sentido de encontrar uma solução para a crise terão de basear-se no princípio do reconhecimento da OLP como «único e legítimo representante do povo palestino».

Paralelamente — acrescentaram — terão de ser reconhecidos os direitos do povo palestino à autodeterminação e a regressar ao território de origem.

«Doença dos legionários» estudada por especialistas

Chegaram a Espanha dois especialistas britânicos para colaborar com as autoridades sanitárias espanholas na investigação da misteriosa «Doença dos Legionários». Desde 1973 que se têm produzido numerosos casos desta doença num hotel de luxo de Benidorm. Os últimos casos foram conhecidos na quarta-feira com seis turistas ingleses que manifestaram sintomas do mal, antes de terminarem as férias. Um deles morreu.

A doença, com sintomas idênticos a uma pneumonia, foi identificada em 1976 após a morte de 29 delegados que assistiam à Convenção da Legião Norte-Americana, em Filadélfia, Pensilvânia.

O Ministério britânico da Saúde advertiu, entretanto, contra as reacções de pânico e pediu aos médicos britânicos para investigarem se os pacientes que sofreram de pneumonia, estiveram no referido hotel.

Parece que a doença dos legionários reside no hotel «Rio Park» desde 1973. Tudo começou quando três britânicos morreram e outros hóspedes tiveram de ser internados com sintomas de pneumonia. Em 1977 morreu outro turista e no ano seguinte, faleceram outros dois.

A doença não é desconhecida na Grã-Bretanha pois já causou nos últimos anos, mais de cem casos, alguns mortais.

Restos mortais de Somoza chegaram a Miami

Os restos mortais do assassinado ex-ditador da Nicarágua Anastasio Somoza foram trasladados para Miami, na Flórida (EUA).

O cadáver, acompanhado pelos filhos e outros parentes, foi transportado no mesmo avião (um DC-8 fretado) que levou a família à capital do Uruguai.

Prisões

As forças de segurança argentinas e paraguaias detiveram elevado número de suspeitos nas operações em curso para a captura dos autores do atentado que vitimou quarta-feira Anastasio Somoza e dois acompanhantes, informou a Polícia do Paraguai.

As fontes policiais assinalaram que, dos elementos detidos, quatro são argentinos capturados quando tentavam atravessar o rio Paraguai, de Assunção para a Argentina.

Agentes dos serviços secretos argentinos estão a «cooperar estreitamente» com as forças de segurança paraguaias, tendo neste âmbito fornecido informações sobre guerrilheiros argentinos suspeitos de envolvimento no atentado contra o deposto ditador nicaraguense — acrescentaram as mesmas fontes.

As autoridades anunciaram entretanto terem aumentado o equivalente a quatrocentos mil escudos para dois milhões o montante do prémio a conceder a quem forneça pistas que levem à captura dos participantes no atentado.

Enquanto isto, a Polícia abateu a tiro o «capitão Santiago», um dos suspeitos do assassinio do ex-ditador Anastasio Somoza, após duas horas de tiro travado em Lambare, junto à fronteira argentina.

O suspeito morto foi identificado como Hugo Alfredo Iruzun, alegado membro do grupo argentino «Ejército Revolucionário do Povo» (ERP).

O atentado

A rádio Primeiro de Março de Assunção, em comunicação telefónica com a rádio Fabulo Sa da capital guatemalteca, fez uma síntese do atentado.

A comunicação, emitida em directo para três países do Serviço Centro-Americano de Notícias relata que, na quarta-feira de manhã, Somoza se despediu de Dinorah Sampson, com quem vivia em Assunção, e seguiu no seu «Mercedes Benz», blindado para a avenida de Espanha, uma das mais movimentadas artérias do elegante bairro residencial onde vivia.

Somoza estava acompanhado pelo assessor económico, de nacionalidade colombiana, e pelo motorista, nicaraguense. Atrás do seu automóvel circulava



um outro carro em que seguiam quatro membros da Guarda Nacional do ex-presidente.

Ao passar lentamente na Avenida, em frente ao jardim da residência de um embaixador paraguaio, dois jovens que ocultavam um grande emburrucho retiraram do mesmo uma bazuca e apontaram-na ao automóvel de Somoza. O movimento foi tão rápido que os ocupantes do carro não tiveram tempo para reagir e os atacantes lançaram dois foguetes.

O primeiro disparo destruiu por completo o automóvel de Somoza e matou os seus três ocupantes, enquanto o segundo falhou.

Deu-se imediatamente o contra-ataque dos elementos da guarda pessoal que seguia no outro veículo provocando grande confusão entre os transeuntes, que correram a refugiar-se.

Outros membros do comando atacante surgiram no local e atacaram com metralhadoras os membros da guarda somozista. Parece certo que um dos atacantes ficou ferido, tendo sido transportado durante a fuga pelos seus companheiros que fugiram numa camioneta estacionada num local próximo.

A uma distância de cerca de duzentos metros do local do atentado, os fugitivos forçaram um cidadão argentino a entregar-lhes o carro em que viajava e tornaram a escapar até à Praça das Nações Unidas, onde abandonaram o automóvel com metralhadoras, bombas e outro armamento.

O cadáver, irreconhecível, do ex-ditador da Nicarágua permaneceu dentro dos destroços do automóvel durante uma hora, até as autoridades terem procedido aos requisitos legais e Dinorah Sampson ter reconhecido o amante.

O reconhecimento só foi possível através do relógio que Somoza tinha no bolso, pois o rosto estava destroçado, assim como a roupa e o resto do corpo.

Novos sindicatos polacos decidiram colaborar entre si

Os novos sindicatos polacos independentes decidiram colaborar entre si, o mais estreitamente possível, elaborar um estatuto válido para todas as regiões e registar a nova confederação.

Com este objectivo, delegados dos novos sindicatos de todo o país, reunidos em Gdansk, decidiram constituir uma chamada

«Comissão de Entendimento». Reunir-se-ão sábado para uma última leitura dos estatutos, já elaborados a nível regional e na próxima segunda-feira votarão sobre os estatutos comuns a todos. No entanto, os delegados manifestaram dúvidas quanto à possibilidade de registo da nova confederação.

Lech Walesa líder do recente movimento grevista em Gdansk

e presidente do novo sindicato independente nesta cidade, manifestou reservas em relação a uma centralização total do movimento sindical.

Segundo os organizadores da reunião de Gdansk, apoiam os novos sindicatos cerca de três milhões de trabalhadores em todo o país.

Entretanto, na cidade de Katowice, capital do país dos «gargantas negras» polacos, encontra-se paralisada desde a noite de quarta-feira, devido a uma greve dos transportes públicos, que alastrou, aliás, a outras cidades como Bedzin e Chorzow, revelaram fontes fidedignas ontem. Os grevistas exigem aumentos salariais e a deslocação a Katowice, de uma delegação governamental, para negociação das restantes reivindicações.

«Trybuna Ludu»

Wieslaw Bek assumiu ontem o cargo de chefe de redacção do jornal «Trybuna Ludu», órgão oficial do Partido Operário Unificado polaco, soube-se de fonte oficial.

Segundo a agência noticiosa polaca, Bek chefiou até agora o departamento de ideologia do Comité Central do Partido.

Conselho de Segurança turco prestou ontem juramento

Os cinco membros do Conselho de Segurança Nacional que assumiu o poder na Turquia, na passada sexta-feira, prestaram ontem juramento, sob a presidência do chefe do Estado, general Kenan Evren.

Entretanto, prosseguem as negociações para a designação de um gabinete que deverá ser anunciado ainda esta semana. Este gabinete assumirá o poder executivo, actualmente nas mãos do Conselho e será composto por tecnocratas e alguns generais aposentados.

Por outro lado os grupos de extrema-esquerda parecem estar decididos a iniciar uma luta armada contra o regime militar. As autoridades militares turcas continuam a deter suspeitos de terrorismo de esquerda e de direita, em todo o país, e já substituíram por militares os presidentes de Município das grandes cidades, incluindo Ancara, Istambul e Esmirna.

Iniciaram-se já, segundo fontes em Ancara, os trabalhos de redacção de uma nova Constituição, antecipando-se, desta forma, à formação de uma prevista Assembleia Constituinte de carácter corporativo, que empreenderá as reformas necessárias quanto a partidos políticos e ao combate ao terrorismo.

Simultaneamente o Governo japonês decidiu hoje reconhecer o novo Governo turco. A decisão foi tomada em Conselho de Ministros, anunciou um porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros japoneses.

Confirmada a sentença contra Kim Dae Jung

O Comando Marcial sul-coreano confirmou na quinta-feira, a sentença de morte por enforcamento do líder oposicionista Kim Dae-Jung, apesar dos apelos de clemência dos Estados Unidos, Japão e outros países.

Contudo, Kim pode ainda recorrer para o Supremo e pedir clemência ao presidente.

Funcionários anunciaram que o comandante da Lei Marcial, general Lee Hui-Sung, confirmou a sentença de morte atribuída ao antigo candidato presidencial, de 54 anos.

Kim fora quarta-feira condenado sob acusações de liderar uma organização antigovernamental e de preparar uma conspiração.

Continuam entretanto a registar-se protestos internacionais veementes contra este crime: manifestações no Japão, promovidas pelo Sindicato dos Estudantes, protestos dos Governos da Jugoslávia, Noruega, Coreia do Norte, e PCF. Também a Internacional Socialista e o presidente da Conferência Episcopal da RFA protestaram.

Margaret Thatcher em Paris

O exame dos «grandes problemas internacionais» dominará as conversações que o presidente Giscard d'Estaing terá hoje em Paris com Margaret Thatcher, no quadro da 5.ª Cimeira Regular Franco-Britânica, segundo anunciou ontem um porta-voz do Eliseu.

Pelo contrário, a pedido da França, as questões ligadas ao desenvolvimento da construção europeia não serão tratadas a fundo, apesar do desejo inverso da parte britânica. «Para nós, acrescentou o porta-voz, os

problemas comunitários não podem ser resolvidos ao nível bilateral.»

Por outro lado, Giscard d'Estaing e a sr. Thatcher passarão em revista o estado das relações Este-Oeste e tratarão do Médio Oriente, do Afeganistão, de África e dos problemas estratégicos. No plano económico, tratar-se-á da questão Norte-Sul, dos problemas monetários internacionais, das relações com os outros países industrializados e do projecto francês de «Trilogo» euro-árabe-africano.

Suarez ganhou moção de confiança

O primeiro-ministro espanhol, Adolfo Suarez, ganhou ontem por 16 votos, uma moção de confiança que apresentou há três dias no Parlamento.

Por 184 votos a favor e 164 contra, duas abstenções e quatro deputados que não votaram por se encontrarem ausentes, o Governo minoritário de Suarez, conquistou um frágil mandato. Esta vitória tangencial fez os observadores políticos duvidarem

da capacidade de Suarez e do seu Governo sobreviverem, a eventuais problemas económicos e sociais graves, durante o espaço de tempo que medeia até às eleições gerais de 1983.

Votaram contra o Governo os socialistas, os comunistas e os sectores conservadores da oposição parlamentar.

No exterior do Parlamento, e enquanto neste se procedia à vo-

tação, a polícia de choque espanhola dispersou uma manifestação de cerca de duzentas pessoas, que exigiam mais oportunidades de emprego na região da Andaluzia, onde a recessão económica é particularmente grave. Vários manifestantes ficaram feridos após a carga policial e cerca de dez foram presos. Os líderes da manifestação pretendiam entregar uma petição no Parlamento.

Cosmonauta cubano lançado no Espaço

A União Soviética lançou ontem para o espaço o primeiro cosmonauta cubano e latino-americano, numa nave SOYUZ que atracará na estação orbital SALYUT 6, revelaram ontem fontes soviéticas.

A tripulação da missão especial SOYUZ 38 é composta por Arnaldo Tamayo Mendéz, de 38 anos, natural de Guantánamo e pelo soviético veterano, comandante Yuri Romanenko.

Fontes soviéticas informaram que o ministro cubano da Defesa, Raul Castro, presenciou o lançamento da nave no Centro Espacial de Lançamento de Baikonur, na URSS.

Cosmonautas da Checoslováquia, Bulgária, RDA, Hungria, Polónia e Vietname voaram já no programa espacial soviético Intercosmos.

Tamayo e Romanenko foram lançados numa órbita que fará atracar a sua cápsula SOYUZ à estação orbital SALYUT 6, a cerca de 300 quilómetros da superfície da terra, adiantaram as mesmas fontes.

Entretanto, em Cuba, a notícia do voo bem sucedido, provocou uma onda de alegria popular. O lançamento do foguetão da URSS foi transmitido pela televisão cubana e seguido com interesse apaixonado por todos os cubanos. As edições da imprensa desapareceram num abrir e fechar de olhos. «É o triunfo do socialismo», exclamou um funcionário cubano.

O cosmonauta cubano

O tenente-coronel de aviação, Arnaldo Tamayo Mendéz, de 38

anos, natural da província oriental cubana de Guantánamo, que dedica a sua participação no voo histórico, à celebração próxima do II Congresso do Partido Comunista de Cuba e ao XXVI Congresso do PCUS, é de origem muito humilde, nascido numa família operária. Tamayo Mendéz é exemplo de tenacidade, superação, honradez, modéstia e amor à sua profissão. Enfrentando desde criança os rigores da exploração capitalista, conseguiu chegar ao ensino secundário ainda antes do triunfo da revolução, em que mostrou a sua rebeldia contra a opressão da tirania.

A partir de 1959 a sua incorporação destacada nas tarefas da juventude, acabaram por forjar o seu espírito revolucionário, e logo em 1961 concluiu estudos



O cosmonauta cubano durante uma sessão de treino



Os cosmonautas

como piloto de combate na URSS. Numerosas seriam as suas missões de exploração e perseguição da aviação inimiga, nos difíceis dias da crise das Caraíbas, e noutras tantas ocasiões de perigo para a pátria, até que em 1967, se tornou militante do Partido Comunista de Cuba, uma das suas maiores aspirações.

Depois de cursar estudos de comando e Estado-Maior, na Escola Básica Superior das FAR «general Máximo Gómez», o actual cosmonauta exerceu crescentes responsabilidades à frente de unidades aéreas, até ser promovido em 1976, a tenente-coronel. No ano seguinte, seleccionado como aspirante a cosmonauta, passou satisfatoriamente todas as provas e foi para a cidade espacial para receber a preparação necessária com os veteranos soviéticos da conquista do espaço.

CONSELHO PORTUGUÊS PARA A PAZ E COOPERAÇÃO

Vª ASSEMBLEIA DA PAZ

ORDEM DE TRABALHOS E HORARIO

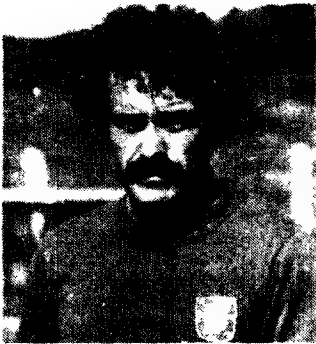
- 9.30 Intervenção pelo presidente da Assembleia — dr. Carlos Candal. Discurso inaugural — General Costa Gomes.
- 10.30 Relatório e Contas apresentado pelo Secretariado Nacional: Dr. Luís Metello.
- 11.30 Intervalo.
- 11.45 Eleições:
 - a) Membros portugueses a propor à eleição do Conselho Mundial da Paz, em Sófia.
 - b) Órgãos nacionais do C.P.P.C.: Presidência, Direcção Nacional, Secretariado Nacional e Comissão Fiscalizadora.
- 13.00 Almoço.
- 14.30 Linhas gerais de acção do C.P.P.C. Participação no Parlamento Mundial dos Povos pela Paz (Sófia, Bulgária, 23-27 de Setembro de 1980). Intervenções introdutórias seguidas de debate em cada ponto:
 - a) A acção da opinião pública internacional para deter a escalada na corrida aos armamentos e a instalação de novos mísseis nucleares na Europa, pela salvaguarda do desanuviamento político e pelo desanuviamento militar, pelo êxito do próximo encontro de Madrid de representantes dos Governos Europeus.
- Intervenção introdutória — Jornalista José Manuel Nunes.
 - b) A defesa da paz e a realização dos Direitos do Homem. A Solidariedade com os povos em luta pela independência política e económica e a eliminação dos focos de tensão (Médio Oriente, Ásia, África Austral, América Latina).
- Intervenções introdutórias:
 - Direitos do Homem e dos povos — Prof. Avelãs Nunes.
 - Médio Oriente — Dr. Suleiman Valy Mamede.
 - África Austral — Deputado Gualter Basílio.
- 16.30 Intervalo.
- 16.45 c) O papel patriótico da opinião pública portuguesa perante o perigo da eventualidade de instalação ou passagem em território nacional de mísseis e armas nucleares, e na defesa da plena integridade e soberania de Portugal e de uma política externa independente e de Paz.
- Intervenção introdutória — Dr. Moreira Santos.
- d) Perspectivas do movimento de Paz em Portugal e no Mundo.
- Intervenção introdutória — Dr. Silas Cerqueira.
- 19.15 Delegação ao Parlamento Mundial dos Povos pela Paz (23 a 27 de Setembro, Sófia).
- 19.45 Intervenção de encerramento — Padre Teles Sampaio.

Na SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES

Rua Barata Salgueiro, 36 — 1200 LISBOA — 20 de Setembro de 1980, das 9.30 às 19.30 horas.

Desporto

Constituída a selecção de "todos nós" para o teste italiano



Bento, Jordão, Rodolfo e o regressado Damas: quatro escolhidos para Itália

A comissão técnica da Federação Portuguesa de Futebol convocou sete jogadores do Benfica entre os dezasseis escolhidos para defrontarem a Itália no próximo dia 24 em Génova (às 20 e 30), num encontro de carácter particular.

Uma das notas mais salientes da convocatória relaciona-se com o regresso do guarda-reues Damas à selecção nacional, desde que há quatro épocas ingressou no futebol espanhol.

Os dezasseis convocados são os seguintes: Benfica - Bento, Laranjeira, Carlos Manuel, Bastos Lopes I, Chalana, Alves e Nenê.

Sporting - Eurico, Manuel Fernandes e Jordão.

FC Porto - Gabriel e Rodolfo Vitória de Guimarães - Damas e Gregório Freixo.

Boavista - Júlio Marítimo - Eduardo Luís Portimonense - Valter.

A concentração dos jogadores está marcada para o próximo dia 21 às 22 horas na sede da Federação Portuguesa de Futebol.

Taxa máxima para o Boavista FC Porto

O director do Boavista, José Ramos admitiu que o jogo do próximo domingo, entre o Boavista e o FC Porto, no Bessa, proporcione uma receita de quatro milhões de escudos.

O jogo disputa-se no dia do clube e os cerca de 18 000 espectadores que poderão assistir a partida terão de adquirir bilhetes com a taxa máxima deste campeonato nacional.

Segundo uma circular divulgada pela Federação Portuguesa de Futebol, cada clube poderá utilizar essa taxa em três jogos.

No caso do Boavista, serão os

encontros com o FC Porto, Sporting e Vitória de Guimarães.

No encontro com o Benfica foi aplicada a taxa máxima, porque a circular é posterior à primeira jornada do campeonato nacional da 1.ª divisão.

José Ramos Revelou também que a eventual passagem do Bo-

manterá inactivo durante um mês.

Desta forma, Romeu não jogará em Itália pela selecção nacional, nem na segunda mão da primeira eliminatória da Taça UEFA, contra o Dundalk, nem contra o Benfica, nas Antas, na oitava jornada do nacional da 1.ª

Varzim-Académico amanhã

Prosseguem no fim-de-semana que entra os campeonatos nacionais de futebol, registando-se algumas antecipações de jogos. Assim, amanhã encontram-se: I DIVISÃO - Às 18 horas: Varzim-Académico.

II DIVISÃO - Às 16 horas: Lusitano de Vildemoinhos-Alba e Alfarede-União de Tomar; às 17 horas: Merelinense-Prado e Atlético da Malveira-Pero Pinheiro; às 21 e 30: Feirense-Esmoriz.

Relativamente a domingo as alterações são: II DIVISÃO - Às 16 horas: Nazarenos-Estrela de Portalegre, no Estádio Municipal de Alcobaça.

III DIVISÃO - Peniche-Marinhense, no Campo da Mata, nas Caldas da Rainha.

avista à segunda eliminatória da Taça UEFA, valerá um prémio de dez mil escudos a cada jogador, «mas há ainda a hipótese de este ser aumentado a título particular».

Este prémio será a dobrar no caso de o Boavista se classificar para a terceira eliminatória - acrescentou aquele dirigente.

Romeu inactivo para um mês

O futebolista do FC Porto, Romeu, não poderá disputar os próximos jogos da sua equipa e da selecção nacional devido a lesão contrada no encontro da passada quinta-feira, contra o Dundalk.

Segundo afirmação de Domingos Gomes, médico do FC Porto, Romeu contraiu uma fissura no perónio direito que o

divisão, altura em que terminava o seu castigo.

Juniões têm jogos marcados

São já conhecidos os encontros relativos ao «nacional» de juniores, após a realização, ontem, do respectivo sorteio. Na primeira jornada estarão frente a frente:

Zona A: Sp. Braga - Famalicão; V. Guimarães - Tirsense; Rio Ave - U. Lanheses; F. C. Porto - Boavista; Abambres - Leixões e Mirandela - Amarante.

Zona B: Carregação - Espinho; A. C. Coimbra - Sanjoanense; Mortágua - Vilar Formoso; Marialva - Canas de Senhorim; Estrela - Vilanovense e Fiais da Telha - Anadia.

Zona C: Campomaiorense

-Cartaxo; U. Leiria - Marinhense; Lousanense - Desp. Castelo Branco; Alverca - Alter do Chão; Olivalis e Moscardide - Alfarede e U. Coimbra - Sporting.

Zona D: Belenenses - Benfica; V. Setúbal - Serpa; Farense - Torralva; Oriental - Quimigal; Lusitano - Almada e Palmense - Montijo.

Entretanto e a pensar já no campeonato a equipa do Benfica faz amanhã (às 17 e 30) a sua apresentação pública, na Luz, jogando com o time do Grupo Desportivo da Torralva. Uma coisa a favor dos interessados: as entradas são gratuitas.

Duarte é nome de «craque»?

Duarte pode ser nome de futuro «craque», ao serviço do Sporting. Com apenas 17 anos, Duarte Mendes Costa tem até há pouco jogado nos juniores do Marítimo, estando actualmente à «experiência» em Alvalade, por quem já alinhou frente ao Barreirense.

Juvenis do Atlético recebem Sporting

Equipas de iniciados e juvenis do Atlético Clube de Portugal encontram-se, amanhã, na Tapadinha com jovens de outros clubes, por iniciativa feliz da conhecida colectividade de Alcântara. O primeiro jogo (iniciados) está marcado para as 14 horas, calhando aos jovens da Damaia jogar com os do Atlético. Às 15 horas encontram-se os juvenis do Sporting e do clube organizador, acontecendo o mesmo duas horas mais tarde desta feita na categoria de juniores.

«Tourzinho»

Portugal em 3.º e Coelho em 8.º aguentam o ritmo

Portugal encontra-se em 3.º lugar, na classificação geral por equipas da Volta do Futuro, em ciclismo, após a 9.ª etapa, disputada entre Morzine e La Clusaz. Eis a classificação: 1.º, URSS, 94h18,35; 2.º, Colômbia, 94h54,30; 3.º, Portugal, 95h21,00; 4.º, Checoslováquia, 95h24,11; 5.º, Polónia, 95h37,56; 6.º, Esperanças de França, 95h38,49; 7.º, França, 95h44,45; 8.º, Itália, 96h11,15; 9.º, Bélgica, 96h35,33; 10.º, Espanha, 96h50,23; 11.º, Suíça, 97h09,48; 12.º, Holanda, 97h57,50.

Individualmente, o português António Coelho obteve o 11.º lugar na 9.ª etapa.

Coelho ficou a um minuto e 55 segundos dos trocos.

Outro português, Luís Vargues, ficou na 12.ª posição com mais um segundo do que o seu compatriota de equipa António Coelho.

Fernando Fernandes foi 23.º a quatro minutos e 47 segundos de Barinov, e Jacinto Paulinho, 36.º, a oito minutos e 40 segundos.

Na 55.ª posição classificou-se Rui Azevedo, a 26 minutos e 45 segundos do vencedor, tendo Luís Teixeira ficado em 61.º lugar a 29 minutos e 15 segundos do primeiro.

Na classificação geral António Coelho continua em 8.º lugar após a 8.ª etapa.

Coelho encontrava-se a 13 minutos e 16 segundos do líder, o colombiano Alfonso Florez, que por sua vez tem quatro minutos e seis segundos de vantagem sobre o segundo classificado, o soviético Yuri Kachrin.

Classificação geral dos primeiros dez ciclistas: 1.º, Alfonso Florez (Colômbia), 30 horas, 23 minutos e 04 segundos; 2.º, Yuri Kachrin (URSS), a 4,06; 3.º, Serguei Soukhorontchenkov (URSS), a 4,15; 4.º, Jiri Skoda (Checoslováquia), a 5,21; 5.º, José Jimenez (Colômbia), 7,40; 6.º, Yuri Barinov (URSS), a 9,39; 7.º, Ramazan Galaetdinov (URSS), a 10,40; 8.º, António Coelho (Portugal), a 13,16; 9.º, Frederico Vichot (França), a 13,16; 10.º, Jean Paul Le Bris (França), a 14,31.

Os restantes ciclistas portugueses ocupam as seguintes posições: 29.º, Fernando Fernandes, a 36,42; 31.º, Luís Vargues, a 37,13; 46.º, Jacinto Paulinho, a 1h08,53; 49.º, Luís Teixeira, a 1h11,01; 55.º, Rui Azevedo, a 1h34,03. Encontram-se em prova 71 ciclistas.

Jabouille deixa Renault

O piloto francês de «Fórmula um», Jean-Pierre Jabouille, vai deixar a Renault no final da temporada, passando a correr pela Ligier - soube-se em Paris.

Jabouille vai substituir o seu compatriota Didier Pironi, que assinou contrato no princípio da semana pela Ferrari.

A Renault anunciou que Jabouille não se encontrava satisfeito com o contrato assinado há dias para a temporada de 1981,

decidindo «libertar» o piloto porque «Uma grande construtora não pode confiar os seus carros a pilotos insatisfeitos e sem motivação».

Na Ligier, Jabouille vai formar uma equipa «familiar», pois o outro piloto, Jacques Laffite, é seu cunhado.

A Renault ainda não encontrou substituto para Jabouille, sabendo-se somente que Rene Arnoux permanece na equipa.

MICROSCÓPIO

Borg: e vai mais uma

O tenista sueco Bjorn Borg venceu o torneio de Liège ao bater na final o norte-americano Vitas Gerulaitis por 7-6 e 7-6.

Borg conquistou um prémio de 43 mil dólares (cerca de 2,1 milhões de escudos).

Grécia

vence

Luxemburgo

A Grécia venceu o Luxemburgo por 5-2 num encontro a contar para a 1.ª divisão da liga europeia de ping-pong.

assim vai o TOTOBOLA

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 5 DE 21 DE SETEMBRO DE 1980

Boa Nova, 112 XX2 2X1 X211; Cavalegada do Ritmo, 112 11X 211 111; Rádio Totobola, 112 111 2X1 1X11; Correio de Coimbra, 1XX X12 2X1 1211; Correio do Vouga, 112 11X 221 1X11; Defesa de Espinho, 11X 111 2X1 1X11; Folha do Domingo, 112 11X 211 XX11; O Jornal de Felgueiras, 112 11X 211 1X11; Jornal de Santo Tirso, 11X 111 2X1 1X11; Jornal de Sintra, 112 111 211 2X2X1; Jornal Linhas de Elvas, 1X2 X12 2X1 1X11; Litoral, 112 112 2XX 1211; O Norte Desportivo, 112 1X2 221 X211; Notícias de Gouveia, 11X X12 221 1221; RDP/ Secção Desportiva, 11X 11X 22X X211; A Voz das Beiras, 112 11X 2X1 1X11; A Voz do Domingo, 11X 11X 2X1 12X1; Correio da Manhã, 1X2 1XX 2X1 1XX1; Grafanola Ideal, 1XX X1X 2X1 X211; A Forja, 11X 11X 2X1

XX22; Eco do Cacia, 112 11X 21X 1211; Eu Sei Tudo, 112 111 211 1X11; Manchete Desportiva, 1X2 11X 21X 1111; Maria da Fonte, 112 11X 2X1 1211; Notícias de Felgueiras, 112 11X 2X1 1211; Penalti, 112 112 2X2 1X11; Reconquista de Castelo Branco, 112 X1X 211 111X; O Mensageiro, 11X 11X 2X1 1X11; A Tribuna, 1X1 122 X11 XX21; O Diário, X11 X12 21X 211X; O Concelho de Estarreja, 11X 11X 2XX 1X11; Diário de Coimbra, 11X 11X 211 1X11; Diário de Lisboa, 1X2 11X 211 12X1; Estrela da Manhã, 112 112 221 1211; Gazeta das Caldas, 111 11X 22X 1X11; Jornal da Beira, 112 X1X 221 1X11; O Jornal da Lixa, 11X 11X 2X1 1XX1; Notícias de Évora, 11X 11X 2X1 1X11; Notícias de Guimarães, 11X 11X 2X1 1111; Jornal «A Ordem», 1XX 11X 212 122X; Voz de Lamego, 112

X1X 21X 1211; A Voz de Palmela, 112 X1X 2XX 1X11; O Dia, 11X 11X 221 1X11; Jornal «1X2», 111 XXX 2XX 1211; RDP/Centro - Diário Desportivo, 1X2 X12 X11 1XX1; Alvo Desportivo, 112 111 2X2 X2X1; O Comércio de Leixões, 112 X11 211 1X11; O Comércio do Porto, 112 11X 2X1 1XXX; Estúdio 64, 1X2 222 211 21XX; Jornal de Gaia, 1XX 12X 211 12X1; Jornal da Goraça, 112 X1X 2XX 1111; O Primeiro de Janeiro, 1XX 112 211 X2X1; Quadrante Norte, 112 112 XXX 1X1X; Rádio Alvo, 112 XXX 2XX X2XX; Panorama, 222 2X2 211 12XX; Rádio Placard, 111 111 111 1111; Rádio Sports, 112 112 222 1221; Repórter do Dia, 112 11X 211 1X11; Resenha Desportiva, 112 11X 22X 1211; A voz dos Ridículos, 112 21X 211 1111.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
1. BRAGA - AMORA	58	1	1							10	1	1	
2. VARZIM-ACADÉMICO	47	12	1							9	2		
3. BOAVISTA - PORTO	5	18	37							1	4	7	
4. ESPINHO - A. VISEU	42	15	3							8	3	1	
5. SETÚBAL - MARÍTIMO	51	6	2							10	1		
6. BELÉNENSE - GUIMARÃES	7	37	16							2	7		
7. PENAFIEL - SPORTING	1	3	56							1	1	10	
8. AMARANTE - RIO AVE	25	25	10							5	5	2	
9. SANJOANENSE - U. LAMAS	42	14	4							8	3	1	
10. LEIXÕES - SALGUEIROS	45	13	2							9	3	1	
11. BENTON - BRANCO - B. MAR	10	25	25							2	5	5	
12. JUVENTUDE - MONTIJO	41	14	5							8	3	1	
13. FARENSE - ORIENTAL	51	8	1							9	2	1	

a) - Nos termos do Art.º 149 do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A "CHAVE" LÓGICA SERÁ:

112 11X 21ouX1 1Xou211

Sete Ponto Sete

VÁLIDO ATÉ À PRÓXIMA SEXTA-FEIRA

Pablo, estou a ouvir-te. Onde estás?



Pablo Neruda. Dentro de dias, a 23, passam sete anos sobre a sua morte. «Não resistiu ao golpe», diz-se desde então. Todos sabem que é verdade: a sua morte acompanhou uma certa morte do Chile, a sua casa devastada pela tropa golpista e o país vergastado pela ditadura.

Tentar apresentá-lo, aqui, seria um insulto à extrema brandura, à extrema violência que ele viveu. Elas são suficientemente conhecidas. O único gesto de apresentação que valeria a pena fazer, hoje, seria ainda aquele que fizeram os seus amigos quando à casa destruída onde velavam o cadáver chegaram soldados: rodear o corpo, para impedir que eles o vissem, para impedir que Pablo sofresse mais essa afronta — como conta, no seu depoimento, que hoje publicamos, a escritora Minaya Diaz.

Há no entanto um episódio pouco conhecido, relativo ao modo como Neruda era lido em Espanha durante a guerra civil, que gostaríamos de aqui recordar, para substituir essa apresentação: conta-o Manuel Altola-guirre, numa carta datada de Havana, em 1941. Trata-se da história de uma edição de «España en el corazón». Ei-la: «O livro de Pablo imprimi-o no mosteiro de Montserrat, onde os frades tinham uma das melhores oficinas da Catalunha. Pensei fazê-lo numa máquina de pedal que levei comigo para essa Frente, a fim de editar o Boletim diário do XI Corpo do Exército, a folha literária «Granada de las Letras y de las Armas» e alguns folhetos de propaganda. Não tínhamos papel para tais trabalhos e como o meu chefe, o tenente-coronel Paco Galán, não queria mandar-me para as trincheiras, eu quis tornar-me útil trabalhando na Imprensa. Soubemos que perto da Frente, em Orpi, havia uma fábrica de papel abandonada e decidimos pô-la a funcionar. Foi o comissário-chefe, Juan Ignacio Montecón e outro querido amigo, Arturo Quadrado, quem organizou a população e facilitou todos os meios. No dia em que se fabricou o papel do livro de Pablo, foram os soldados que trabalharam no moinho. Não só se utilizaram as matérias-primas (algodão e trapos) dados pelo Comissariado mas também os soldados juntaram na pasta para papel roupas e ligaduras, troféus de guerra, uma bandeira inimiga e a camisa de um prisioneiro morto. O livro de Pablo, impresso sob a minha direcção, foi composto à mão por soldados tipógrafos e impresso também por soldados. O tipo usado foi o elzeviriano. Só fizemos quinhentos exemplares: alguns passaram a fronteira na mochila dos soldados mas quase todos ficaram na Catalunha».

Estas páginas para Neruda, que hoje publicamos, não são uma «homenagem» nem vêm por imposição de uma efeméride. São apenas o aceno que a si própria faz a memória do que está vivo, luta, ama e é loucamente amado. Desse modo inverosímil e tão trágico que tantas vezes é vizinho do delírio da História, pode dizer-se de Neruda que de facto «não morreu».

PABLO NERUDA Sete Ponto Sete

Cuando de Chile

O Chile, largo pétalo
de mar y vino y nieve
ay cuando
ay cuando
ay cuando
me encontraré contigo
enrollarás tu cinta
de espuma blanca y negra em mi cintura
desencadenaré mi poesia
sobre tu território.

Hay hombres
mitad paz mitad viento,
hay otros hombres hechos de água.
Yo estoy hecho de tierra.
Voy por el mundo
cada vez más alegre:
cada ciudad me da una nueva vida.
El mundo está nasciendo.

Pero si llueve en Lota
sobre mi cae la lluvia,
si en Lonquimay la nieve
resvala de las hojas
llega la nieve donde estoy.
Cresce em mi el trigo oscuro de Cautin.
Yo tengo araucaria en Villarrica,
tengo arena en el Norte Grande,
tengo una rosa rubia en la provincia,
y el viento que derriba
la última ola de Valparaíso
me golpea en el pecho
con un ruido quebrado
como si allí tuviera
mi corazón una ventana rota.
El mes de Octubre há llegado
hace tan poco tiempo del pasado Octubre
que cuando este llegó fue como si
me estuviera mirando el tiempo inmóvil.
Aquí es Otoño. Cruzo
la estepa siberiana.
Día tras día todo es amarillo,
el árbol y la usina,
la tierra y lo que en ella el hombre nuevo crea:
hay oro y llama roja,
mañana imensidad, nieve, pureza:
En mi pays la primavera
viene de norte a sur con su fragancia.
Es como una muchacha
que por las piedras negras de Coquimbo,
por la orilla solemne de la espuma
vuela con pies desnudos
hasta los archipiélagos heridos.
No solo território, primavera,
llamándome, me ofreces.
No soy um hombre solo.
Nasci en el Sur. De la frontera
traje las soledades y el galope
del último caudillo.
Pero el Partido me bajó del caballo
y me hizo hombre, y anduve
los arenales y las cordilleras
amando y descubriendo.
Pueblo mio, verdad que en primavera
suenan mi nombre en tus oídos
y tu me reconoces
como si fuera um rio
que pasa por tu puerta?
Soy un rio. Si escuchas
pausadamente bajo los salares
de Antofagasta, o bien
al sur de Osorno

o hacia la cordillera, en Melipilla,
o en Temuco, en la noche
de astros mojados y laurel sonoro,
pone sobre la tierra tus oídos,
escucharás que corro
sumergido, cantando.
Octubre, o primavera,
devuélveme a mi pueblo.
Que haré sin ver mil hombres,
mil muchachas,
que haré sin conducir sobre mis ombros
una parte de la esperanza?
Que haré sin caminar con la bandera
que de mano em mano en la fila
de nuestra larga lucha
llegó a las manos mías?
Ay, pátria, pátria,
ay, pátria, cuando
ay cuando y cuando
cuando
me encontraré contigo?

Lejos de ti,
mitad de tierra tuya y hombre tuyo
he continuado siendo,
y otra vez hoy la primavera pasa.
Pero yo con tus flores me he llenado
con tu victoria voy sobre la frente
y en ti siguen viviendo mis raíces.

Ay cuando
encontraré tu primavera dura,
y entre todos tus hijos
andaré por tus campos y tus calles,
con mis zapatos viejos.

Ay cuando
iré con Elias Lafferte
por toda la pampa dorada.
Ay cuando apreteré tu boca,
chilena que me esperas,
con mis labios errantes?

Ay cuando
podré entrar en la sala del Partido
a sentarme con Pedro Fogonero,
con el que no conosco y sin embargo
es mas hermano que mi hermano.

Ay cuando
me sacará del sueño un trueno verde
de tu manto meriño.

Ay cuando, pátria, en las elecciones
iré de casa en casa recogiendo
la libertad temerosa
para que grite en medio de la calle.

Ay cuando, pátria,
te casarás conmigo,
con ojos verde-mar y vestido de nieve
y tendremos millones de hijos nuevos
que entregarán la tierra a los hambrientos.

Ay pátria sin farrapos,
ay primavera mia,
ay cuando
ay cuando y cuando
despertaré en tus brazos
empapado de mar y rocío
Ay cuando yo esté cerca
de ti, te tomaré la cintura,
nadie podrá tocarte,
yo podré defenderte
cantando,
cuando
vaya contigo, cuando
vayas conmigo, cuando
ay cuando.

Neruda 1951

Depoimento de Minaya Diaz

Nessa manhã, quando cheguei a «La Chascona», a casa junto ao monte San Cristóbal, pareceu-me ouvir a voz de Pablo: «Generais traidores, olhai a minha casa morta...». Pisando vidros, metendo-me no lodaçal, detive-me perante um monte fumegante: um colchão rasgado, um arco de meia ponta destrocado, grande leque de madeira com antigos postais, espelinhos, vidros de cores — um desses objectos belos, produzido da fantasia de Pablo —, livros, bocados de cerâmica, vidro, porcelana.

Subi a escadaria que leva à sala-de-estar. Matilde, de palidez severa, os imensos olhos desolados, junto ao caixão. Abracei-a em silêncio. (Não a via desde os felizes dias, em que Pablo recebeu o Prémio Nobel, em Estocolmo. Como esquecer a sua descida do avião junto a ele. Jornalistas ávidos rodearam-no e começaram a metralhá-lo com perguntas. Ele, sóbrio, simples, sereno. «Qual o seu objecto predilecto? — Os sapatos velhos. Que vai fazer com o dinheiro do prémio? — Isso, perguntem-no a minha mulher. Qual é a sua palavra favorita? — A palavra amor. Velha, muito usada, desgastada. Não nos cansamos, no entanto, de a repetir». Depois, numa cena íntima em casa do embaixador Luís Enrique Delano e Lola Falcón, Miguel Otero Silva e a sua esposa, os Neruda e eu. Após comerem, fomos para a biblioteca. Pablo sentou-se e tirou como por acaso um livro. Era a edição de poemas de Gabriel Mistral, que escreveu «Quimantú». Pôs-se a lê-lo e a comentar elogiando os méritos da mestra. Logo Miguel Otero Silva continuou a ler Gabriela, com a sua rica voz, com o ritmo e melodia cálidos da Venezuella... Tanto que recordar desses dias.)

Olhei Pablo através do cristal da urna. Quietos. Fechados os olhos de pesadas pálpebras. A boca como que disposta a um sorriso. Via-se a camisa «sport» de quadrados, o casaco de «tweed». O rosto imóvel parecia expressar irónica tranquilidade.

Aos pés da urna, a coroa com fitas celeste e amarelas, enviada pelo rei da Suécia. (As mesmas cores que decoravam o salão onde recebeu o prémio, quando o rei permaneceu muito mais tempo a conversar com ele do que com os outros prémios nobel. Desse vasto salão, saiu a sua voz ao mundo: «...Perdão por ter estendido o meu reconhecimento até tudo o que há de meu, até aos esquecidos da terra, que nesta acção feliz da minha vida me parecem mais verdadeiros que a minha expressão, mais altos que as minhas cordilheiras, mais largos que o oceano. Eu pertenco com orgulho a multidão humana não a uns poucos, mas a muitos e estou aqui rodeado pela sua presença invisível».)

Havia muita gente. Vi Gonzalo Martínez Corbalán, o embaixador de México, Rolando Hussón, conselheiro cultural da embaixada da França, que me disse que na noite anterior o seu Governo havia designado o poeta. Grande Oficial da Legião de Honra. Kazimir Brunovic, conselheiro cultural da embaixada da Jugoslavia, expressava des-

gosto no seu rosto, nos seus gestos, nas suas palavras.

Chegaram os «caméra-mén» da TV sueca. Quiseram filmar Pergunto a Matilde que fazemos: «Que filmem — responde —; mostra-lhes tudo. Mostra-lhes esta casa que era de paz, de trabalho, de alegria, de amizade. Mostra-lhes como a deixaram».

Fui percorrendo e explorando.

«La Chascona» está construída em três planos, sobre saia de San Cristóbal. Ao nível da rua, os quartos, a sala-de-jantar, a cozinha. Vou mostrando. Tudo inundado. Inclino-me para apanhar um virgenzinho de argila, a única coisa que sobra intacta da imensa «árvore da vida», um dessas esculturas da arte popular mexicana, que têm Adão, Eva, até frutos, animais, figuras. Está feito em cacos. Partidos os pratos, os copos, os jarros. Desapareceu das paredes a colecção de pintores primitivos chilenos, que era um dos orgulhos de Neruda. (Serão ercontrados, mais tarde, dentro do canal, as telas podres pela acção da água.)

Subimos de novo à sala-de-estar e passamos pelo único acesso ao quarto dos esposos. Uma chaminé com sino de cobre, sobre a qual estão entrelaçadas as letras «P» e «M». Deitada a larga cama. Sobre colchão, estampadas as marcas de grandes botas militares.

Saímos para o pátio pisando vidros. A escritora Inés Valenzuela, mulher de Diego Muñoz varre e amontoa os escombros. Matilde diz-lhe: «Não o devia ter feito. Que tudo esteja tu como o deixaram». Através dos degraus de pedra subimos à biblioteca semiescondida pela árvores. Esse era o quarto de trabalho de Pablo, num outro contíguo, trabalhava Matilde. Foi aí que o poeta escreveu muitas das suas obras. No umbral Roberto Parada, sustem um folha de papel, chamuscado. Correm-lhe as lágrimas pela cara. Com a sua bonita voz, tão conhecida pelo público teatral do Chile, lê como não acreditando, movendo a cabeça: «Miguel de Unamuno. 'Do sentimento trágico da vida'». Sentia a folhinha e guarda-a no bolso interior do seu casaco.

Na biblioteca, o velho relógio de pedestal, de antiga maqueta, parece ter sido tirado de um antigo filme de Bergman. Nem os ponteiros lhe deixaram. Estriparam-lhe pêndulos e peças. Um velho óleo, esfaquiado. Nem um quadro, nem um livro. Apenas os restos da pilagem.

A escritora Teresa Hamdisse-me com dor: «A última coisa que disse Pablo antes de morrer, foi: 'Estão a fuzilá-lo, estão a fuzilá-lo'». Depois de ter conversado com Matilde sumiu-se no sonho. Pouco durou a quietude. Agitou-se, pôs-se a gritar essas palavras como angustiado por um intenso pesadelo.

Não sabemos como passou tempo, nesse dia trágico e escuro de Setembro. Todos encolhidos, sem nos podermos abrigar junto à urna. O vento trespassa pelas janelas sem vidros.

Keta Quintana, vizinha de Matilde, pede-lhe que se v

Continua na pág. 2



Primeiros passos em direcção ao cemitério

PABLO NERUDA Sete Ponto Sete

Depoimento de Minaya Diaz

servir de algo quente, a sua casa. Matilde não quer nada. Prossegue a guarda, junto ao seu companheiro. Keta leva a irmã de Matilde. Convida-nos a ir comer um prato de sopa e tomar café. Entra, sai gente. Há pouco tempo que passa do meio-dia. Ai estão Chela Alvarez, Aída Figueroa, Homero Arce, Lautita Reyes. De repente, Matilde sempre alerta, diz: «Ai vêm. Não os receberei». Dirige-se ao seu quarto, com uma agilidade de pássaro e fecha a porta.

Vêmo-los avançar. De uniforme e à civil, com metralhadoras cruzadas no peito. Irrompem sem tirar as boinas ou os capacetes. Um, apresenta-se como chefe de praça. É Herman Brady. Alto, seco, felino, em uniforme de campanha com manchas ocre, esvedenhadas. Apenas um oficial não está armado: Enrique Morel. Em uniforme de gala. Fala. Começa a recitar um discurso como que aprendido de memória: «Sou o mandatário do General Pinochet. Quero falar com a viúva e familiares, do grande poeta Pablo Neruda, glória das letras nacionais, para lhes expressar as condolências... — interrompe-se —: onde está a viúva, onde está um parente do senhor Neruda?»

Chela Alvarez interpela-o com voz vibrante: «Todos os presentes somos família de Neruda. Exigimos respeito à nossa dor!»

O mandatário começa a repetir o seu discurso. Aída Figueroa diz-lhe: «A viúva está a repousar e não o receberá».

Outra vez o oficial tenta repetir o parágrafo. Chela interpreta-o: «Nestas ruínas que vocês deixaram, estamos a velar Neruda. Queremos respeito e tranquilidade, para lhe render a última homenagem. E garantia para que esta noite possamos estar em paz».

Agora faz o chefe de praça: «Nós não fizemos isto. O exército do Chile é respeitoso das glórias nacionais».

Chela diz-lhe que essa casa foi sistematicamente destruída e que se viu como o fizeram. O militar pede que lhe apresentemos as provas.

«Como pode dizer isso, senhor oficial? — diz-lhe Chela — O senhor crê que as pessoas se atreariam a testemunhar? A gente tem medo».

A seguir dá-lhe a conhecer em que estado foi encontrada a casa e que «operação» — usa a palavra — se teve que fazer para enlavar a urna. Um e outro dos presentes dá detalhes dos destroços. Avança o mandatário mostrando interesse em ver os danos. Rapidamente se desfilam os homens armados. Nós rodeamos o cadáver, para impedir que eles o vejam. Para impedir que Pablo sofra outra afronta.

Os militares dão uma volta, olham com caras de circunstância, assegurando que nem soldados nem carabineiros cometeram semelhante barbárie.

(Poucos dias mais tarde sairá uma informação oficial em que se acusa um bando infantil, capitaneado por uma criança de dez anos, como autor do delito de destruir a casa do poeta. À medida que se vai destapando o canal, descobrem-se os mais

variados objectos, destruídos: peças de porcelana, quadros, bandejas, madeiras, cerâmicas, coisas de vidro.)

Antes de se retirarem, sem que ninguém faça tensões de os acompanhar, os militares anunciam que o Governo decretará luto oficial de três dias pela morte do poeta. De acordo com o comunicado, o luto considera-se a partir do dia do falecimento de Neruda. Anuncia-se o dia do funeral. De modo que decretaram um luto retroactivo!

Continua a chegar gente. Um corajoso grupo de operários fará uma guarda de honra com os punhos levantados. Até pessoas que haviam sido chamadas pelos bandos da Junta, se atrevem a ir a «La Chascona», para dar o seu último adeus ao poeta.

Ao aproximar-se o tirano toque de recolher, obriga-nos a muitos, a partir. A saída detenho-me a olhar o mural que cobre o muro que faz ângulo com a casa de Pablo. (No seu aniversário os rapazes da Brigada Ramona Parra, tinham-no feito. Vermelhos, amarelos, azuis puros com fios pretos. Reminiscência de Fernand Léger. Bandeiras, pombas, juventude operária e camponesa cantando, estudando, construindo. Parte da temática que cobriu os muros do Chile. Um movimento plástico juvenil que chamou a atenção dos críticos de arte, pela sua pujança e originalidade. A arte de rua, para todo o povo. Nestes dias tinha que se inaugurar uma exposição das BRP no Museu de Arte Contemporânea de Paris. A Matilde, não a deixarão viver para esse mural. A obrigarão a apagá-lo. Ela defender-se-á com a verdade, dizendo que é uma oferta da juventude para Pablo. Não fazem caso. Muito a custo terá que o apagar depois de uns meses.)

Na manhã seguinte, dia do funeral, vai desfilando uma massa humana pela «casa morta». Mulheres modestas, homens de trabalho, escritores, artistas, jornalistas, homens da ciência, políticos. Entre tanta gente, avisto Nicor Parra. Nesses dias saiu num diário «mercurial» um grande elogio a este poeta, mostrando-o como um incompreendido e vítima da UP. Nicanor nunca foi militante de nenhum partido, mas é conhecida no mundo inteiro a sua independência política e poética. Falamos um pouco. Nicanor diz: «Pretendem converter-me no poeta oficial do regime. Não o conseguirão». Esta frase mesurada, soa como juramento ante os despojos de Neruda. (A sua obra «Hojas de Parra» provocará a ira dos fascistas e farão incendiar o circo em que é posta em cena.)

Momento dramático. Há que tirar a urna pela porta. A manobra faz-se com grande esforço, vencendo as dificuldades resultantes da pilhagem. Iremos avançando a pé, rumo ao cemitério. A cidade está silenciosa. Em cada janela vêem-se rostos fixos ou estores corridos até metade, sustentados por mãos tímidas. Piquetes de soldados armados fazem guarda em diferentes pontos.

O silêncio quebra-se. Uma voz grossa estala e expande-se:

Puedo escribir los versos...

Puedo escribir los versos más tristes esta noche.

Escribir, por ejemplo: «La noche está estrellada, y tiritan, azules, los astros, a lo lejos.»

El viento de la noche gira en el cielo y canta.

Puedo escribir los versos más tristes esta noche. Yo la quise, y a veces ella también me quiso.

Posso escrever os versos...

Posso escrever os versos mais tristes esta noite.

Escrever, por exemplo: «A noite está estrellada, e tiritam, azuis, os astros lá ao longe.»

O vento da noite gira no céu e canta.

Posso escrever os versos mais tristes esta noite. Eu amei-a, e por vezes ela também me amou.



Pablo Neruda com Federico Garcia Lorca



... E com sua mulher Matilde Urrutia

Quando morrer quero

Quando morrer quero essas mãos nos meus
[olhos:
quero a luz e o trigo das tuas mãos amadas
passando uma vez mais em mim sua frescura:
sentir a suavidade que mudou meu destino.

Quero que vivas enquanto eu, dormindo, te
[espero,
quero que os teus ouvidos fiquem ouvindo o
[vento,
que cheires o aroma do mar que amamos
[ambos

e fiques pisando a areia que pisamos.

Quero que tudo o que eu amo fique vivo,
e a ti amei e cantei sobre todas as coisas,
por isso fica tu florescendo, florida,

para que alcances tudo o que este amor te
[ordena,
para que esta sombra corra o teu cabelo,
para que assim conheçam a razão do meu
[canto.

PABLO NERUDA Sete Ponto Sete

A carta no caminho

Adeus, porém comigo
serás, irás dentro
de uma gota de sangue que circule em minhas veias
ou fora, beijo que me abrasa o rosto
ou cinturão de fogo na cintura.

Doce amada, recebe
o grande amor que saiu de minha vida
e que em ti não encontrava território
como o explorador perdido
nas ilhas do pão e do mel.

Encontrei-te depois
da tormenta,
a chuva lavou o ar
e na água
teus doces pés brilharam como peixes.

Adorada, me vou a meus combates.

Arranharei a terra para fazer-te uma cova
e ali teu capitão
te esperará com flôres no leito.
Não penses mais, amada,
no tormento
que entre nós passou
como um raio de fósforo
deixando-nos talvez sua queimadura.
A paz chegou também porque regresso
a lutar na minha terra,
e como tenho o coração completo
com a parte de sangue que me deste
para sempre,
e como
levo mãos cheias de teu ser desnudo,
olha-me
olha-me
olha-me pelo mar, que vou radiante,
olha-me pela noite que navego,
e o mar e a noite são os teus olhos.
Nunca saio de ti quando me afasto.
Agora vou te contar:
minha terra será tua,
vou conquistá-la
não para dar só a ti,
mas para dar a todos,
para todo meu povo.
Algum dia o ladrão sairá da sua torre.
E o invasor será expulsado.
Todos os frutos da vida
crescerão em minhas mãos
antes acostumadas à pólvora.
E saberei acariciar as novas flôres
porque tu me ensinaste a ternura.

Minha doce adorada,
virás lutar comigo corpo-a-corpo
porque em meu coração vivem teus beijos
como bandeiras vermelhas,
e se caio,
não me cobrirá somente a terra,
mas também o grande amor que me trouxeste
e que viveu em meu sangue circulando.
Virás comigo,
nessa hora te espero,
nessa hora e em todas as horas,
em todas as horas te espero.
E quando venha a tristeza que odeio
bater à tua porta,
dize-lhe que eu te espero
e quando a solidão queira que troques
o anel em que meu nome está escrito,
dize à solidão que fale comigo,
que tive de ir-me embora
porque sou um soldado,

e que ali onde estou
sob a chuva ou sob
o fogo,
meu amor, te espero,
te espero no mais áspero deserto
e junto ao limoeiro florescido:
em qualquer canto onde palpita a vida,

onde a primavera estiver nascendo,
te espero, meu amor.
Quando te digam: "Esse homem
não te ama", lembra-te
que meus pés estão sôzinhos nessa noite, e buscam
os doces e pequenos pés que adoro.

Amor, quando te digam
que te esqueci, e mesmo
que seja eu quem diga,
quando eu te diga,
não me acredites,
quem e como poderiam
cortar-te de meu peito
e quem receberia
meu sangue
quando em sangue eu me esvaía?
Mas tampouco posso
esquecer o meu povo.
Vou lutar em cada rua,
atrás de cada pedra.
Teu amor também me ajuda:
é uma flor cerrada
que cada vez me enche com seu aroma
e que de repente se abre
dentro de mim como uma grande estrêla.

Amor meu, é noite.

A água negra, o mundo
dormido me rodeiam.
Cedo virá a aurora,
e enquanto espero escrevo
para dizer-te: "Eu te amo."
Para dizer-te: "Eu te amo", cuida,
limpa, levanta,
defende
nosso amor, minha alma.
Te deixo meu amor como quem deixa
um punhado de terra com sementes.
De nosso amor nascerão vidas.
Em nosso amor beberão água.
Chegará talvez o dia
em que um homem
e uma mulher, iguais
a nós,
tocarão este amor, e ele ainda terá força
para queimar as mãos que o toquem.
Quem fomos? Que importa?
Tocarão este fogo
e o fogo, minha amada, dirá teu simples nome
e o meu, o nome
que só tu soubeste porque tu somente
sobre a terra sabes
quem sou, e porque ninguém me conheceu como uma só,
como uma só de tuas mãos,
porque ninguém
soube como, nem quando
meu coração esteve ardendo:
tão-somente
teus grandes olhos pardos me souberam,
tua larga boca,
tua pele, teus peitos,
teu ventre, tuas entranhas,
e a alma tua que eu despertei
para que permanecesse
cantando até o fim da vida.

Amor, te espero.

Adeus, amor, te espero.

Amor, amor, te espero.

E assim termina esta carta
sem nenhuma tristeza:
estão firmes os meus pés sobre a terra,
minha mão escreve esta carta no caminho,
e no meio da vida estarei
sempre,
junto ao amigo, frente ao inimigo,
com teu nome em minha boca
e um beijo que jamais
se separou de tua boca.

Depoimento de Minaya Diaz

«Juramos que a liberdade
levantará a sua flor desnuda
sobre a areia desonrada»

Toda a procissão que avança
repete a consigna. O grito ganha
mais corpo. A ninguém intere-
ssa os «camera-men» da TV
estrangeira, que focam os ros-
tos, as bocas, como preten-
dendo eternizar o grito:

«Juramos continuar o teu caminho
até à vitória do povo».

Outros versos do poeta serão
novas consignas gritadas com
decisão, com fervor, com plena
consciência:

«... e como o trigo,
o povo inumerável
junta raízes,
acumula espigas,
e na tormenta
desencadeada sobe
à claridade
o Universo».

À medida que nos aproxima-
mos da porta principal do Cemi-
tério Geral, distinguimos a
multidão silenciosa, à espera.
Essa multidão irá engrossando a
nossa coluna, até que toda a
gente não seja mais que uma
massa móvel, capaz de expres-
sar a sua dor. A urna é deposi-
tada numa plataforma rodante.
Um outro homem abrirá um
livro de Pablo, para lançar um
verso que estale como grito de
combate:

«Aqui tendes
como um monte de espadas
o meu coração
disposto à batalha...»

As pessoas choram. Surge,
tremeroso pelo choro, o pri-
meiro verso de «A Internacio-
nal». Vão-se levantando os pu-
nhos muito apertados: «De pé
vítimas da fome...» As vozes
pugnam por abrir o passo e rom-
per o nó que aperta as gargantas.
Essa foi a última vez que se
cantou em público «A Interna-
cional».

O cortejo avança até ao mau-
soléu da família de Adriana
Dittborn, que o ofereceu a Ma-
tilde perante a impossibilidade
de cumprir imediatamente o de-
sejo de Pablo:

«Companheiros, enterrem-me na
Isla Negra frente ao mar que co-
nheço, a cada área rugosa de pedras
e de ondas que os meus olhos perdi-
dos não voltarão a ver».

Cresceu a maré humana. Aí
está Nemésio Antunez. O seu
sorriso parece ser doce, os olhos
joviais em contraste com a ca-
beça prateada. Desta vez, os
olhos deitam fagulhas. Conta-
me o atroz vandalismo. Rompe-
ram com baionetas os caixotes
de embalagem que continham
uma valiosa coleção empre-
stada pelo museu mexicano ao
Museu Nacional de Belas Artes.
Nemésio é o seu director desde o
governo de Frei. Renunciou.
Diz: «Tenho vergonha». Inúteis
foram os seus protestos. Esbu-
racaram as telas! Antunez fez de
um mausoléu da arte nacional,
um museu vivo. Aí aplicou o
seu talento de arquitecto e pin-
tor. Engrandeceu o Museu de
Sala Matta: fez crescer o museu
«até abaixo» com esse magní-
fico subterrâneo. O museu dei-
xou de ser para ocasionais ex-
posições de artes plásticas. Pas-
sou a ser igualmente para a mú-
sica, para a dança, para o ci-
nema. Encheu-se de público de
todos os sectores. Um museu
que saiu à rua, que levou as suas

exposições às fábricas, às esce-
las. Quando recentemente Ne-
mésio assumira o cargo, um
monstro borrou com lápis d
cera o peito de «A pérola d
mercado». Antunez estava es-
pantado. Fez uma campanha
para denunciar o atentado,
disse na altura: «Levei as obra
de arte aos sindicatos, a um pú-
blico que nunca tinha visto um
exposição, e os operários cuida-
ram com religioso respeito esta
pinturas, mas aqui um senhorzi-
nho «culto» ousou cometer est-
ultraje...»).

Mais à frente avisto o escrito-
r Francisco Coloane, com a sua
enorme estatura, com o seu as-
pecto de capitão de um antigo
barco afundado a pique.

De repente, creio reconhece
uma cabeça loira, uns ombros
agitados pelos soluços.
Aproximo-me. Joan Turner ten-
o rosto inchado pelo choro
Chora por Víctor, por Pablo
por todos os nossos mortos
Rodeio-a. Pergunto-lhe pela
meninas. Sem deixar de chorar
diz-me que ainda não se aperce-
bem de tudo o que se está a
passar. (Dias atrás chegou-me a
notícia inverosímil. Telefonei
lhe: «Diz-me, Joan, é ver-
dade?». Respondeu-me con-
voz seca, com um suspiro
«Sim. Não te posso dizer mais
nada». De novo lhe faço uma
pergunta cruel: «Sei que te faç-
sofrer mais, mas deves dizer-me
— é verdade que lhe cortaram as
mãos?». «Não. Mas deverias ter
visto o seu corpo, o seu corpo
tão bonito... Apenas uma massa
negra, marcada, massacrada,
inchada... Custou-me achá-lo
entre tanto cadáver. Irreconhe-
cível...» Os soluços impedem-
na de continuar.)

Entretanto, sucedem-se as
comovedoras homenagens, os
discursos fúnebres impregnados
de uma carga tácita.

Impossível descrever os ros-
tos da multidão, desde as perso-
nalidades da arte, da cultura, da
política, até aos operários, os
estudantes, as mães jovens, os
anciãos encolhidos. Começa a
circular de boca a ouvido a re-
comendação: «Sair em ordem,
com calma, sem aglomerações.
Dispersar em seguida».

Vamo-nos separando com
lentidão. Assombro-me ao ver
agora toda a praticada do cemité-
rio rodeada de soldados. Solda-
dos por todas as partes, as per-
nas semiabertas para suster mel-
hor o corpo.

Seguram a metralhadora com
as duas mãos, à frente do peito.
Atitudes soberbas de combate
perante um povo inerte, sem
outra defesa que não seja a sua
dor. Vou caminhando devagar.
Algo me obriga a parar frente a
umas folhas de papel branco co-
ladas nos muros, nos frisos onde
habitualmente as floristas ofe-
recem os seus ramos frescos e
coloridos. Começo a ler essas
folhas de tamanho oficial, escri-
tas à máquina: «NN, sexo fe-
minino, 20 anos». «NN, sexo
masculino, aproximadamente
30 anos». Listas e mais listas de
«NN». São listas de mortos, de
assassinados, para se irrr
identificar à morgue! Congela-
se-me o sangue. (Precisamente
um ano depois, voltaremos ac
cemitério. Na impossibilidade
de cumprir o desejo de Neruda
Matilde fez trasladar os seus res-
tos, para um nicho num nove

PABLO NERUDA Sete Ponto Sete

Depoimento de Minaya Diaz

vilhão — o pavilhão é como n vasto muro de nichos —: tranha e dramática coincidência, chama-se «Pavilhão léxico». Os esposos Neruda m partir para o México a 24 de mtemprio num avião que o go- rno desse país pôs à disposi- io, especialmente. Pablo ainda o está frente ao mar. Não é ita a paisagem que imaginou ira o seu descanso eterno. Não selvagem e rumoroso oceano, mbolo de movimento e vida, as sim um mar de cruzes. esse mesmo pavilhão jazem os spojos de Víctor Jara, Miguel rriquez e dezenas de jovens eménias. Maldigo a minha má emória. Não poder recordar dos esses nomes gravados no ármore, nem as frases livres culpadas junto a eles: «Ao eu querido filho que caiu de- ndendo os seus ideais». «Aqui pousam os irmãos X e Y que orreram pela justiça». «Que- dder marido: teus filhos e eu osseguremos a tua tarefa». ases estremeedoras, lacóni- s, mas eloquentes, não habi- ais nos mármore dos cemité- os. Frases dolorosamente ivas ao lado de umas cifras: scimento e morte. A maior rte das datas de nascimento rrespondem a gente que es- va na flor da juventude quando i assassinada. O grosso das ortes acumula-se entre Se- mbro de 73 e todo o ano de 74. tou tentada a tirar lápis e pel para escrever os textos ssas lápides, mas não me revo: enquanto estou a percor- r esse muro, não deixa de me ndar um sinistro anjo da rte, na sua motocicleta: um ícial da Dina que anda à civil. á voltas e voltas como que a ar gravar na sua retina, os stos da gente que até ali vai egando. Escritores, jornalís- s, juventude. Maltilde esteve da a manhã junto ao nicho. esfila gente de todas as idades. ada um trás na mão um cravo rmelho. As flores vão-se ntondo ao longo da frente no chão. De pente, começam a aparecer upos de jovens. Não mais de s. Actuam com uma agilidade crível. Arranjam as flores. olocam um recorte de jornal m a fotografia de Pablo e um xto de homenagem. Cravam n cravo em cada ponta. Com pray» de tinta preta escrevem nsignas sobre os mármore: Pablo Neruda presente! Morra ablo fascista». Um «R» de esistência» fechado num cír- clo. Correm também a pôr cra- s a Víctor, a Miguel, a outros ídos. O anjo da morte conti- ta a rondar. Os miúdos real- m-se. Chegam umas rapari- s de cabelo solto, calças, ca- isas bordadas, um sem- úmero de colares, com um ivo na mão. Põem-se em ac- o. Fazem voar as suas mãos r sobre as lápides. Rapazes beltos rodeiam-nas. Também ixam cartas. Folhas de ca- rno, bilhetes brancos, rosa- s, celestes, cuidadosamente brados, vão-se amontoando. em copiados poemas de Pablo u mensagens: «Pablo, a tua lorada Matilde não está só, nós uidaremos dela». «Pablo, ven- er ou morrer, a Junta cairá». Pablo, combateremos até liber- ar a nossa pátria do fascismo». ão dezenas de mensagens que e acumulam. Nisto, chega um elho, muito pobre, de fato

negro pardo, desbotado por sol e chuvas. Todo ele, cor de terra. Cabelo grisalho. Rosto enrugado, imóvel, como sem expressão. Começa a contar quase sem mover os lábios. Diz que muitos desses nichos têm mais de um cadáver, que é impossível saber quantos mortos estão aí enterrados. Diz que se escondia entre os túmulos e via chegar os camiões carregados de mortos. Enterravam-nos os soldados, sem deixar que se aproximasse os coveiros. Prossegue o relato de pesadelo, enquanto ordena as flores, limpa os vasos dos ramos secos. Ronda o anjo da morte. O coveiro recolhe as suas latas e afasta-se, confundindo-se com os túmulos... Não longe está o mausoléu da família Tohá. O gradeamento fica entrelaçado de cravos vermelhos.)

Poucos dias depois do funeral, faz-se uma homenagem a Pablo Neruda, na Sociedade de Escritores. A Casa do Escritor, em almirante Simpson, é também uma obra com que Neruda se preocupou muito. Já não está no seu lugar, numa parede da sala de reuniões, um óleo que ofereceu Joaquim Edwards Bello, cópia fiel de uma fotografia do funeral de Lênine... Há vários escritores presos. Um deles, Omar Lara, o director de «Trilce»: uma das revistas de poesia de mais longa vida. Entre o público está Máximo Pacheco, ex-ministro da educação. Diz-me consternado: «Destruíram o mural de Júlio Escámez, no Município de Chillán». Pergunto-lhe se o pintaram para o cobrir. —Não! Furaram-no...» Custa-me a crer. É tão lento o cérebro humano para se adaptar ao horror e à imbecilidade.

Cumprindo o velho ritual, iremos depois da homenagem, beber vinho ao Refúgio López Velarde, a taberna da Casa do Escritor, que anos atrás inaugurara Neruda, numa noite de alegria e homenagem ao alto poeta mexicano. Desta vez são muitos os ausentes.

Faz-se uma colecta para ajudar os familiares dos escritores presos. Um grande número de cessantes averigua sem muita esperança, onde conseguir trabalho. Já não é esta a reunião de discussão da arte e da poesia, já não é a aparência boémia, para encobrir o trabalho criador de uns ou o meramente imaginativo de outros. Uma mulher morena, deixa cair lágrimas silenciosas. Não pôde ver o seu pai, porque este vive numa povoação operária que está sitiada e não deixam entrar ninguém. Conta-me com espanto que um dos seus parentes trabalhava na têxtil Sumar. Quando voltaram ao trabalho depois dessa negra semana de Setembro, os operários encontraram, encostados aos teares, os cadáveres de muitos dos seus colegas, decompostos... Eles mesmos foram obrigados a tirá-los...

Pergunto a um colega: «Que podemos fazer?». Responde com decisão, o rosto sombrio: «Escrever. Escrever. Ainda que seja como Curzio Malaparte, escondendo os papéis nos buracos das árvores, debaixo das pedras».

Minaya Díaz

Quando de Chile

Versão portuguesa de Thiago de Melo

Ó Chile, larga pétala
de mar e vinho e neve,
ai quando

ai quando e quando
e quando
me encontrarei contigo
me enrolarás tua fita
de espuma branca e negra na cintura,
desencadearei minha poesia
sobre teu território.

Existem homens,
metade peixe, metade vento,
outros homens existem feitos de água.
Eu estou feito de terra.
Vou pelo mundo
cada vez mais alegre:
cada cidade me dá nova vida.
O mundo está nascendo.
Porém se chove em Lota
sobre mim cai a chuva,
se em Lonquimay a neve
resvala pelas fôlhas
chega a neve aonde estou.
Cresce em mim o trigo escuro de cautin.
Tenho uma araucária em Villarrica,
tenho areia no Norte Grande,
Tenho uma rosa loura na província,
e o vento que derruba
a última onda de Valparaíso
me golpeia no peito
com um ruído quebrado
como se ali tivesse
meu coração uma janela partida.
O mês de outubro chegou
há tão pouco tempo do passado outubro
que quando chegou foi como se
me estivesse espiando o tempo imóvel.
Aqui é outono. Cruzo
a estepe siberiana.
Dias seguidos tudo é amarelo,
a árvore e a usina,
a terra e o que nela o homem nôvo cria:
há ouro e chama rubra,
manhã imensidade, neve pura:

Em meu país a primavera
vem de norte a sul com sua fragrância.
É como uma moça
que pelas pedras negras de Coquimbo,
pela margem solene da espuma
voa com pés desnudos
até os arquipélagos feridos.
Não apenas território, primavera,
inundando-me, entregas.
Não sou um homem só.
Nasci no Sul. Da fronteira
trouxe as solidões e o galope
do último caudilho.
Mas o Partido me desceu do cavalo
e me fêz homem, e andei
os areais e a cordilheira
amando e descobrindo.
Povo meu, não é certo que na primavera
meu nome ressoa em teus ouvidos
e tu me reconheces
como se fôsse um rio
que passa por tua porta?

Sou um rio. Se escutas
pausadamente sob as salinas
de Antofagasta, ou então
ao sul de Osorno
ou perto da cordilheira, em Melipilla,
ou em Temuco, na noite
de astros molhados e loureiro sonoro,

coloca sobre a terra teus ouvidos,
escutarás que corro
submerso, cantando.
Outubro, ó primavera,
devolve-me a meu povo.
Que farei sem ver mil homens,
mil mulheres,
que farei sem conduzir sobre meus ombros
uma parte da esperança?
Que farei sem caminhar com a bandeira
que de mão em mão na fila
de nossa longa luta
chegou às minhas mãos?
Ai, Pátria, Pátria,
ai, Pátria, quando
ai quando e quando
quando
me encontrarei contigo?
Longe de ti,
metade terra tua e homem teu
continuei sendo,
e hoje outra vez a primavera passa.
Mas eu me impregnei de tuas flôres
tua vitória levo sobre a fronte
e em ti minhas raízes seguem vivas.

Ai quando
encontrei tua primavera dura,
e entre todos teus filhos
andarei por teus campos, tuas ruas,
com meus sapatos velhos.
Ai quando
irei com Elias Lafferte
por todo o pampa dourado.
Ai quando apertarei a tua bôca,
chilena que me esperas,
com meus lábios errantes?
Ai quando
poderei entrar na sala do Partido
e sentar-me com Pedro Fogonero,
com o que não conheço e todavia
é mais irmão do que meu próprio irmão.
Ai quando
me vai tirar do sono um trovão verde
de teu manto marinho.
Ai quando, Pátria, nas eleições
irei de casa em casa recolhendo
a liberdade temerosa
para que grite no meio da rua.
Ai quando, Pátria,
te casarás comigo,
com olhos verde-mar e vestido de neve

e teremos milhões de filhos novos
que entregarão a terra aos que têm fome.

Ai pátria sem farrapos,
ai primavera minha,
ai quando
ai quando e quando
despertarei nos teus braços
empapado de mar e de orvalho.
Ai quando estiver perto
de ti, tomarei tua cintura,
ninguém poderá tocar-te,
poderei defender-te
cantando,
quando
vá contigo, quando
vás comigo, quando
ai quando.

LITERATURA Sete Ponto Sete

Garrett republicano

«As antigas possessões inglesas não só deram o exemplo de quanto pode uma nação verdadeiramente determinada a ser livre, senão também resolveram o que até aí se julgava insolúvel problema, quer dizer: o método de estabelecer permanentemente uma república.»

Garrett

Sobejos são os exemplos da história a ensinar que a reacção de uma dada época mostra, em diversíssimas ocasiões, menor estreiteza de vista que a crítica e a historiografia suas contemporâneas — eis o que penso primeiramente conversar com o amigo leitor.

Insinuei num artigo anterior que Almeida Garrett seria evidenciado, na fase da sua juventude (que faço coincidir com um período a começar antes da revolução de 1820 até ao fim do primeiro exílio liberal, em 1826), uma atitude político-literária republicana, o que, a verificar-se, colocaria o nome de Garrett entre os pioneiros do republicanismo português (isto, veja bem o leitor, cerca de um século antes da 1.ª República). Faltou acrescentar — faço-o agora — que os seus aspectos ideológicos adquirem uma grande importância no estudo da sociedade portuguesa na primeira metade do século XIX, particularmente porque eles, numa evolução rapidíssima (a culminar na sua volatilização, pelo menos aparente), permitem avaliar a vinculação do «vin-tismo» aos compromissos que absorveram as ideias e tentativas de progresso mais radicais.

Ora, finalmente, acontece que a historiografia e a crítica literárias não pesaram ainda o exemplo de Garrett nesta faceta tão importante da sociedade portuguesa. Mas do mesmo já não poderei acusar os elementos da reacção antiliberal, miguelistas ou não, que desde cedo viram no jovem Garrett merecimento para «vigilante inspecção da Polícia» (1) de modo a «punir qualquer reincidência em seus excessos». No longo processo levantado contra os redactores do jornal «O Português», depa-ramos com a seguinte acusação principal, na base da qual era

suspensão aquele periódico:

«PRONÚNCIA.

Obriga a prisão e livramento a Paulo Midosi, a João Baptista da Silva Leitão d'Almeida Garrett, Carlos Morato Roma, António Maria Couceiro, Luiz Midosi, e Joaquim Larcher, redactores do periódico denominado «o Português» (...) — Lance-os no Livro dos Culpados, passe ordem de prisão, e pelos de foro privilegiado se remetta competentemente, e com interrogatórios se appenda este Summario à Devassa a que se procedo pelos tumultos sediosos e republicanos das noites de 24 a 27 de Julho antecedente, por serem crimes colligados, colaboradores e auxiliares d'elles (...). Lisboa 12 de Setembro de 1827 — Amarel Semblano.»

A pronúncia excede em zelo. A explicação do excesso está porém no curto mas pleno passado de actividade política de Garrett: entre outros factos, releva-se, para o que aqui nos interessa, a direcção de um movimento académico para a obtenção do direito de voto nas eleições por parte dos estudantes universitários; a publicação de uma obra (*O Retrato de Vénus*), que o levou pela primeira vez a tribunal sob alegação de materialismo, obscenidade e ateísmo, em defesa do que proferiu um extraordinário discurso; participação em duas sociedades secretas («que tinham por fim promover a independência do Brasil», informa-nos um ofício do Intendente da Polícia), uma das quais representou nos Açores («comissionado às Ilhas» revela um outro ofício daquela benemérita instituição «aonde excitou tão bem a cedidão contra os Direitos inauferíveis da Soberania de Sua Magestade»).

Enfim, em 1825, o miguelismo havia já elaborado o cadastro dos crimes imputados ao jovem Garrett, o qual

«se torna ainda mais temível nestes Reinos, por ser bem para supôr, segundo se pôde inferir do seu espirito inquieto, continue a propagar as doutrinas que publicou em diferentes obras bem próprias do seu exaltado génio, e em que se contêm idéas subversivas da Monarquia» etc.

Pondo agora de lado estes preciosos elementos tirados da *História-do-Lado-da-Polícia* (ainda por compilar), cumpre-me verificar os que me é possível extrair das obras de Garrett, bem como limitar aonde os aspectos republicanos dão os primeiros passos.

Devo lembrar em primeiro ponto que dos seus escritos juvenis muito pouco ficou para a posteridade; mas mesmo destes se subtrai uma manifesta simpatia (só?) para com a revolução republicana dos Estados Unidos do Norte da América, facto histórico que mostrará ser de enorme importância num escrito político do 1.º exílio (1826), o qual vai constituir o nosso principal ponto de referência desta conversa.

Voltando aos primeiros escritos, registre-se a seguinte passagem da poesia *O Brasil Libertado*, escrita em 1821; nela o escritor indica ao povo brasileiro quem, no continente americano, é natural aliado daquela colónia portuguesa, em vias de se tornar independente:

Numa outra poesia, *Filinto*, escrita em 1819, ao invocar os troféus históricos erigidos pela «liberdade augusta», coloca em primeiro lugar a revolução americana. Esta fase do jovem escritor ficaria no entanto mutilada em diversos aspectos. O moderantismo da revolução vintista, as suas contradições de ordem vária, o atraso do país e da nossa burguesia, a mistura dos interesses desta com os de umas nobreza que se lhe havia juntado — aqui temos alguns

«.....lá surge

Nesse mesmo terreno

Quem vingará a opressa natureza

E a mão lhe dá que se erga.

Lá campeia Franklin, Washington fulge,

Lá Penn, o esmero, a honra,

O lustre, a admiração do nome de homem.

O brado — ingente brado! —

Vem retumbar na encanecida Europa:

C'os sons retreme a Terra,

Cai a pedaços a ignorância o trono,

A hipocrisia a máscara.

O Lírio ajudador, que foi a auxílio

Da nascente república,

Volta reflorescido, e já viceja

C'o prolífico pólen

De outra mais pura flor, de outra mais cândida,

Que é flor de liberdade.»

dos aspectos que impediram se levasse por diante uma revolução que se pretendia republicana.

O «bom rei», o rei homem referido por Garrett nas suas obras em defesa do regime liberal era contingência de situação imposta. Só no rescaldo que se segue ao golpe da Vilafranca, no exílio de 23-26, livre dos compromissos de uma revolução possível, o jovem Garrett empreende a crítica da sociedade portuguesa e das causas da perda da liberdade.

No ensaio *Da Europa e da América e de sua Mútua Influência na Causa da Civilização e da Liberdade*, desenvolvendo aspectos que já havia indiciado em escritos anteriores, o jovem Garrett toma a peito uma reflexão até então inédita no panorama literário português, que a crítica e a historiografia literárias por sua vez não reflectiram ainda. Neste extraordinário ensaio, para lá de múltiplos problemas da época, a chamada «questão do regime» (república ou monarquia constitucional) que, mais tarde, sob novos compromissos, impôs ao escritor novas opções, teria de resolver-se por uma solução republicana, de que o continente americano era exemplo.

Exemplo, porque? — indagará o amigo leitor.

Porque (e temos a resposta, igualmente, para as simpatias

realidade, palpável, actuante por se tratar de uma «federação maravilhosa, que, assim como no interior divide o estado em menores porções com que muito facilmente impede a usurpação de qualquer ambicioso, assim no exterior o apresenta regular e magnífico edifício, cuja fortaleza e formosura é o terror de inimigos, inveja de vizinhos, e admiração de todos».

A república federativa era, deste modo, o único sistema capaz de impedir o poder dos pequenos despotas locais, dos caciques que oprimem directamente as populações, mantendo de pé o sistema de exploração feudal, regionalista, consuetudinário.

O jovem Garrett interroga-se então acerca da perda da liberdade nos dois estados da península: «Porque não conseguiremos nós o exemplo dos americanos? Porque não conquistaremos nós também a liberdade para sermos como eles felizes?» A liberdade tornava-se, pois, sinónimo de república; e a estes dois elementos juntavam-se ainda outros dois: igualdade e independência nacional — em conjunto, formavam uma sociedade de classes úteis e produtoras, ou seja «um povo trabalhador, activo e proprietário», onde não houvesse lugar para «as combinações maquiavélicas dos gabinetes, os exércitos permanentes, espionagem, a censura, a polícia».

(1) Como o leitor verá daqui por diante, deixa-se, tanto quanto possível, a ortografia dos textos reacconários tal qual o passado os deixou: mortos e impróprios para consumo, enterrados com a data do futuro que os ultrapassou, e o requiescat in pace! dos que não caminham de costas para o de- vir. L.A.C.D.

Luís Augusto Costa Dias



**INSTITUTO SUPERIOR
DE PSICOLOGIA
APLICADA**

ANO LECTIVO 1980/81

Matriculas para o

1.º Ano

**DO CURSO SUPERIOR DE
PSICOLOGIA**

- * CONDIÇÕES DE MATRÍCULA
- Condições normais para o ingresso no Ensino superior ou
- Frequência anterior do I.S.P.A.

* MATRÍCULAS

Datas: 22 de Setembro a 10 de Outubro
Horário: 10.30 às 12.30 e 17.30 às 19.30
Local: Av. Marquês de Tomar, 33-4.º Esq.
Tel. 760951/760552 — LISBOA 1000

* ABERTURA DO ANO LECTIVO — 5 NOVEMBRO

DIPLOMA DE CURSO SUPERIOR PARTICULAR RECONHECIDO PELO MEC PARA TODOS OS EFEITOS LEGAIS.



**SINDICATO
DOS ENFERMEIROS
DA ZONA SUL**

PRAÇA MARQUÊS DE POMBAL, 6, 3.º D
— Lisboa 1
TELEFONES 41751 — 535547

CONVOCATÓRIA

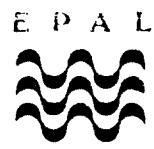
Convocam-se todos os sócios deste Sindicato para uma Assembleia Geral Extraordinária, a realizar no dia 25/9/80, pelas 17 horas, na Sala de Conferências do HOSPITAL DE D. ESTEFÂNIA, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

Ponto Único — Situação das «negociações» da Carreira de Enfermagem com a SES

Lisboa, 18 de Setembro de 1980
PELO PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

Maria Gonçalves da Silva



**EMPRESA PÚBLICA
DAS ÁGUAS DE LISBOA**

**CONCURSO PÚBLICO PARA ADJUDICAÇÃO
DA EMPREITADA DE «FORNECIMENTO E
MONTAGEM DO EQUIPAMENTO PARA O
POSTO DE TRANSFORMAÇÃO, INSTALAÇÕES
ELECTRICAS DE BAIXA TENSÃO E
FORÇA MOTRIZ NA CAPTAÇÃO GV, NA LE-
ZIRIA».**

Faz-se público que no dia 23 de Outubro de 1980, pelas 15 horas, na Direcção de Serviços de Estudos e Obras da Empresa Pública das Águas de Lisboa, na Rua Padre Luís Aparício, n.º 9, 2.º, em Lisboa, se procederá ao concurso público para adjudicação da empreitada em epígrafe.

As propostas serão remetidas sob registo e com aviso de recepção ou entregues contra recibo no Serviço de Apoio da DSEO, na morada acima indicada, até às 17 horas dia 22 de Outubro de 1980.

Caução provisória: 62 500\$00 (sessenta e dois mil e quinhentos escudos).

Alvará exigido: 8.ª subcategoria da VI categoria e da classe correspondente ao valor da proposta.

O processo de concurso estará patente todos os dias úteis, excepto aos sábados, durante as horas de expediente, no Serviço de Apoio da DSEO, onde poderá ser examinado e obtidas cópias.

Lisboa, 16 de Setembro de 1980.
Pela EMPRESA PÚBLICA DAS ÁGUAS DE LISBOA
O Presidente da CFAL
João Bau

VIAGENS

Sete Ponto Sete

Berlim

de Jacques Teboul

Com a publicação, hoje, de «Berlim», de Jacques Teboul, chegamos ao fim da série «Uma Cidade, um Autor», que durante sucessivas semanas de Verão editamos, ao abrigo do acordo exclusivo com o «Le Monde Dimanche». Através das reacções de leitores, sabemos que estas crónicas foram um êxito, mesmo quando se distanciavam, de um modo ou de outro, do que o «DL» diria sobre as cidades referidas.



Fui a Berlim pela primeira vez há dois anos e passei lá uma semana. Levou-me lá o mesmo que me faz visitar atentamente as grandes cidades da Europa, em busca de diferenças nos locais, nos hábitos e nas mentalidades, querendo assim confrontar a imagem que tenho de uma cidade com a sua realidade. E embora soubesse, como toda a gente, qual era a situação da cidade, não podia impedir-me de pensar noutra Berlim. Tinha na cabeça imagens e ruídos de uma capital fascinante, complexa, truculenta, sombria, agitada: a Berlim dos anos 20, do expressionismo, da sua efervescência cultural e política, a cidade de Döblin e do seu Berlim Alexanderplatz. Seguia num automóvel em péssimo estado para outra cidade que não era aquela que me esperava. A Berlim cosmopolita já não existe. A cidade é hoje outra espécie de capital e os estrangeiros que lá vêm usam uniformes militares.

Senti muitas vezes que as capitais da Europa são cidades negras de um negrume interno que vem do solo, das fachadas e das paredes. Estas cidades abafam sob uma história demasiado longa, conjuntos antigos construídos sobre dramas e carnificinas. Por toda a parte se quis concertar, esconder, restaurar. Por toda a parte se quis mostrar felicidade. Mas a morte volta apesar disso com a negra transpiração das pedras.

Em Berlim, porém, conservaram-se os vestígios das mutilações e das catástrofes, ao mesmo tempo que foram erigidos os sinais habituais da prosperidade económica e do poder, de um e do outro lado da marca do corte e da confrontação: o Muro. Aqui, os sinais da morte e de um passado demasiado recente estão abertos, são evidentes. Cidade de sinais contraditórios, Berlim surgiu-me como a capital da Europa, talvez do Ocidente. É a cidade mais transparente da nossa história e da nossa situação de Europeus desamparados. Não nos enganamos: Berlim reconstruído, Berlim separado de Berlim, é, antes de mais, um assunto dos alemães, o seu drama, quando, separados de si próprios, se olham em silêncio de um e do outro lado de um *no man's land*, encostados a uma história demasiado presente, insuportável.

Berlim é uma chaga, uma cicatriz que não fecha, quando outras cidades prestigiosas morrem e apodrecem discretamente, fazendo tudo para não revelar nada do seu desaparecimento. O que me vinha à memória durante os meus passeios em Berlim, com a violência de um boomerang, eram a morte e o ódio que a Europa soube há longo tempo exportar, voltados contra ela.

No entanto, meses depois da minha estadia, a primeira recordação que eu tinha era a imagem feliz de Wannsee ao sol de Julho, de uma Berlim onde seria possível passar férias. Uma visão tão azul, tão clara, tão fina, com inúmeras velas brancas; os movimentos cruzados, a vivacidade dos barcos à vela à luz do Verão, e por vezes a elegância de um barco de madeira vermelha e velas antigas, levando um velho berlinense e a sua companheira. Visão nostálgica de outros tempos mais felizes. Uma imagem que pode iludir. Porque, com o auxílio da memória, a imagem é completada com outros detalhes: na outra margem do lago, soldados ingleses lançam à água uma enorme e negra máquina anfíbia. E mais longe, saindo da água o habitual letreiro que previne que se abandona Berlim Oeste. Uma felicidade frágil e precária sempre ameaçada por um sinal. Berlim, a cidade dos sinais contraditórios.

Irrisório

A embriaguez e a inconsciência dos anos 20 desapareceram dessa grande cidade cercada de lagos, de bosques e de jardins. Outros vestígios ficaram: ao passear ao longo do Kurfurstendamm, o Kudamm dos berlinenses, vejo, entre uma loja elegante e uma mostra de produtos de beleza, a antiga fachada, ligeiramente recuada, de um pequeno prédio em ruínas e esburacado pelas balas. Os vidros das janelas estão quebrados. Há por toda a cidade ruínas, casas abandonadas. Irrisórias esquecidas, tornam irrisório aquilo que as rodeia. E, mais longe, para Leste, o Kudamm termina com a Kaiser Wilhelm Gedachtniskirche, cuja torre truncada está agressivamente amparada por dois elementos modernos. Aqui a justaposição é voluntária.

Atrás da igreja o Europa Center: todo o conforto moderno, todo o consumo do capitalismo liberal, toda a sua banalidade e a sua fealdade. O salto em frente para a prosperidade económica: altos edifícios de negócios e no topo as letras enormes das grandes sociedades industriais. Nunca este espectáculo habitual, comum a toda a Europa ocidental, me pareceu tão irrisório e falso como em Berlim, por causa do Muro, por causa das ruínas e dos terrenos abandonados, por causa das pessoas que vivem outra coisa ou que não vivem mais. Não longe deste bairro o maior armazém de alimentação da Europa, e, como me dizia um amigo berlinense: «Compensa-se como se pode Berlim é uma cidade interessante. Aqui, temos o Muro, e, melhor ainda do que em Lon-

dres, o maior armazém da comensina. «E, do outro lado, casas alinhadas no mais puro estilo soviético respondem severamente com outra afirmação.

Então, de um e de outro lado do Muro, alemães e berlinenses, cortados de si próprios, profundamente feridos, olham-se longo tempo, sem dizer palavra, por cima do espaço vazio, o *no man's land*. Dir-se-ia que esperam. Colocaram-se mesmo estrados para que possam ver-se melhor. De Leste para Oeste e de Oeste para Leste, eles esperam, e entre os seus olhares forma-se um espaço onde a memória se estraga, onde se perde a consciência, onde a sua identidade se desfaz.

Caminhei ao longo do Muro. Entre a porta de Brandeburgo e o célebre Reichstagsbaude, o Muro está cuidadosamente pintado de branco. E ao longo dele crescem plantas selvagens, e ervas daninhas, tal como crescem arbustos nas ruínas das antigas embaixadas, como estrelecem as ervas nas grandes extensões vazias que rodeiam a Philharmonia, a Galeria nacional de Mies van der Rohe. Entre estas duas construções prestigiosas foi milagrosamente poupada pelos bombardeamentos uma pequena igreja de tijolo vermelho onde às vezes se dão concertos. Fui lá uma noite ouvir Mozart. Havia música na nave isolada e, em redor, o espaço de novo selvagem, mais longe o Muro, as luzes da noite de Berlim Leste. Um só momento de felicidade ou de prazer sem a recordação da ameaça, da morte ou da separação. Foi assim que eu vivi Berlim. Nem um só lugar sem a súbita presença de um sinal de desgraça.

Um falso símbolo

Outra contradição: que o Estado quis fazer da cidade opção aquilo que os berlinenses vivem. Tanto de um lado como do outro, mas mais ainda em Berlim Oeste, por causa da sua situação de isolamento, quis-se que a cidade fosse o símbolo agressivo de um sistema. A custa de subvenções e construções dispendiosas, o governo tenta manter viva uma cidade que se despovoava.

Os berlinenses com quem falei, um arquitecto, um médico, um quadro médio de empresa, um universitário, todos eles profundamente ligados à sua cidade, a uma antiga imagem que dela conservam, todos eles de opiniões diferentes, falaram-me de uma cidade morta, de uma cidade moribunda, de uma cidade mortífera. O espírito berlinense, que passava por ser vivo e truculento, senti-o eu agora amargo. Porque Berlim

proíbe toda a ilusão. Os jovens não querem ficar e vão-se embora. Os velhos berlinenses de meia idade que têm aqui os seus empregos não ousam partir. No entanto, o governo faz tudo o que pode para atrair e reter as pessoas. A luta dos estados contra a confusão dos indivíduos.

Não esperava ficar tão impressionado com esta cidade e sentir tão vivamente a sua dor. Não julgava, principalmente, que uma tal situação me dissesse respeito. Do exterior surgia-me especificamente alemã, e eu descobria agora que ela podia ser minha, de um europeu. Que importa o Leste ou o Oeste quando de ambos os lados há governadores de direita, quando as pessoas perdem a memória e as raças, quando são forçados, embora, de modo diferente, ao absurdo de um quotidiano e de um trabalho dividido.

À luz do dia

A incessante justaposição dos sinais contraditórios encontrados em Berlim, impede as racionalizações tranquilizadoras e teóricas. Ela abre sempre um espaço vazio, um deserto, uma espécie de extensão onde algo foge. Berlim é a cidade que faz sentir essa falta. Entre os olhares dos alemães que se observam de binóculo, entre a arrogância doirada do edifício Springer, colado ao Muro, e as ruínas do outro lado, entre as publicidades e os quilómetros quadrados das casernas russas a norte de Berlim, entre as formas modernas dos prédios e a extensão dos terrenos sem construções, entre os que querem os Estados e os que vivem as pessoas, entre Mozart e os vestígios da guerra que bloqueiam a memória. Sim, há perda da «substância» e de identidade nesses afastamentos e nesses vazios. Será simplesmente o resultado da Alemanha dividida, desde que a luta ideológica se exacerbou? A falência moral, a inconsistência política, o cinismo, o medo, as negociações, todo este drama frio, não será uma particularidade da Alemanha? Mas todos os países da Europa vivem a mesma angústia em graus diferentes, ameaçados pelo mesmo vazio, metidos entre um passado assustador e um futuro bastante incerto.

Descobri-me europeu desamparado ao passear em Berlim. Capital desfeita, reconstruída, ocupada, depois separada, ela diz hoje violentamente que perdeu a alma e que a ameaça não desapareceu. Ela exhibe à luz do dia aquilo que noutros lugares se tenta esconder numa mediocridade mansa, quotidiana, tranquila.

Jacques Teboul

CANAL DA CRÍTICA

Mário Castrim

Se não é censura, então o que é?

O debate sobre informação incluído em **Página 1**, não estava agendado. O aviso apenas fora conhecido na véspera. Previa-se que a safra terminasse com o musical brasileiro, ao vivo.

Aliás, terminaria bem. Um «ao vivo», no teatro Phenix, com a imagem e o som como se fosse em estúdio, topam? Emissão com a qualidade técnica da Rede Globo, está tudo dito.

A casca. Não tão bom, o miolo. Ah, o estranho animal raçado de nacional-cançonetismo e «rock», ó Jô Soares, como lhe chamarias tu?
11 Menino do Rio
eu canto pra Deus proteger-te...

Sim, claro como dizia o outro, Deus pode tudo. Mas um bom sindicato, ajuda bastante.

O dia TV deu-nos, antes disso, um bom momento sobre Bernardo Santareno, na rubrica «A Ler Vamos». Duas entrevistas de Maria Manuela, da Sociedade Portuguesa de Autores («a aproximação do céu era uma constante nele») e de Paulo David («ele não viveu, ele levou 50 anos a morrer») contribuíam para o conhecimento da humanidade de Bernardo Santareno, que, à crença da eternidade, como cristão, acrescentara a crença no futuro como democracia.

A título de curiosidade: na mesma emissão, assiste-se à entrevista de uma escritora de que nem uma única vez se disse o nome! Seria para não fazer publicidade à loja de artesanato de Isabel Barreno?

Objectividade e objectividade

Voltemos ao tal debate essencialmente voltado para a objectividade jornalística, as sondagens a proibição do noticiário de actividades partidárias.

Para começar, repare-se, na objectividade que reúne um jornalista do «Expresso», outro do «Diabo», outro de «O Jornal» e outro que é (ou foi, ou será...) do «Tempo».

Em particular a inclusão de uma repetência diabólica, vergonha de um tempo e de uma imprensa, seria motivo para não tomar aquilo a sério. Por mais

nada senão por uma questão de higiene.

O alibi: serem semanários. Mas porquê semanários, por natureza muito mais votados à opinião do que à informação? Não seria mais apropriada a presença de jornalistas dos diários, da RDP e da RTP? Óbvio. Mas assim como podiam trazer o rosto mais placardizado da sujeira fascista e jornalística?

De José Carlos de Vasconcelos, entre «dois ilustres colegas» (ai estes danúbios azuis dos salões vienenses...) partiram os esforços mais conseguidos para uma certa compreensão do fenómeno. Mas a sua primeira intervenção, concluindo pela negativa da censura em Portugal, não tomou em conta a heterogeneidade cultural da audiência. Claro que não existe uma censura prévia feita pelo governo, mas isso deveria ter sido mais trocado por miúdos, certo que os jornais já não vão à censura... porque é a censura que vai aos jornais. E se os directores (os censores) dos jornais estatizados são postos pelos gestores e se os gestores são postos pelo governo, logo...

Quem diz jornais diz Rádio, diz Televisão. E hoje e aqui me pareceria mais útil desmascarar os actos efectivos de censura do governo AD, do que discutir os altos conceitos de objectividade, neutralidade e por aí adiante.

Tudo ficaria muito mais simplificado se se não perdesse de vista a noção da luta de classes. Arranha cada palavra que escreves ou dizes, e é a luta de classes que encontra. Com mais ou menos maionese, («O Jornal») com mais ou menos subtilidade («O Expresso») com mais ou menos choça («O Diabo»), a tele-informação).

Como se justifica a permanente cobertura do anti-sovietismo do «Jornal»? É objectividade das páginas inteiras a «dissidentes» e ignorar a face radicalmente positiva da sociedade soviética?

Qual a objectividade, ou seja, que subjectividade esconde a objectividade do «Expresso» que pergunta, no seu concurso, quais os cargos exercidos por Maria de Lurdes Pintasilgo? Qual a objectividade de uma informação na RTP que malha a todo o momento na «invasão do

Afganistão» pela União Soviética e esquece completamente a paranóia invasão do Irão pelos Estados Unidos? Que subjectividade encobre a objectividade da notícia, diariamente mastigada, de um soldado que se refugiou na Embaixada dos Estados Unidos em Cabul e se calaram os crimes, os desaparecidos, os horrores do Chile, da Argentina, da Bolívia, do Salvador, etc, etc, e as íntimas relações que, com tudo isso, têm os Estados Unidos? A que tipo de objectividade obedece, na RTP, o esquecimento de umas tralhuças bancárias?

Em jornalismo não há factos: há a interpretação deles. E a interpretação — cá estamos! — tem a ver com a luta de classes. Nos países capitalistas, a grande informação, pode não estar nas mãos do Estado — o que vem a dar no mesmo. A BBC pode não pertencer a um partido ou a um governo — mas há poucas

estações tão do «estabelecido» como ela. A grande informação, nos países capitalistas, não apenas sonega, deforma e inventa factos, como incluso os falsifica. E se alguém, a este respeito, quiser uma conversinha pública, é só dizer...

Numa coisa José Carlos de Vasconcelos e Marcelo Rebelo de Sousa estão de acordo: a eliminação das notícias partidárias em tempo de eleições prejudica a oposição, favorece o governo AD.

Digam lá os senhores: que nome, senão censura, havemos de dar a isso?

MÁRIO CASTRIM

P. S. — E a sistemática afastamento da APU destes debates na TV, meus senhores, se não lhe quiserem chamar censura, a que eufemismo (mais o menos marceliano) terão de recorrer? — MC

UM FILME TÃO EXPLOSIVO COMO OS PROBLEMAS AS AUDÁCIAS, AS IRREVERÊNCIAS DA GENTE DE HOJE!



Uma produção de JAMES CLAVELL
SIDNEY POITIER
em **O ÓDIO QUE GEROU O AMOR**
"To Sir, With Love"

Com JUDY GEESON - CHRISTIAN ROBERTS - SUZY KENDALL - THE "MINDBENDERS" - "LULU"
Do roteiro de E. R. BRATHWAITE - Produzido por JOHN R. SLOAN - Argumento Produção e Realização de JAMES CLAVELL

HOJE ÀS 21.30 H. NO VOX

NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 13 ANOS

Hoje



Esta noite será exibido através da RTP-1 o 13.º episódio de A Duquesa de Duke Street

RTP-1

- 18.30 «Sumário»
- 18.35 Vem ver como se faz, como se faz o pão e os tes.
- 19.00 País, País
- 19.30 XX, XXI ciência e Tecnologia — Os mistérios do solar.
- 20.00 Telejornal (C)
- 20.30 Eleições/80 (C) — Programa reservado à ca eleitoral dos Partidos PT, PSR e da Coligação O Tempo (C)
- 21.00 Dona Xepa (C) — 17.º Episódio
- 21.40 A Duquesa de Duke Street (C) — 13.º Episódio Intelectos: Gomma Jones, John Welsh, Sally Osborn. Realização de Cyril Coke
- 22.30 Geografia Humana (C) — «Um sítio para viver» III o último programa.
- 23.00 Vinte e quatro horas (C)

RTP-2

- 20.30 Pantera cor-de-rosa (C)
- 20.55 O homem e a terra
- 21.30 Informação/2 (C)
- 22.00 Benny Hill (C)
- 22.25 Escrito na América (C) «El Abra» — Num clima hostil, um homem e uma mulher criam entre si um ambiente de ódio, acabando por se matar um ao outro.

N.B. — Os programas assinalados com (C) são emitidos a cor.

GRUNDIG
qualidade em toda a linha!

DESTAQUES

RTP-1
A Duquesa de Duke Street (21.40)

RTP-2
Escrito na América (22.25)

ASSISTÊNCIA TÉCNICA telef: 2112871

Amanhã

RTP-1

- 13.30: Lúculos e Bróculos; 14.00: Vivemos; 14.25: Sumário; 14.30: Concerto Promenade; 15.25: Programa infantil; 16.00: Bancada de Topo; 17.30: Viva, seja bem vindo — Castelo Branco; 18.00: Animação; 18.35: Zoom; 19.25: Património, o que é?; 20.00: Telejornal; 20.30: Eleições; 21.10: O Tempo; 21.15: «Dona Xepa» episódio n.º 18; 21.45: Caminho das Estrelas; 22.20: Garota de luxo.

RTP-2

- 20.00: Steve And Heydye; 21.00: A par e passo; 22.00: A Leste do Rio Concho.

GRUPO DE CAMPOLIDE
TEATRO DA ACADEMIA ALMADENSE

Que farei com este livro?

de JOSE SARAMAGO encenação JOAQUIM BENITE
cenários JOAO VILEIRA
CANTO E CASTRO no papel de Luis de Camões
Tel. 275 21 75 Sub. SEC.



RESTAURANTE "FORAL"
AMADORA
BACALHAU À «FORAL»
AOS SÁBADOS

Todos os dias uma especialidade diferente

O aperitivo é oferta nossa

Preços musicais

Ar condicionado — Música ambiente

VISITE-NOS

R. Henrique Nogueira, 32 — Tel. 944877

atelier BELO MARQUES

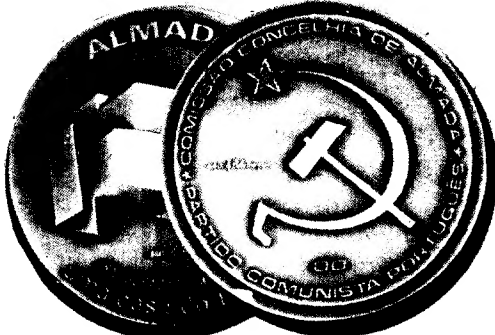
R. da TRINDADE, 5-2.º dto

Telf: 371254

1200 - LISBOA

MEDALHAS COMEMORATIVAS

Medalha comemorativa da inauguração do novo centro de trabalho do P. C. P. de ALMADA



MEDALHAS EM BRONZE 80/MM
R. VITOR CORDON, 12

Lançamento em 28/9/80

PEDIDOS:

- Comissão Concelhia de Almada
Rua de Moçambique, 10-B 2800 Almada
- Atelier Belo Marques
Rua da Trindade, 5-2.º Dto 1200 Lisboa
- À venda na n/ loja
Rua Vitor Cordon, 12 1200 Lisboa

300\$

I.º CONGRESSO DA J.C.P.



300\$

ROTEIRO CULTURAL

Música

Lembramos novamente que o **Grupo de Jazz de Rão Kyao** realiza hoje, amanhã e depois, a partir das 22,30, na cave do Restaurante Velha Goa, em Campo de Ourique, três concertos de jazz. A formação do grupo é a seguinte: Rão Kyao (saxofone e flautas), António Pinho (piano), Fernando Júdice (contrabaixo) e Zlacto Kaucic (bateria).

Mais Jazz: hoje e amanhã, pelas 22.30, no Hot Club de Portugal, concerto de jazz pelo Quarteto Collignon, composto por Dominique Maurin (saxo-tenor), Fred Mergner (guitarra), António Ferro (baixo eléctrico) e Henry Mealha (bateria). Um Quarteto muito próximo da música que Thelonious Monk criou.

Cinema

«**Cara Irene**», de **Christian Braad Thomsen** e **Mette Koudsen**, é o filme dinamarquês que os leitores podem ver amanhã e depois, às 15 e



Cena de «Tu não conheces a música», de Robert Ahrbarch, pelo TAS

às 18 horas, na Galeria Nacional de Arte Moderna, em Belém. «**Cara Irene**» é um filme que descreve personagens vítimas de uma espécie de vazio afectivo, um filme que nos fala do sentimento de frustração brutal que se manifesta num grande número de ligações amorosas entre pessoas sexualmente emancipadas mas sentimentalmente frustradas. Em suma, um filme de grande «actualidade».

Não esqueça: hoje à noite, pelas 23 e 30, «Um Americano

em Paris», de Vicente Minnelli, exhibe-se no Cinema Quarteto. Uma das grandes comédias musicais de sempre com Leslie Caron e Gene Kelly.

Festas

No quadro das **Festas de Bocage**, o Teatro de Animação de Setúbal (TAS), apresenta hoje, às 21.30, em Man-teigadas, a peça «Tu não conheces a música?». Também no quadro das Festas de Bo-

cage, o TAS apresentará amanhã na Sala Carlos Ferreira, em Setúbal, a peça «Fragmentos», de Murray Schisgal. Enquanto uns assistirão a «Fragmentos», outros poderão deslocar-se ao Grupo Desportivo Recreativo «O Independente» para assistir à exibição da peça «A Confissão», de Bernardo Santareno, pelo Grupo «Presença de Setúbal». Mais ainda: os dois grupos — o TAS e o «Presença de Setúbal» — repetirão as suas actuações, domingo, nos mesmos locais.

Inicia-se hoje, em Alpiarça, a Festa da Liberdade, iniciativa do Partido Comunista Português. Durante três dias — hoje, amanhã e depois, nas instalações da Cooperativa «Unidade», na Praça Velha, realizar-se-á um programa voltado, sobretudo, para o Desporto e espectáculos musicais. As receitas desta Festa da Liberdade reverterão em benefício do Parque Infantil de Alpiarça.

A **1.ª Semana Cultural do Centro Cultural José Duro**, de Portalegre, é «inaugurada» domingo, às 11 horas, no Jardim do Tarro, com a abertura da Feira do Livro. Uma hora depois, abertura da exposição de artesanato regional, na Euterpe. Às 15 horas, 1.º Passeio de Domingo, com início no Convento de Santa Clara. Depois de uma visita à Sé e ao Castelo, homenagem a José Duro, na Corredoura. Por último, e perto das 21.30, espectáculo de Teatro e Poesia pelo Centro Cultural José Duro. A semana prosseguirá até ao próximo dia 28. A ela voltaremos, num próximo Roteiro.

Já o assinalámos ontem, voltamos a assinalá-lo hoje: o «**Circo Povo Unido**», instalado no campo 24 de Agosto, no Porto, e integrado na campanha eleitoral da APU, leva a efeito hoje, pelas 18 horas, um debate sobre política de Educação e, pelas 21.30, uma sessão de homenagem a Camões com as presenças de Vítorino de Almeida e Óscar Lopes.

Exposições

Abriu ontem em Lisboa, na **Galeria «Quadrado»**, uma **exposição de Arte Postal**, constituída por mais de 700 trabalhos de 135 artistas que durante um ano enviaram, pelo correio, a sua correspondência com vista a esta mostra.

Assinalando o 1.º aniversário do falecimento do presidente **Agostinho Neto**, está patente uma exposição fotográfica e documental na Associação de Amizade Portugal-República Popular de Angola (R. das Portas de Santo Antão, 117, 2.º), todos os dias das 19 às 21 horas. Hoje, às 21.30, no mesmo local, será projectado um filme sobre os funerais de Agostinho Neto. Na segunda-feira, também às 21.30, realiza-se uma sessão com a presença do embaixador de Angola.

A **Cooperativa Diferença (R.S. Filipe Nery, 42, 1.º, dias úteis das 16 às 20 horas)** organizou uma **exposição-homenagem a José Conduto**, seu sócio fundador, recentemente falecido. Participam: Alberto Pico, Ana Isabel, José Barrias, Artur Rosa, Cerveira Pinto, José Escada (entretanto também desaparecido), Ernesto de Sousa, Fernando Calhau, Helena Almeida, Joaquim Carapinha, Joana Rosa, Joaquim Tavares, João Vieira, Jorge Faílforca, José de Carvalho, Leonel Moura, Madeira da Rocha, Monteiro Gil, Palolo e Paulo Inácio.



CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
BANCO FUNDADO EM 1864

PAGA OS MAIS ALTOS JUROS DA BANCA

COTAÇÕES DE NOTAS E MOEDAS ESTRANGEIRAS

	COMPRA	VENDA
AFRICA DO SUL (rand)	49\$30	54\$30
ALEMANHA FED. (marco)	27\$55	28\$65
AUSTRIA (xelim)	3\$80	4\$00
BELGICA (franco)	1\$649	1\$749
BRASIL (cruzeiro)	\$465	\$715
CANADA (dólar - notas de 1 e 2)	41\$70	43\$70
(notas de 5 a 1000)	42\$20	44\$20
DINAMARCA (coroa)	8\$90	9\$30
ESPAÑA (peseta)	\$637	\$737
EUA (dólar - notas de 1 e 2)	48\$90	50\$90
(notas de 5 a 1000)	49\$40	51\$40
FINLÂNDIA (marka)	13\$50	14\$10
FRANÇA (franco)	11\$65	12\$45
HOLANDA (florim)	25\$35	26\$35
INGLATERRA (libra)	118\$00	122\$00
IRLANDA (libra)	104\$35	108\$35
ITALIA (lira)	\$053	\$063
JAPÃO (iene)	\$210	\$240
NORUEGA (coroa)	10\$15	10\$65
SUECIA (coroa)	11\$85	12\$45
SUIÇA (franco)	30\$10	31\$20
VENEZUELA (bolívar)	9\$95	10\$95

Observações:

1. - No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2. - Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil.

tempo

SITUAÇÃO DO TEMPO ÀS 09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava em geral muito nublado, o vento era fraco e caía chuviscoem algumas regiões.

TEMPERATURAS DO AR

Viana do Castelo	16°
Bragança	14°
Vila Real	14°
Porto	16°
Penhas Douradas	9°
Coimbra	16°
Cabo Carvoeiro	17°
Portalegre	14°
Lisboa	19°
Évora	16°
Sines	18°
Beja	18°
Sagres	19°
Faro	22°
Ponta Delgada	18°
Funchal	22°

MARÉS DE HOJE

	PREIA-MAR	BAIXA-MAR
11.25	3,2 m	4,70 m
24.14	3,2 m	17.28 1,7 m
Dia-20		
12.39	3,4 m	5.58 1,7 m
18.35	1,4 m	
Dia 21		
1.17	3,5 m	6.58 1,4 m
13.35	3,7 m	19.28 1,1 m

PREVISÃO DO TEMPO ATÉ ÀS 24 H DE AMANHÃ

Céu muito nublado tornando-se temporariamente pouco nublado nas regiões a Sul do Tejo; vento fraco ou moderado predominando de Noroeste; aguaceiros a Norte do Rio Tejo.



NASCE ÀS 7.23
OCASO ÀS 19.37

Dia 24 DIA 1 DIA 9 DIA 17



UMA AGENCIA DE VIAGENS DE SERVIÇO COMPLETO

Lisboa Estoril Porto Guimarães Faro Portimão Madeira e Açores

rádio

1.º Programa

17.00: Informação «Velhos são os Trapos»; 17.30: «Sem Margem»; 19.00: Sinal Horário - Campanha Eleitoral; 20.30: «Jornal da Noite»; 21.00: A Volta do Mundo; 21.30: 3.º Episódio do Folhetim «Oliver Twist», de Charles Dickens; 22.00: «Programa da Noite»; 23.30: Títulos do Jornal da Manhã-Noite; 24.00: «Jornal da Manhã Noite».

2.º Programa

15.15: «Que quer Ouvir?» - Oratória «Sensão», de Heendel, Orquestra Sinfónica de Utah; 18.00: Música Portuguesa; 19.00: Música de Harpa: Interpretações de Nicanor Zabaleta; 19.30: Cancioneiro Popular; 20.00: Ciclo Telemann; 22.00: Sonata em dó maior (de exercícios musicais); - Cantata (coração feliz cheio de alegria); - «Música de Table» - Cantata «O canário»; 21.35: Concerto Sinfónico - Concerto em si bemol maior, K 207, de Mozart - Sinfonia n.º 4, op. 43, de Chostakovich, pela Orquestra de Filadélfia; 23.00: Intercâmbio Musical: Temporada de concertos de 1979/80 da Rádio do Sarre em gravações cedidas por aquela emissora alemã: pelo Conjunto Hesperion XX; 23.35: Música Sinfónica - Marcha de Raczky, de Berlioz, pela Orquestra Filarmónica de Nova Iorque - Sinfonia n.º 6, em lá menor de Mahler, pela Orquestra Filarmónica de Nova Iorque; 01.00: Fecho.

Rádio Comercial (290 m)
17.03: Contacto; 17.40: Trânsito; 18.10: Splash; 18.45: O mundo da fórmula 1; 19.00: Campanha Eleitoral (simultâneo Prog. 1); 20.35: Emissão regional: Emissor de Porto Alto; 20.38: Teatro Trágico; 20.50: Cartaz; 21.03: Música para meditar; 21.30: Quando o Telefone Toca (1.ª ed.); 22.00: SH - Noticiário; 22.03: Quando o Telefone Toca - (2.ª ed.) (3.ª ed.); 23.00: SH Noticiário; 23.05: Portugal e a CEE.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)
16.03: Rock em Stock; 16.30: Rock por letras; 18.03: Circuito em FM; 19.03: Em Órbita; 21.03: Café Concerto; 22.00: SH - Noticiário; 23.00: SH - Noticiário.

RÁDIO RENASCENÇA
18.00: Noticiário Regional; 18.08: Apelos; 18.15: Igreja em Notícia - Palavra do Dia; 18.30: Transmissão do Terço do Externato do Parque; 19.00: Cantinho dos Amigos; 19.25: Leitura do programa; 19.30: Noticiário; 20.00: 60 Minutos; 20.54: Apelos; 21.00: Noticiário; 21.05: Cantinho dos Amigos; 21.30: Temas Vivos; 22.00: Quando o Telefone Toca; 22.30: Estante Giratória; 23.00: Noticiário; 23.05: Última Hora; 23.55: Meditando e fecho.

Tiragem média diária do mês anterior: 47 868 exs.

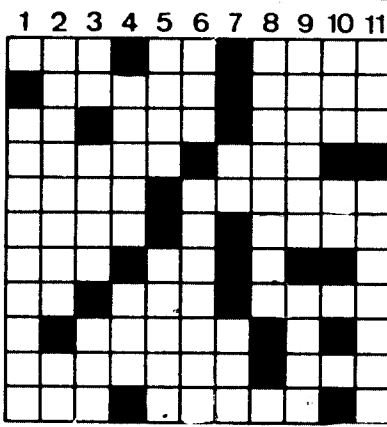
palavras cruzadas

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 12739

HORIZONTAIS:

- 1 Recusa. Tempo do verbo haver. Vila e concelho do distrito do Porto.
- 2 Aparências. Vila e sede de concelho (Aveiro).
- 3 Cobalto (s.q.). Freguesia do concelho de Oliveira do Bairro. Alegria.
- 4 Carro de duas rodas usado na África do Norte para transporte de pessoas e víveres. Joeira.
- 5 Ir para fora. Vigas.
- 6 Apre! Pessoa que dança mal. (Prov. alentejano).
- 7 Madre. Centímetro.
- 8 Proposição. Hora canónica correspondente às quinze horas. Equipe.
- 9 Cadeira.
- 10 Instrumentos de vidro usado nalguns laboratórios. Tomba.
- 11 Fecho as asas para descer mais depressa (inv.). Aldeia de Itália.

Resolva completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.



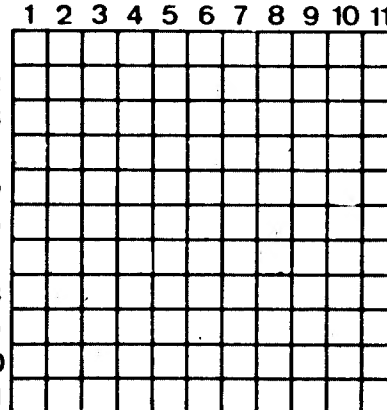
VERTICAIS:

- 1 Enlace.
- 2 Assanharam. Medida itinerária do Japão.
- 3 Proposição e artigo (inv.). Serra de Portugal. Colocou.
- 4 Indigente. Também não.
- 5 Cidade da Holanda. Cadáver.
- 6 Pega. Nome de fruta.
- 7 Cidade da antigas Caldeias. Acrescentando uma vogal é interjeição designativa de afasta!
- 8 Lençol ou outra cobertura que envolve o cadáver que vai ser sepultado.
- 9 Desapachava. Fértil.
- 10 Seguias. Erbo (s.q.).
- 11 Anel. Espalhas.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 8799

HORIZONTAIS:

- 1 Cidade da Turquia. Cidade do departamento de Vaucluse.
- 2 Espécie de ra que vive nas montanhas. Versejara.
- 3 Dar milos. Caminhar. Proposição e artigo.
- 4 Deus dos pastores. Sentidas condolências.
- 5 Excêntricas.
- 6 Cachimbo persa em que o fumo atravessa água perfumada. Levas à toa, à sirga.
- 7 Ilha grega do mar Egeu, a mais importante das Espórades do Norte.
- 8 Personagem lendário, mais conhecido por «Judeu Errante». Pedras de moinhos.
- 9 Freguesia do concelho de Alenquer. Freguesia do concelho de Arouca.
- 10 Rompias. Niquel (s.q.).
- 11 Prefixo de negação. Pega. Estimas.



VERTICAIS:

- 1 Cidade da Irlanda. Cidade de Itália.
- 2 General de Napoleão. Tomaram rumo ou direcção.
- 3 Divindade do antigo México, personificação das águas celestes, senhor do inferno chamado Tlalocan. Acrescentando uma vogal é imposto de transmissão.
- 4 Rio da Suíça. Basta! Onda.
- 5 Nome de letra. Espectáculos.
- 6 Tempo do verbo ir. Indignava.
- 7 Oásis. De alto preço.
- 8 Pesquisa. Emprega.
- 9 Três vogais iguais. Isolado. Abreviatura da palavra inglesa mister (senhor).
- 10 Vantagens. Torna morno.
- 11 Tabernas. Tempo do verbo ir.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 12738

HORIZONTAIS:

- 1 Talhas. NA.
- 2 Ab. As. Par.
- 3 Rabinos. Enal.
- 4 Drenar. Ar.
- 5 Acra. Domina.
- 6 Na. Ume. Agem.
- 7 Alinados.
- 8 Ae. Mato. Pá.
- 9 So. Adornem.
- 10 Alt. Donaire.
- 11 Pastosa. Mão.

VERTICAIS:

- 1 TARDANÇA. Pá.
- 2 Abarca. ESTÁ.
- 3 Ber. Ois.
- 4 HAINAUT.
- 5 Asna. Mimado.
- 6 Ordenados.
- 7 Ps. Atona.
- 8 O. Amadora.
- 9 PERIGO. Nio.
- 10 Nan. Nêpera.
- 11 Aramam. Amem.

Provérbio: NA TARDANÇA, ESTÁ O PERIGO.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8798

HORIZONTAIS:

- 1 Jamaica. Ham.
- 2 Ópio. Muar.
- 3 Mar. Sai. Rãs.
- 4 Orates. Calo.
- 5 Tremelão.
- 6 Cá. Me. Ir. Ad.
- 7 Am. Ne. Alara.
- 8 NE. RTP. Dá.
- 9 An. IE. Átomo.
- 10 It. Assoa. És.
- 11 Sois. Os. Ps.

VERTICAIS:

- 1 Jomo. Canais.
- 2 Apartamento.
- 3 Mirar.
- 4 Ao. Ternerias.
- 5 Sementes.
- 6 Ase. Só.
- 7 Am. Ria. Aos.
- 8 Carota.
- 9 Harão.
- 10 Aral. Arames.
- 11 Soldados.

Electronica A. Rodrigues
Reparações T.V. Cores e Preto e Branco Tel. 73 12 36

farmácias

LISBOA PERMANENTE

PAIS, R. Abade Faria, 22-A (T. 883965); SANTO AMARO, R. Filinto Elísio, 29-A-B (T. 637070); BRISÁLIA, Av. Rio de Janeiro, 66-66-A (T. 882368); FATIMA, Av. 5 de Outubro, 147-A (T. 763107); SIRIUS, R. Flávio de Almeida, 38-A (T. 44000); BARRAL, R. Augusta, 225 (T. 361534); REBOCHO, R. Tenente Coronel Ribeiro Reis, 12-A (T. 743671); PINHEIRO, R. Campo de Ourique, 135 (T. 686640); ALAMEDA, Al. das Linhas de Torres, 201-B (T. 790942); FONTOURA DE CARVALHO, R. Santos-o-Velho, 12 (T. 662075); CABRITA, Parque Residencial Miraflôres, lote 12 (T. 2101486); MONSERRATE, R. Guilherme Gomes Fernandes, 31-A (T. 911139); CRUZ CORREIA, E. Santo Elói, 41-A (T. 992453).

REFORÇO

PEREIRA, SUC., R. Paraíso, 98-100 (T. 863224); AVIS, Av. de Roma, 56-B-C (T. 895370); BOM SUCESSO, R. Bartolomeu Dias, 63-A (T. 611454); NOVA, R. de Campolide, 297-C (T. 687475); MORGADO LOURENÇO, L. Estefânia, 4-5 (T. 554808); ANDRADE RIBEIRO, Av. Infante Santo, 66-B (T. 666971); FERNANDES BORGES, Av. Cidade de Bolama, lote 388 (T. 311091); HIGIENICA, R. Heliodoro Salgado 20-A (T. 844361); MARLUZ, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); S. MAMEDE, R. Escola Politécnica, 82-B (T. 660280); BRITO, R. do Colégio, lote 32-B (T. 993351); NOVA, R. Açores, 11-A (T. 910305); MATOS, T. Prioras, Vvenda Morgadinho (T. 2519939); VAZ MARTINS, R. António Ferro, 6-A (T. 970660).

Linha de Cascais

TIRES: Guimarães. Até às 21 horas; ALCABIDECHÊ: Carvalhal. Até às 21 horas; PORTO SALVO: Ferreira Bastos. Até às 21 horas; CAXIAS: Nova, R. Bernardino Ribeiro, 1-A (T. 242839). Até às 22 horas; OBRAS: Alcântara Guerreiro, R. Residencial Dr. Augusto de Castro, lote 10 (T. 2430891). Até às 24 horas; NOVA OBRAS: Leal. Até às 21 horas; CARCAVELOS: Central. Até às 24 horas e das 0 às 9 horas; VILAR. Até às 22 horas; S. DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira, Av. Sabóia, 29-B (T. 260085). Até às 21 horas; PAREDE: Brandão, Av. da República, 77-C (T. 2471054). Até às 24 horas e das 0 às 9 horas; Juncalheiro Mendes. Até às 21 horas; AMOREIRA: Amoreira (T. 262313/267314). Até às 22 horas; MONTE ESTORIL: Sulga, Cruzeiro (T. 260087). Até às 21 horas; CASCAIS: Misericórdia, R. Regimento 19, 41 (T. 260141). Até às 21 horas; Cascais, R. Conde Monte Real, B.º das Caixas (T. 282407). Até às 24 horas e das 0 às 9 horas.

Outra Banda

ALMADA: Silva Júnior, Av. Frederico Ulrich, 9-2.º piso (T. 2768030); COVA DA PIEDADE: Morgado, R. Cabo da Boa Esperança, 25-A (T. 2767356); LARANJEIRO: Moderna, R. Dr. Antó-

nio Elvas, 84 (T. 2490305); COSTA DA CAPARICA: Carlos, Av. do Mar, Quinta de St. António (T. 2401060); SESIMBRA: Leão, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233028); BARREIRO: Marcarenhas Neto, R. Almeida Garrett, 1 (T. 2076454); AMORA: Nobre Guerreiro, R. Dr. Emilio G. Garcia, Campos, 2-A; SEIXAL: Soromenho, R. Palva Coelho, 38 (T. 2218560); MONTIJO: Giraldes, R. Almirante Reis, 45 (T. 2310008); MOITA: União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025); ALHOS VEDROS: Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 204040); ALCOCHETE: Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 234137).

Linha de Sintra

AMADORA: Girassol, R. Elias Garcia, 17-C (T. 971121). Permanente; Helénica, R. Elias Garcia, 2 (T. 933613). Até às 22 horas; DAMAJA: Confiança, R. D. Maria II, lote D (T. 9710231). Até às 22 horas; QUELUZ: Gil, Av. Miguel Bombarda, 28 (T. 950117); CAMARATE: Nova da Charneca, R. Cidade de Lisboa, 94 (T. 2518726); CACÉM: Garcia, Av. dos Missionários, 2 (T. 2942181); AGUALVA-CACÉM: Mira Sintra, P. N. Torre, 310. Até às 20.30; MEM MARTINS: Miranda Garcia, E. de Mem Martins, 173-B (T. 29114103). Até às 24 horas; MERCES: Claro Russo. Até às 21 horas; SINTRA: Si-mões, Estefânia (T. 2930832). Permanente; COLARES: Abreja (T. 299088).

MOSCAVIDE - Varela - Av. Mosca-vide, 44 (Tel. 2518520) Permanente

SACAVEM - Lourenço - R. Almirante Reis, 31 (Tel. 2518151) Até às 22 horas

Porto

(De dia e só até às 22 horas)

PASTELEIRA - Rua André de Resende, 92, (Tel. 6877011); ALMEIDA CUNHA - Rua Formosa, 327, (Tel. 24874); CONTUMIL - Rua de Contumil, 540 (Tel. 485755); SAMPAIO - Rua de Cedofeita, 638, (Tel. 21782); VAZ TEIXEIRA - Rua do Heroísmo, 56, (Tel. 52782); COSTA LIMA - Av. da Boavista, 855, (Tel. 6606); MARQUES DE MENDONÇA - Rua do Ameal, 251, (Tel. 487118); SÃO JERÓNIMO - Rua de Santos Pousada, 622, (Tel. 54526); SAUDE - Av. Combatentes Grande Guerra, 689.

(De dia e toda a noite)

ORIENTAL - Rua do Bonjardim, 727, (Tel. 278778); CARDONA DOS SANTOS - Rua de D. Manuel II, 90, (Tel. 315051); BARRA - Praça da Liberdade, 125, (Tel. 204683); MAFALDA - Rua do Monte Cativo, 44, (Tel. 481637).

Colimbra

(Das 9 às 9 do dia seguinte)

ADRIANA - Pr. da República, 20-22, (Tel. 23608); ESTÁDIO - Rua do Brasil, 348-r/c, (Tel. 72710).

CHICAI...-Este é o Bom Governo de Portugal! Hoje às 20.30 e 22.45

cinemas e programas de televisão

abcCINE

803055

Centro Comercial de Alvalade

SALA A
13 anos
Às 14.30, 16.30, 18.30, 21.30 e 23.45
NEM GUERRA, NEM PAZ
festival Woody Allen
SALA B
Às 15.00, 17.00, 19.00, 21.30, 23.45
THE LONG READERS
the Long Readers
o Bando de Jesse James
int. men. 13 anos

ALVALADE

897480

Av. de Roma

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
int. men. 13 anos
a operação impossível...
libertar Rolweri
COMANDOS: OPERAÇÃO LEOPARDO
com Giuliano Gemà e Jacques Perrin

APOLO

763319

Av. Júlio Dinis, 10-A

A partir de hoje às 21.30
Não acons. men. 13 anos
UM CRIME NO EXPRESSO ORIENTE
Hoje às 13.30, 15.30, 17.30 e 19.30
Últimas exhibições do filme
CORRENDO PARA A VITÓRIA

AVIS

547163

Av. Duque D'Ávila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30
Para todos
uma estreia de grande
gargalhada
«A 7.ª COMPANHIA AO LUAR»
Com Jean Lefebvre, Pierre Mondy
e Patricia Karim

BERNA

776098

Av. Marquês de Tomar

14, 16.30, 19, 21, 21.30
não acons. men. 13 anos
John Travolta/Debra Winger/Scott Glenn
O COWBOY DA NOITE
CORRENDO PARA A VITÓRIA

AVIS

547163

Av. Duque D'Ávila, 45

0120 COWBOY DA NOITE
um filme de James Bridges,
Clorido-Panavision

CALEIDOSCÓPIO

795083

Campo Grande
A partir de hoje às 14 h
Festival Tom Jerry
em Cinemascope
Para todos

CASILL

530194

Rua Castilho

15.30, 18.30, 21.30,
não acons. men. 13 anos
GELADO DE LIMÃO II
(Going Steady)
um filme de Boaz Davidson

CINE 222

579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (Ao Saldanha)
Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
MENINOS RICOS
Um filme de Robert Altman

Às 23.45 - Não acons. men. 13 anos
FEBRE DE VELOCIDADE

CINEBOLSO

573407

R. Actor Taborda, 27-B

Às 12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30
int. men. 18 anos
pornográfico hardcore, estreia
nunca um filme foi tão longe no erotismo
JULIA, UMA MÁQUINA SEXUAL
às 24 horas,
O DIA DA VIOLÊNCIA

CINE BLOCO

556824

Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas
Às 14, 17.30 e 21.45
Interdito a men. 18 anos
O CAÇADOR
Um filme de Michael Cimino
Com Robert de Niro e Christopher Walken

Às 00.30
DOMINGO NEGRO
Não acons. men. 18 anos

CINE CAMÕES

324194

Rua do Loreto, 15

Às 14, 16.30 e 21.30
não acons. men. 13 anos
ENTRE O AMOR E O DEVER
um filme de Mo Han

CINEMATECA PORTUGUESA

R. Barata Salgueiro, 39

Às 21.30
Ciclo do Panorama do Cinema Português
Não acons. men. 18 anos

A CONFEDERAÇÃO
de Luis Galvão Teles - 1976/1977

CITY CINE

579460

Rua Tomás Ribeiro, 34

Às 15, 18
não acons. men. 13 anos
às 21.30
REGRESSO DOS HERÓIS
Interdito men. 13 anos
23.45 - **O LEOPARDO**
de Luchino Visconti

DOIS MIL

2100055

Bomb. Voluntários, Lote 113-Algés

Às 21.30
Não acons. men. 13 anos
O COWBOY DA NOITE
C/ John Travolta

D. JOÃO V

971794

Pr. Centro Comercial - Damala

às 21.30,
O GRANDE ATAQUE AO COMBOIO DE OURO
Um filme de Michel Crichton
Não acons. men. 13 anos
24 h - **E O HORIZONTE FICOU EM CHAMAS**

EDEN

320768

P. dos Restauradores, 21

Hoje estreia às 21.30
Não acons. men. 18 anos
A CONSPIRAÇÃO DO URÂNIO
Hoje às 14 - 16.30 - 19 h
GELADO DE LIMÃO II

ESTÚDIO

555134

Av. Afonso Henriques, 35
Às 15.30, 18.30, 21.30
O NAVIO FANTASMA
3.ª semana

ESTÚDIO 444

779095

Av. Defensores de Chaves 83 B
15.30, 18.30 e 21.30
Int. men. 13 anos
um filme de Boaz Davidson
GELADO DE LIMÃO II
sabor doce e ácido de quando se é jovem: A grande comédia da nova temporada
Venha mais cedo e venha ver a «DONA XEPA» no nosso Televisor

EUROPA

661016

R. Almeida e Sousa, 35

2 sessões: 15.15 e 21.30 - Int. m/ 13 anos
A ILHA DOS URSOS
Donald Sutherland - Vanessa Redgrave

Às 24.00 h. em «Sessão da meia-noite»
Não acons. men. 18 anos
OS APETITES DE LADY DRACULA
Eroticamente tenebroso
Venha mais cedo ver a «DONA XEPA» a cores

IMPÉRIO

555134/5

Al. Afonso Henriques, 35
15.15, 18.30 e 21.30
OS VAGABUNDOS DE NOVA YORK
um filme de Philip Kaufman

LONDRES

801313

Av. de Roma, 7-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
Int. men. 18 anos
DE ROSE
Com Bette Midler e Alan Balaf

MONUMENTAL

555131

P. Duque de Saldanha
A 25.ª HORA
15.15, 18.15
Int. men. 13 anos
Às 21.45
ALVORADA AZUL
C/ Burt Lancaster, Peter O'Toole, John Hills
Projeção do filme 5 min. após início das sessões

MONTECARLO

681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37

Não acons. men. 13 anos
21.45 - Estreia do filme
TEMPO DE FÉRIAS
Um filme de Claude Vital, c/ Daniel Ceccaldi, Eleonore Klarwein e Nathalie Delon
Às 15.30 e 18.30 - Últimas do filme
A 25.ª HORA

MUNDIAL

538743

R. Martins Ferrão, 12-A

A partir de hoje às 21.30
FACE A FACE
Um filme de Ingmar Bergman
Às 14, 16.30 e 19 h - Últimas de
O COWBOY DA NOITE
Não acons. men. 13 anos

NIMAS

574362

Av. 5 de Outubro, 42-B
Às 14, 16.15, 18.30 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
O CASAL PERFEITO
em 4.ª mês de exibição
de lotação esgotada

NOVOCINE

840678

Av. General Ropadas, 7

Às 15.15 e 21.30
OU PAGAS OU MORRES
com Brad Pitt, José Torre, Gisela Hann
Não acons. men. 13 anos

ODEON

328283/4

R. Condes, 12 e 20

às 21.30 estreia
int. men. 13 anos
Rishi Kapoor, Ranjeeta em
UM AMOR ETERNO
às 15.15 - 18.15 e 21.30

PATHE

821933

R. Francisco Sanches, 122

Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30
O HOMEM EM HONG KONG
com Jimmy Wang e Rebecca Gilling

POLITEAMA

326305

R. Portas de St. Antão

Às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30
não acons. men. 13 anos
GALYON - O INDESTENTIVEL

QUARTETO

771378

R. Flores Lima, 16

SALA 1 - 14.30, 16.45
Grupo C - 14 anos
AS BRANCAS MONTANHAS DA MORTE
Realiz. Sidney Polak

SALA 2 - 14.30, 16.45, 19
Int. men. 18 anos
A MULHER, O CORPO E O ESPÍRITO
Realiz. Gilles Charle

SALA 3 - 15, 17, 19
Não acons. men. 18 anos
FILME DE QUALIDADE
OS MISTÉRIOS DO ORGANISMO
Realiz. Dusan Mlavejev

SALA 4 - 14.30, 16.45, 19
não acons. men. 18 anos
O SENTIMENTO
Realiz. Luchino Visconti

RESTELO

610375

Av. Torre de Belém

Às 15.30 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
A grande aventura do «Western»!
OS 7 MAGNÍFICOS
com Yul Brynner, Steve McQueen
Charles Bronson e James Coburn

ROMA

887778

Av. de Roma, Lote JRB

Às 15.15, 18.30 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
CORRENDO PARA A VITÓRIA
Com Michael Douglas, Susan Anspach

ROXY

548560

Av. Almirante Reis, 20

Às 21.30 - Estreia!
Não acons. men. 13 anos
TEMPO DE FÉRIAS
com Jean Lefevre e Nathalie Delon

SÃO JORGE

579144-579344

Av. de Liberdade, 175

Às 15.15, 18.15, 21.30
int. men. 13 anos
THE LONG RIDERS
O BANDO DE JESSE JAMES
David Carradine, James Keach

SATÉLITE

562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61

4 sessões, 15, 17, 19 e 21.45
int. men. 13 anos
UM PASSADO SIMPLES
Marie José Nat e Victor Lanoux

STAR

804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
Não acons. men. 18 anos
Uma comédia divertidíssima...
UM CASAMENTO MUITO ORIGINAL
Com Perry King e Meg Foster
8.ª semana

TERMINAL

371573

Estação do Rossio

Às 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
Não acons. men. 13 anos
KRAMER CONTRA KRAMER
Dustin Hoffman, Mary Streep
27.ª Semana de êxito

PORTO PAGO

DL

PROPRIEDADE, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

RENASCENÇA GRÁFICA, SARL

Administração, Redacção, Serviços Técnicos e Publicidade: RUA LUZ SORIANO, 44 1200 LISBOA

Telefones 321154/5 - 320271/2/3 Publicidade - 368740

Agentes: Assinaturas e Contabilidade: Rua Castilho, 185-1 - 1100 LISBOA Telefones 654531/2/3

Serviço de noite (depois das 21): Porteiro - 321154 Redacção 320271/2/3 Mensagens gravadas 320229

Endereço Telegráfico: DIBUA Telex 12363 LISBOA PORTUGAL

DELEGAÇÃO DO PORTO: Rua do Almada, 30-2º Telefones 20954/5 4000 PORTO

Um "zeppelin" sobre Lisboa

... E o "Zeppelin" voou. Com dificuldades que o levaram a uma aterragem de emergência no campo de futebol da Academia Militar. De qualquer modo, voou, quebrando a série de sucessivos fracassos.

Com o símbolo da FRS e a bandeira sueca na retaguarda, o enorme dirigível azul, emprestado pelos social-democratas suecos, subiu ao princípio da manhã do Parque Eduardo VII pilotado por Mikael Kingberg e Janne Balkedal (ambos suecos também). Os dois pilotos não sofreram na aterragem mais ou menos acidentada.

Ao fecho desta edição desconhecia-se se, depois deste pequeno contratempo, o "Zeppelin" — um dos instrumentos da propaganda da FRS nesta campanha — tentará ainda sob-revoar esta tarde a capital e, mais ainda, se permanecerá de pé a tentativa que os dois pilotos tinham aprazada para amanhã de passar a Ponte 25 de Abril.

De qualquer modo, mesmo sem "Zeppelin", o lisboeta poderá presenciar esta tarde uma outra iniciativa propagandística invulgar: é também da FRS e trata-se de uma enorme marcha sobre a "Baixa" da capital... em bicicleta. Mário Soares integra-se na iniciativa. Só que irá em veículo de quatro rodas.

Os soldados quando viram surgir o "zeppelin", começaram por manifestar curiosidade, para logo ficarem um tanto alarmados: por um lado, é proibida a propaganda eleitoral em instalações militares e, por outro, os tripulantes gesticulavam e gritavam, ao mesmo tempo que o dirigível perdia altura.

Pretendiam os suecos que alguém os ajudasse na aterragem, pois o aparelho é muito leve e dificilmente controlável perto do solo.

Mais achegas para o "watergate-Sá Carneiro"

O jornal «O Diário» publica hoje nova documentação sobre o caso da dívida dos irmãos Sá Carneiro ao Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, avultando um relatório interno do director do Contencioso do Banco, dr. Martins Canhoto, segundo o qual, e na interpretação daquele matutino, nem o irmão do Primeiro-Ministro aceitou explicitamente a dívida — como se presumiria do facto de as duas dívidas terem sido juntas na conta de Ricardo Sá Carneiro, aberta em Lisboa — nem a dação em cumprimento dos títulos da Bolsa dos dois irmãos chegou a ser regularizada.

Mais ainda: defende «O Diário», em requerimento do seu director, Miguel Urbano Rodrigues, apresentado ao 8.º Juízo Correccional de Lisboa, que mesmo se o director do BESCL, Holtremann Roquette, tivesse, a título pessoal e junto dos irmãos Sá Carneiro, aceite a dação em cumprimento dos títulos da Bolsa de valores, essa dação seria nula por haver legislação a impedi-la. A base legal residiria numa decisão da Junta de Salvação Nacional, de 29 de Maio de 1974, e no despacho do Conselho da Revolução, de 16 de Agosto de 1975, considerando «nulas todas as transac-

ções efectuadas ou a efectuar relativamente a acções de empresas e transacções de títulos visto serem lesivas da economia nacional».

Da articulação de todos estes factos e com base, especialmente, no citado relatório interno dos serviços de contencioso do Banco Espírito Santo, o jornal «O Diário», usando um direito que lhe assiste, participou criminalmente na Polícia Judiciária para que «Francisco Sá Carneiro e os seus cúmplices — o irmão Ricardo, o prestável José Alfredo Parreira Holtremann Roquette e outros sejam obrigados a responder pelos actos que praticaram» (terminologia utilizada pelo mencionado matutino lisboeta).

Assunção da dívida

O requerimento de «O Diário» fala do parecer de um professor catedrático (o nome não é referido) favorável aos irmãos Sá Carneiro e que teria sido produzido com base em falsas informações sobre a assunção da dívida do irmão Francisco pelo irmão Ricardo.

«É evidente que não houve assunção de dívida nenhuma» lê-se no requerimento. A afirmação é justificada por uma passa-

gem do relatório interno do BESCL elaborado pelo dr. Martins Canhoto e segundo o qual Ricardo Sá Carneiro declarou em 10 de Março de 1977 que «nunca teve conhecimento da abertura da conta n.º 60 293 até à nossa carta do Banco de 19/12 de 77». Essa conta, aberta em Lisboa pelo dr. Roquette em nome de Ricardo Sá Carneiro, juntava as dívidas dos irmãos Sá Carneiro ao BESCL do Porto. A ser válida, eliminava a dívida do actual Primeiro-Ministro.

Terão faltado, portanto, os requisitos do art. 595.º do Código Civil: o Banco, como entidade credora dos aceites bancários causantes da dívida, nunca lhe deu, de modo nenhum, o seu assentimento. O que terá havido, diz «O Diário», foi «uma abertura de conta abusiva, fraudulenta, não contratada entre depositante e depositário».

A dação em cumprimento

A tese principal dos irmãos Sá Carneiro, neste caso e, muito provavelmente, a que o Primeiro-ministro, Francisco Sá Carneiro, vai defender em tribunal para tentar provar que nada deve ao BESCL, é a da entrega em pagamento de toda a carteira

de títulos.

Simplemente, o relatório do Contencioso do BESCL (que «o diário» de hoje chama «Relatório-Bomba») dá conta de sucessivas reservas do dr. Roquette — figura que está no centro de toda a embrolhada — em aceitar, sob essa forma, a regularização da dívida.

«Não existe documentação conhecida segundo a qual o BESCL tenha aceite os títulos como dação em pagamento» — diz o director de «O Diário» no seu requerimento publicado na edição desta manhã. Do relatório depreender-se-ia também, inequivocamente, que nunca se verificou tal dação.

E ao trazer à colação a legislação emanada da Junta de Salvação Nacional e do Conselho da Revolução, o matutino lisboeta, pela pena do seu advogado, Fernando Luso Soares, sustenta que mesmo se ela se tivesse verificado seria plenamente nula e de nenhum efeito. Terá acontecido, apenas, que o dr. Holtremann Roquette, «assumindo pessoalmente o compromisso de regularizar ele próprio o assunto, deu a Ricardo Sá Carneiro, de imediato, os aceites bancários», embora soubesse que «não podia receber a dação da car-

teira de títulos».

Fica também confirmado, desde hoje, pela revelação do chamado «Relatório-Bomba», que os irmãos Sá Carneiro sustentaram em tribunal a tese da efectiva realização da dação (de títulos) em cumprimento (da dívida). Se ela, se deu ou não, ou principalmente se a legislação a autorizaria nos termos e pelos meios que os irmãos Sá Carneiro invocam é o que os tribunais vão decidir quando reunirem para decidir se houve ou não difamação do jornal ao Primeiro-Ministro Sá Carneiro.

O Relatório é explícito ao assinalar que «Ricardo Sá Carneiro mantém e manterá a tese de que a dação está feita».

Em resumo: o novo caderno/especial de «O Diário», publicado com a edição desta manhã, assegura que jamais houve assunção da dívida do Primeiro-Ministro pelo seu irmão Ricardo, que jamais houve dação em cumprimento que possibilitasse a regularização da dívida dos dois irmãos ao BESCL e que os dois, mais o dr. A. P. Holtremann Roquette, cometeram «um crime de abuso de confiança em prejuízo da Banca nacionalizada». Por isso mesmo, «O Diário» fez uma participação criminal contra o trio.

Assalto ao museu de Guimarães foi obra de terroristas do ELP

Um golpista do 11 de Março e elemento responsável da organização do ELP é indiciado como autor do assalto ao museu Alberto Sampaio, de Guimarães, em 15 de Novembro de 75, no processo aberto pela Polícia Judiciária do Porto e que se encontra naquela cidade minhoto aguardando produção de melhor prova.

Trata-se de José Maria da Silva Horta, ex-oficial da Armada, conhecido como tendo ligações ao ELP/MDLP e homem de confiança de Alpoim Calvão. E-lhe, igualmente, imputado o assalto à Igreja de Viana do Castelo. Num e noutro caso foram roubadas jóias históricas a mais importante das quais, uma meada de ouro fino com 32 metros de comprimento, oferta do rei D. João I, à cidade de Guimarães.

O processo foi instruído na Polícia Judiciária do Porto, apon-

tando no início para grupos esquerdistas como autores materiais dos assaltos. Mas o aprofundamento das investigações desmentiria essa tese, ao identificar-se o Silva Horta e outros dos seus cúmplices.

Assim, aquele ex-primeiro-tenente da Armada é indiciado como tendo entrado no Museu durante a hora da visita, acompanhado de uma senhora. Já dentro do edifício, dominou o guarda à coronhada e aplicou-lhe uma máscara de clorofórmio, apoderando-se das jóias. Na rua, outro oficial, mas este da Força Aérea, aguardava numa viatura cedida pelo conhecido Ângelo da Peixeira (de Trancoso). O trio terá atravessado a fronteira em Vila Verde da Raia-Chaves.

Até hoje foi impossível localizar as jóias e ainda agora jornais de direita tentam imputar os assaltos a organizações de es-

querda o que os factos desmentem, tal como o passado golpista dos indiciados e a ideologia que se lhe atribui.

Quando a orientação inicial da instrução começou a apontar para alvos mais objectivos e directamente ligados aos golpistas de 11 de Março e à organização do ELP/MDLP, logo surgiram obstruções ao prosseguimento das investigações. Um inspector da PJ do Porto, participante do chamado «Congresso dos Combatentes», realizado já no exterior do fascismo, é apontado como tendo obstruído sistematicamente as investigações, logo que elas indicariam como autores elementos claramente fascistas.

O processo jazeu, assim, largo tempo nas gavetas e só há cerca de um ano foi encaminhado para o Juiz da Comarca de Guimarães, onde se encontra a aguardar produção de melhor prova.

Estranha-se que, em todo aquele tempo, não tenham sido emitidos mandados de captura, já que as provas acumuladas eram suficientes para identificar os autores do assalto e incriminá-los pelo menos provisoriamente.

O assunto voltou à baila na semana decorrente com uma apressada montagem da Imprensa de direita que, talvez para impedir o óbvio, isto é, a incriminação de elementos conotados com organizações fascistas e terroristas, tentou associar o assalto a grupos de esquerda.

Sabe-se que ao desenvolverem-se as investigações se tentou impedir o comprometimento das Forças Armadas (pois de oficiais se tratava). Daí a falar-se a pressões da hierarquia militar foi um passo. O passo seguinte — o dado agora pela Imprensa de direita — é o estabelecimento de ligações com o «Grupo dos Nove» já que o pai de

um dos indiciados é considerado próximo das posições desse grupo.

Mas o que se sabe de concreto é que o Silva Horta, esteve em Chaves, antes de transferir o saque para Espanha, em casa de um amigo do Ferreira Torres, mais tarde referenciado aquando do assassinio deste. Teve também o apoio, em Espanha, do pido, Pires Simão, agora preso em Ponte Vedra por guardar no seu estabelecimento uma grande quantidade de armas de guerra, pertença da Legião Portuguesa e de que o ELP se apoiou.

Devido ao facto de o Silva Horta ter permanecido, durante os dois dias que antecederam o roubo, em contacto em Guimarães com um elemento do clero, supõe-se que da parte de alguns elementos da igreja houvesse forte apoio aos terroristas do ELP.

Detidos dois jovens

Desvendada a morte do «Zé de Santarém»

Dois jovens de dezassete e vinte anos, cujas identidades a PJ não revelou de forma a não «causar perigo às investigações», acabam de ser detidos sob a acusação de terem assassinado o taxista José da Fon-

seca, o «Zé de Santarém», de 52 anos, na noite de um de Maio, entre o Nercal e a Espinheira. Como móbil do crime, o roubo do carro, com que os dois agressores haveriam de ter um acidente pouco depois nas proximidades

de Famalicão da Nazaré, recebendo então a tiro os automobilistas que os tentaram socorrer. Um dos jovens iria mais tarde tratar-se no Hospital de Leiria, a ferimentos numa das pernas.

A morte do motorista, ao pro-

curar evitar o roubo do carro, foi provocada por violenta agressão, tendo recebido ainda um tiro de misericórdia e atirado posteriormente para a bermã da estrada, onde seria encontrado na manhã seguinte.

Segundo a PJ, o carro foi ocupado momentos antes do crime por um terceiro indivíduo, que está provado, não tinha qualquer ligação com os dois detidos, mas cuja identificação poderia ser útil

Hoje há cinema e amanhã colóquio

Os funerais de Agostinho Neto em fotografias de Rui Pacheco

Continua patente ao público, até ao dia 21, uma exposição fotográfica do nosso camarada de redacção Rui Pacheco, evocativa das cerimónias fúnebres do Presidente Agostinho Neto, falecido há pouco mais de um ano. A entrada é livre e faz-se pela Rua das Portas de Santo Antão, 117, 2.º andar.

A exposição é acompanhada de outras realizações, de que é exemplo a sessão de cinema marcada para hoje, às 21 e 30, naquela morada (instalações da Associação de Amizade Portuguesa-RPA). Serão passados filmes relativos às exéquias.

Para amanhã, sábado, às 16 horas, está prevista uma sessão de leitura de poemas da «Sagrada Esperança», e, domingo, às 21 e 30, um colóquio subordi-

nado ao tema «A vida e Obra de Agostinho Neto».

As fotos de Rui Pacheco

As fotografias agora expostas na Associação de Amizade Portuguesa-RPA são, na sua maior parte, da autoria de Rui Pacheco, repórter fotográfico do «DL» e que, no ano passado, se deslocou a Angola em serviço, para fazer a cobertura do funeral de Agostinho Neto.

O conjunto de fotografias agora mostrado é uma pequena parte das que recolheu naquela oportunidade e que constituem um conjunto de documentos impressionantes do que foram as manifestações de pesar dos angolanos quando perderam o seu «Guia Imortal». Nos documentos fotográficos recolhidos por Rui

Pacheco ficaram registadas as imagens que vão desde os actos oficiais, com a presença de numerosos chefes de Estado e líderes políticos, até às manifestações de pesar que alastraram pelas ruas e constituíram momentos de dramatismo indescritível.

A iniciativa desta mostra é da Associação de Amizade Portuguesa-RPA que, recordando Agostinho Neto, afirma: «A sua memória permanecerá sempre viva no coração de todos os democratas e progressistas, em Angola como em Portugal, em África como em toda a Humanidade».

Tudo somado, justifica a importância que damos à exposição destas fotos do nosso camarada de redacção, sempre atento a tudo quanto «mexe» no mundo que nos rodeia.



1 SEMANA EM ITÁLIA

VIAGENS ACOMPANHADAS POR DELEGADO

GR. CIRCUITO ITALIANO

ROMA, FLORENÇA, PÁDUA, VENEZA, MILÃO E PISA

PARTIDAS TODAS AS 3.ª FEIRAS desde 3 de Junho a 21 de Outubro

Incluindo: avião, circuito em autotour, hotéis e visitas.

1 SEMANA EM ROMA

PARTIDAS TODAS AS 3.ª FEIRAS desde 3 de Junho a 21 de Outubro

Incluindo: avião, hotel, transportes em terra e visita da cidade.

Ganhe dia e meio... Viagem conhecida de manhã cedo, regressando ao fim da tarde. Compare os nossos horários!

PROGRAMAS E INSCRIÇÕES

abreu

Fundada em 1840

UMA EMPRESA PRIVADA, DINÂMICA E COMPETENTE AO SEU SERVIÇO

LISBOA Av. da Liberdade, 161 Telef. 371341

PORTO Av. dos Aliados, 207 Telef. 317921

COIMBRA Rua da Sota, 2 Telef. 27011/2

FAZENDA Av. da República, 124 Telef. 25035/6

FUNCHAL Rua do Gurgulho, 1 Telef. 31077/8

CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS